

CO

RA

GEM!

Erney Plessmann
de Camargo e o
desafio de fazer
ciência no Brasil

Coragem!

**Erney Plessmann de Camargo
e o desafio de fazer ciência no Brasil**

Coragem!

**Erney Plessmann de Camargo
e o desafio de fazer ciência no Brasil**

Introdução

6

Medicina e saúde

12

Ditadura e exílio

22

Cientista e professor

38

Gestão e política científica

60

Amazônia e África

98

Encontros e amigos

116

Ciência em família

140

Fundação Conrado Wessel

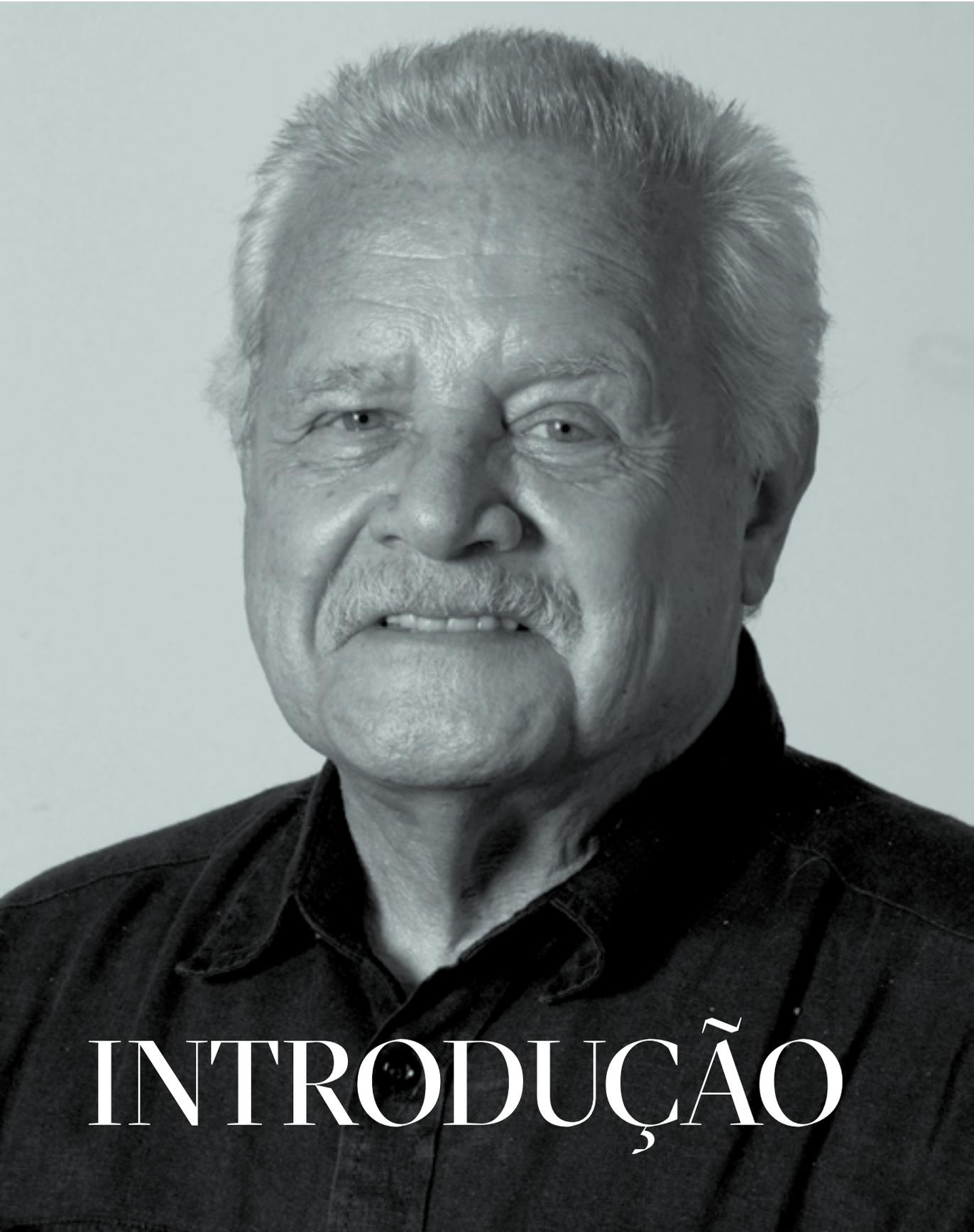
152

Depoimentos

158

Prêmio FCW

164



INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

Em 2002, convidei o Erney para coordenar o núcleo temático de uma edição da revista *Ciência e Cultura*. Estávamos desenvolvendo um novo projeto editorial e não havia ninguém melhor para fazer o núcleo, cujo tema era “Endemias”, do que um dos maiores especialistas em doenças negligenciadas no mundo. Tivemos uma primeira reunião em um restaurante em Higienópolis e ele aceitou. Convidou vários cientistas para escreverem artigos, entre eles Luiz Hildebrando Pereira da Silva, Marcello Barcinski, Vicente Amato Neto e Luiz Jacintho da Silva.

O resultado foi a *Ciência e Cultura*¹ de janeiro-março de 2003, que apresentou um texto do Erney na abertura e o artigo “Malária, maleita e paludismo”², em que tratou da questão da doença e de sua transmissão, de combates e tratamentos, das ações que foram desenvolvidas e deu um panorama histórico da doença no Brasil e no mundo. O artigo mostra de maneira impecável características recorrentes na figura do Erney, como a serenidade em tratar de temas emergentes e cruciais, uma serenidade que permitia ao raciocínio se organizar e se explicitar de maneira muito clara, ao mesmo tempo em que permitia formular de maneira objetiva ações que visavam solucionar problemas de saúde pública.

Os textos que escreveu na edição são emblemáticos do ponto de vista de sintetizar características fundamentais para o entendimento da personalidade do cientista, homem público, gestor, coordenador de projetos e grande motivador da ciência que o Erney foi no país e continua sendo pelo legado que deixou.

Os textos mostram como e porque as opções do Erney foram feitas desde o início, com o ingresso no curso de medicina e no Departamento de Parasitologia e sua preocupação com a saúde pública. O aspecto social da medicina sempre foi uma motivação chave nas escolhas que fez e, obviamente, a sua cassação do cargo de professor da USP em 1964 se deveu ao fato de que estava em um meio de objetivo absolutamente elitista e profissional no sentido exagerado da expressão, em que as pessoas se formavam em uma carreira de distinção e distinguida mas preocupadas somente com o sucesso pessoal e profissional.

Desde o começo essa manifestação é chave porque é o imperativo que o leva às opções políticas. Não é que o Erney fosse comunista, ele ria disso, ele era comunista no sentido

1 *Cienc. Cult.* vol.55 no.1
São Paulo jan/mar 2003.
<https://rb.gy/ak7nd>

2 <https://rb.gy/bo0g1>

de que suas ações estavam voltadas para o social e isso era o fundamental. Era, portanto, mais uma característica existencial do modo de ser do que uma opção ideológica. A ideologia vem depois, por estar lastreada em um substrato de comprometimento com a vida, com o ser humano e com a sociedade, que é a razão de tudo.

Isso é importante porque revela algo que será constante na vida do Erney e que está bem distinguida neste livro. Trata-se da coragem, um dos predicados que ele exalta e enfatiza, tanto na forma de enfrentar as situações, de conversar e motivar as pessoas, como na atitude, e tudo isso posto de maneira serena. Não são grandes lances no sentido de que de repente irrompe um gesto. As coisas são postas e ditas como se estivessem em uma narrativa em que a tônica é o cotidiano. Como se fizessem parte do modo de ser de cada um e esse modo de ser era algo bastante impressionante no Erney. Você conversava, se entusiasmava, falava e tal e ele permanecia sereno. Às vezes, fazia uma observação, às vezes era um sorriso, em outras um olhar, que iam revelando o grau de envolvimento dele com tudo e, ao mesmo tempo, a tranquilidade com que ele encarava as missões, os projetos e os objetivos, como parte da vida e do cotidiano.

Uma anedota ilustra as preferências eletivas do Erney no que diz respeito ao comportamento. Ele gostava de contar uma piada, que teria ouvido do Victor Nussenzweig. Um homem entra em uma loja em Nova York que vende papagaios, olha um bonito e pergunta o preço. “Dez mil dólares”, responde o dono. “Dez mil dólares? Mas o que ele faz?”, pergunta o homem. “Ele canta todas as músicas dos Beatles.” “E aquele outro?”. “Vinte e cinco mil, fala a Bíblia inteira, Velho e Novo Testamento”. O homem então aponta um terceiro. “Cinquenta mil dólares. Recita todo o Alcorão”. O homem anda pela loja até que vê um papagaio em um poleiro bem ao alto. “E aquele ali?”, pergunta. “Aquele não está à venda”. “Como assim, mas o que ele faz?”. “Não faz nada”, responde o dono da loja. “Não faz nada?”, questiona o homem. “Ele não faz nada, mas todo mundo o chama de sábio.”

É isso. Erney tinha horror de conversa fiada, ficava enfatiado logo que começava um discurso. Ele gostava quando eu dizia para ele que existem dois tipos de discursos, o bom e o

comprido. Essa era uma característica dele, de sempre dizer o fundamental e ao mesmo tempo tomar decisões fundamentais.

O Erney era um sábio com uma vocação social muito grande. Social do ponto de vista das preocupações ideológicas, social no sentido de reforçar a importância da convivência, do diálogo, da conversa, da participação, das situações em que o trabalho e a vida intelectual se mesclam com o prazer.

Tudo o que Erney fez, ele fez bem. Quando olhamos sua trajetória de vida do ponto de vista das atividades, sejam acadêmicas, de gestão ou de administração, vemos que ele teve um reconhecimento em vida da importância do que fez, do pioneirismo com que conduziu trabalhos sobre temas que afligem sociedades imensas e historicamente negligenciadas. Isso faz compreender imediatamente que da reflexão do trabalho intelectual, do trabalho de pesquisa, ele imediatamente passava para ações objetivas, que visavam pôr em prática aquilo que a ciência possibilitava e que as descobertas da ciência de que ele próprio participava permitiam.

CARLOS VOGT

Diretor-presidente e coordenador cultural da
Fundação Conrado Wessel

Erney Plessmann de Camargo é um dos nomes mais conhecidos na ciência brasileira, seja como pesquisador ou gestor. Recebeu os títulos de professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) e da Faculdade de Medicina da USP. Foi presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), presidente do Instituto Butantan e diretor presidente da Fundação Butantan. Foi diretor-presidente e coordenador científico da Fundação Conrado Wessel (FCW).

Filho único de Felício Edgard e Mary Marcondes, nasceu em 20 de abril de 1935, em Campinas, em uma maternidade que ficava na rua Culto à Ciência, como gostava de lembrar¹. Formou-se em 1959 pela Faculdade de Medicina da USP. A carreira científica começou no segundo ano do curso no Departamento de Parasitologia, liderado por Samuel Barnsley Pessoa. Depois de formado, estagiou por um ano no Instituto Butantan, supervisionado por Sebastião Baeta Henriques, estudando biossíntese de proteínas. Em 1961, foi convidado por Leônidas de Mello Deane, que ocupava a regência do Departamento de Parasitologia, para ingressar como auxiliar de ensino no quadro docente da Faculdade de Medicina.

No início da carreira foi fortemente influenciado por outros pesquisadores da faculdade, como Luiz Hildebrando Pereira da Silva, Leônidas e Maria Deane, Luis Rey, Victor e Ruth Nussenzweig, Michel Rabinovitch, Olga Castellani e José Ferreira Fernandes. Seus primeiros trabalhos foram sobre a bioquímica de protozoários parasitas em colaboração com Luiz Hildebrando.

Publicado em 1964², seu primeiro trabalho

1 Discurso na cerimônia de entrega do título de professor emérito da USP, 17/08/2021. <https://www.youtube.com/watch?v=SfIELbrXe64>

2 "Growth and differentiation in *Trypanosoma cruzi*; i. origin of metacyclic trypanosomes in liquid media". EP Camargo - *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, 1964. <https://www.imt.usp.br/wp-content/uploads/revista/vol06/93-100.pdf>

3 <https://www.researchgate.net/profile/Erney-Camargo>

independente, sobre o crescimento e diferenciação do *Trypanosoma cruzi*, continua a ser regularmente citado na literatura científica internacional. Publicou centenas de artigos científicos³, sendo reconhecido como um dos principais pesquisadores em Chagas, malária e doenças negligenciadas no mundo.

Em 1964, junto com outros pesquisadores da USP, foi demitido por razões políticas e mudou-se para os Estados Unidos, onde permaneceu por cinco anos na Universidade de Wisconsin-Madison. Retornou ao Brasil em 1969 e obteve o título de doutor pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. No ano seguinte, ingressou na Escola Paulista de Medicina, onde atuou como professor e chefe de departamento. Nesse período também realizou a livre docência no Departamento de Bioquímica da USP (1979) e o pós-doutoramento no Instituto Pasteur (1983), em Paris.

Retornou à USP em 1985 como professor titular no ICB, onde foi chefe do Departamento de Parasitologia e vice-diretor. Ainda na universidade, de 1988 a 1993 ocupou o cargo de pró-reitor de Pesquisa. Foi membro do Conselho Deliberativo do CNPq de 1986 a 1989 e seu presidente de 2003 a 2007. Foi presidente da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) e da Fundação Zerbini-Incor. Integrou os conselhos superiores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), da Coordenação de

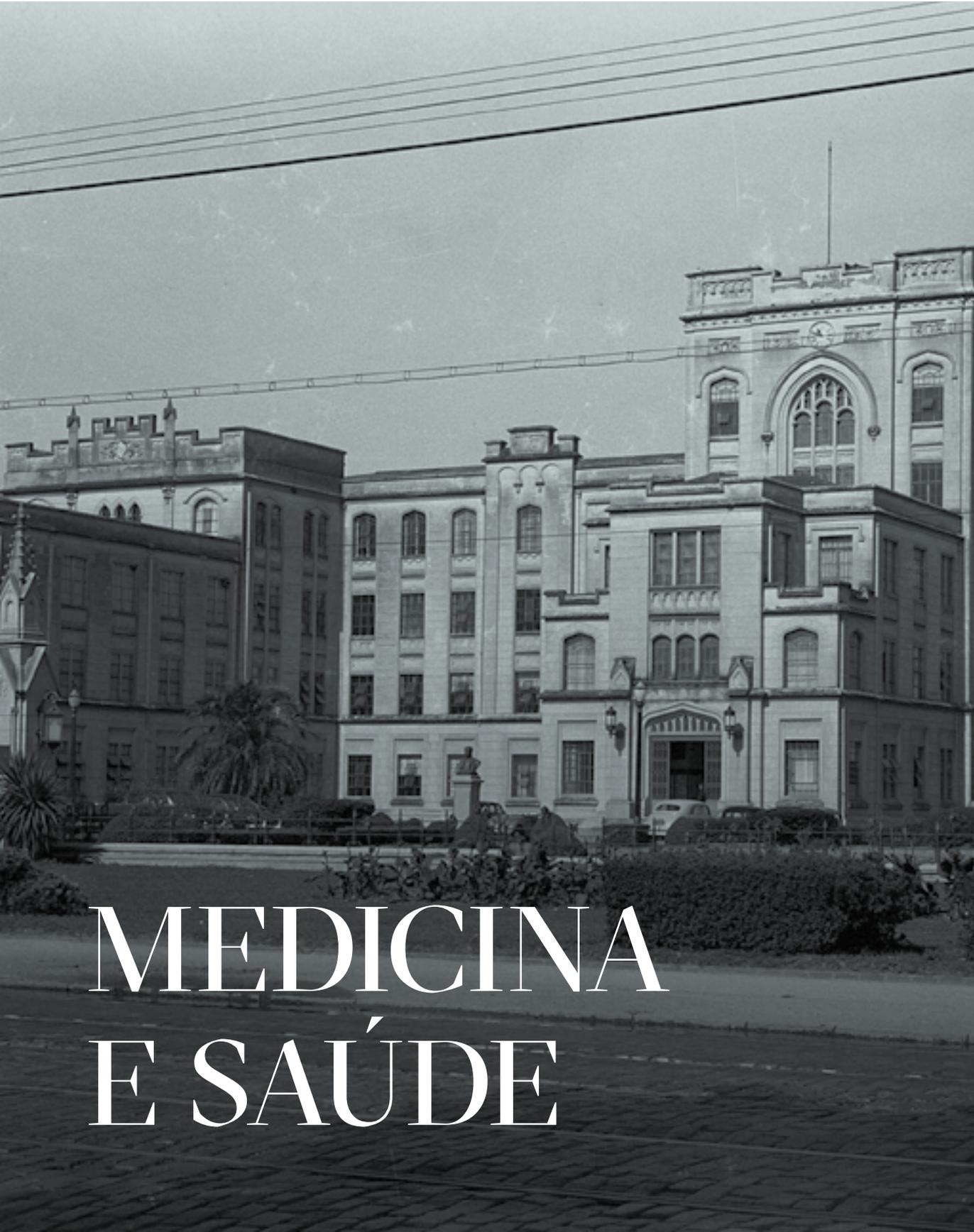
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Fundação Antônio Prudente, entre outros.

Foi membro da Academia Brasileira de Ciências (ABC), da Academia Mundial de Ciências (TWAS), da Sociedade Brasileira de Parasitologia, da Sociedade Brasileira de Bioquímica e da Sociedade Brasileira de Protozoologia, entre outras. Por sua trajetória científico-acadêmica recebeu várias honrarias, como a Ordem do Ipiranga no grau grã-cruz (2006), a Ordem Nacional do Mérito Científico nos graus comendador (1998)

e grã-cruz (2002), o prêmio LAFI de Medicina (1980) e o título de doutor honoris causa da Universidade Nacional de Ingeniería do Peru.

Morreu no dia 3 de março de 2023, em São Paulo, aos 87 anos, devido a complicações após uma cirurgia na coluna. Casado com Marisis Aranha Plessmann de Camargo, professora de literatura inglesa e tradutora, deixou os filhos Luís Marcelo, Luís Fernando, Luís Eduardo e Anamaria, todos renomados cientistas, e 12 netos.

Foi membro do Conselho Deliberativo do CNPq de 1986 a 1989 e seu presidente de 2003 a 2007. Presidiu a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança e a Fundação Zerbini-Incor e foi diretor-presidente da Fundação Conrado Wessel



MEDICINA E SAÚDE

CAPÍTULO 2

Em São Paulo, na segunda metade do século 19 houve a transição da economia para o café destinado à exportação. Os lucros levaram a uma rápida industrialização e ao desenvolvimento da economia no estado. No início do século 20, a construção de edifícios grandiosos e largas avenidas escondia atrasos, como a falta de médicos. Bahia e Rio de Janeiro tinham escolas de medicina, São Paulo ainda não.

Em 1912, foi assinado o decreto de criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que teria Arnaldo Vieira de Carvalho como fundador. Em 1925, o nome foi alterado para Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1931, o atual prédio da Faculdade de Medicina foi inaugurado.

No mesmo ano, Samuel Pessoa assumiu a cadeira de parasitologia, procurando manter-se coerente com o objetivo de “atribuir sempre a maior prioridade aos verdadeiros problemas nosológicos do homem brasileiro”¹.

Na década de 1950, Pessoa foi particularmente importante para a formação intelectual e humana de Erney, pois, ainda que aposentado, “continuava a desempenhar inquestionável liderança na parasitologia brasileira, sobretudo em seus aspectos médico-sociais”².

1 <https://fm.usp.br/cseb/personagens/prof-samuel-barnsley-pessoa>

2 <https://www.abc.org.br/2023/03/03/em-memoria-de-erney-camargo>

“ Entrei na Faculdade de Medicina muito cedo, com 17 anos e sem experiência alguma, praticamente uma criança. E entrei em um mundo novo, inclusive um extrato social diferente, porque o meu extrato social de origem é pobre e o ambiente da faculdade era um ambiente de classe média alta. Estranhei muito, tive uma certa dificuldade de adaptação. Politicamente, eu era de esquerda, evidentemente uma esquerda juvenil, e, ao entrar na faculdade, comecei a adquirir um sentido mais profundo de participação política e social.

“Então, me aproximei mais da parasitologia, exatamente porque era um departamento de esquerda, era o chamado ‘departamento vermelho’ da Faculdade de Medicina. E isso, junto com o que eu gostava em termos de história natural e a posição política do departamento, me aproximaram. Estavam lá o Hildebrando, com quem eu vim trabalhar depois, Ruth e Victor Nussenzweig, Maria e Leônidas Deane, Luiz Rey, gente muito boa, intrinsecamente boa e intelectualmente diferenciada. Foi pouco depois da descoberta da dupla hélice do DNA, um momento de ebulição na ciência, quer dizer as coisas estavam se descobrindo naquele momento e tínhamos dentro da Faculdade de Medicina um grupo de jovens extremamente interessado em ciência.”

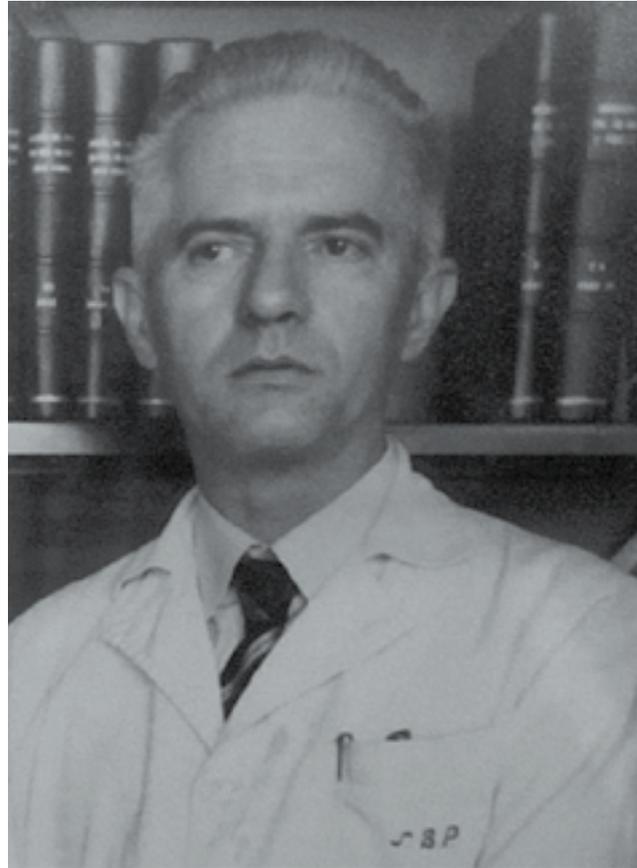
ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO

“O golpe na academia”,
Revista Pesquisa Fapesp, 2015.
tinyurl.com/36ms4n8x

“ Na minha opinião, o histórico da Faculdade de Medicina da USP justifica a entrada do professor Erney na parasitologia. No início do século 20, quando a faculdade foi criada a partir de demanda da elite cafeeicultora, a situação dos trabalhadores na área rural do Brasil era calamitosa. Além da doença de Chagas, que ele começou a estudar, havia as verminoses. O professor Samuel Barnsley Pessoa, que instituiu a parasitologia na FMUSP, foi o grande influenciador do meu pai. Pessoa reuniu mentes brilhantes, como o Luiz Hildebrando, o casal Nussenzweig, meu pai e vários outros colaboradores que ali, apesar de estarem em uma faculdade de elite, começaram a ter um foco mais social da dimensão das doenças e se preocupar com doenças da nossa região. Um desdobramento disso é que São Paulo acabou evoluindo e praticamente erradicando essas doenças ou minimizando o impacto delas.”

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

“ Eu o conheci quando estava no segundo ano da Faculdade de Medicina na USP e passei pela cadeira de parasitologia. Era uma cadeira muito especial, pois vivíamos a época das endemias rurais. O Brasil tinha uma expectativa de vida baixa, com grande incidência de parasitoses e doenças endêmicas: Chagas, esquistossomose, malária, filariose, as pessoas sofriam muito. Lembro de um estudo feito na periferia da cidade de São Paulo em que mais de 90% das crianças de uma escola primária apresentaram verminoses, que causavam problemas terríveis. No Hospital das Clínicas, cansei de ver cirurgias abdominais de obstrução intestinal por *Ascaris*. Pelo interior, tinha a doença provocada pelo ancilóstomo, verme que se pegava ao andar descalço no chão, o verme do amarelão, aquela doença do Jeca Tatu, personagem do Monteiro Lobato.



Em 1931, Samuel Pessoa foi o mais jovem professor catedrático da USP. Foto: Ciência & Saúde Coletiva, fevereiro de 2015.

“A cadeira de parasitologia era chefiada pelo professor Samuel Pessoa, que reuniu um grupo muito interessado em problemas sociais, alguns dos quais tinham sido do Partido Comunista. Entre eles estavam Erney, Luiz Hildebrando Pereira da Silva, Maria Deane e o marido dela, Leônidas, gente muito bem formada e muito competente. Foi lá que conheci o Erney e fiquei amigo dele. Eu tinha muito interesse em conhecer aquele pessoal melhor, um pessoal muito interessado nos programas sociais do Brasil. O país estava começando a crescer, ter um pouco mais de recursos, e a gente sonhava grande naquela época.

“Lembro da Bandeira Científica em que o Erney foi o professor que nos acompanhou. Foi quando pudemos ter muito contato. Além da admiração por ele – essa história de aluno-professor –, o Erney era muito interessado em assuntos pelos quais eu começava a me interessar mas não tinha encontrado um caminho, como cinema e música. Ele me despertou para esse mundo. Eu tinha ele como modelo.”

DRAUZIO VARELLA

“O primeiro contato que tive com o professor Erney foi como aluno, em 1963, no Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina da USP. Considero-me um privilegiado por ter tido aula com ele e com todo aquele pessoal, a turma de parasitologistas da USP nos anos 1960. Em 1963, eu era imaturo para entender o que estava acontecendo, mas me chamou a atenção a forma como aquele conjunto de professores – e destaco aqui os professores Erney, Hildebrando, Leônidas Deane, Maria Deane – tinha grande preocupação com uma ciência realmente articulada com os problemas sociais, seguindo o exemplo do professor Samuel Pessoa.

“Quando começamos a estudar doença de Chagas, esquistossomose, malária, as grandes endemias do Brasil, havia realmente uma preocupação de buscar atender às demandas da sociedade brasileira. O objetivo era conseguir encaminhar de forma positiva soluções para esses problemas que acometiam a população menos favorecida do ponto de vista social e econômico.

“No início do terceiro ano, após ter passado pelas disciplinas de parasitologia e microbiologia, havia a chamada Bandeira Científica, que eram excursões para reconhecer a situação sanitária de localidades brasileiras. Era o início de 1964 e a minha turma foi para Paulo Afonso.

Quem supervisionou o trabalho foi o Erney. Investigamos a situação sanitária, particularmente do ponto de vista parasitológico, e tivemos oportunidade de estudar verminoses tanto no grupo da hidrelétrica quanto na população do entorno. A forma como o Erney conduziu as atividades foi simplesmente fantástica no sentido de nos oferecer a possibilidade de saber o que realmente acontecia na sociedade brasileira.”

MOISÉS GOLDBAUM

“A formação com o professor Samuel Pessoa foi muito importante na vida do meu pai e em suas convicções sociais. Era a questão da ciência para melhorar a vida das pessoas e, no caso dele especificamente, que era médico, a forma mais óbvia de fazer isso era por meio da melhoria na saúde. Isso teve uma grande influência em todos nós. A questão da pesquisa aplicada, que para mim é muito importante, vem muito dele, de fazer a ciência útil para melhorar a vida das pessoas.”

ANAMARIA ARANHA CAMARGO

“Conheci o Erney no início da década de 1970, quando organizamos um curso internacional de protozoologia. Participaram alunos de vários estados, convidamos pesquisadores do exterior e vários dos professores eram da USP, como o Leônidas Deane e a Maria [José Von Paumgartten] Deane. Eu acompanhei um dos professores estrangeiros que daria uma conferência em São Paulo e ali encontrei ou conheci vários colegas, como o Walter Colli e o Erney, que havia voltado do exílio nos Estados Unidos.



Faculdade de Medicina da USP em 1953. Foto: Gabriel Zellai / Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo.

“Depois nos encontramos em reuniões promovidas pelo CNPq no Programa Integrado de Doenças Endêmicas, que existia na época. A primeira reunião foi no Rio de Janeiro, o CNPq ainda estava na Avenida Marechal Câmara. O Erney trabalhava com *Trypanosoma cruzi* e publicou um trabalho em que melhorou o cultivo em laboratório desse agente etiológico da doença de Chagas. Esse estudo foi tema da pauta da primeira reunião

do programa, que se não me engano foi em 1972. Na Universidade de Wisconsin ele trabalhou com outros sistemas biológicos e, quando voltou, sentiu vontade de entrar outra vez na pesquisa do *Trypanosoma cruzi*. Eu e meu grupo na Universidade de Brasília trabalhávamos mais com ‘primos’, digamos assim, da família Trypanosomatidae, mas muito parecidos. Podíamos colocar estudantes trabalhando com esses tripasonomatídeos pois não são patogênicos, não causam doenças no homem, porque para trabalhar com *T. cruzi* você precisa de cuidados especiais. E aí o Erney queria ter experiência com esses tripanossomatídeos e ficou no meu laboratório durante três meses. Veio para Brasília com toda a família, a esposa e quatro filhos. Nesse convívio, os laços de amizade ficaram mais fortes, com ele e a família. Ficamos não só colaboradores de pesquisa – publicamos vários trabalhos juntos –, mas também muito próximos do lado emocional. Então, por muitas vezes quando eu ia a São Paulo me hospedava na casa do Erney e quando ele vinha a Brasília ficava na minha casa. Essa colaboração científica e essa amizade foram crescendo. Quando o Erney veio para Brasília para ser presidente do CNPq, aumentaram os nossos encontros.”

ISAAC ROITMAN

“ Em 1974, quando conheci o Erney, estava na graduação em medicina mas já trabalhando com *Trypanosoma cruzi*, que é o protozoário causador da doença de Chagas. Erney foi um pioneiro da biologia desse parasita. Publicou trabalhos desde 1964, sozinho ou com colegas como o Luiz Hidelbrando Pereira da Silva, que foi outro grande pesquisador do Departamento de Parasitologia da USP. Eu já tinha lido aqueles artigos quando nos encontramos pela primeira vez. Foi em uma reunião que o CNPq organizou no Rio de Janeiro para

discutir a biologia do *Trypanosoma cruzi*, de como cultivar esse protozoário. Era um grupo pequeno e desde então passamos a ser colaboradores.

“Tenho muitos artigos publicados com Erney e os grupos que liderou em diferentes momentos de sua carreira científica. Inclusive neste momento temos dois artigos que chegamos a discutir, estão praticamente prontos, mas não deu para fazer a submissão final antes do falecimento dele. Agora, estou marcando para conversar com a Marta Teixeira, a última grande colaboradora dele, para finalizarmos esses dois artigos. Então, foi uma cooperação de muitos e muitos anos.”

WANDERLEY DE SOUZA

Discurso na concessão do título de professor emérito da USP para Erney Plessmann de Camargo. <https://fapesp.br/files/upload/15924/erney-emerito.pdf>

“ Discípulo de Samuel Pessoa, Erney herdou o amor pela parasitologia e um grande respeito pelas pessoas, especialmente os humildes, focando sempre nos verdadeiros problemas do homem brasileiro. Em seu trabalho, é possível identificar a convicção de que a ciência e a tecnologia podem ser motores do desenvolvimento e da melhoria da qualidade de vida.”

MARCO ANTONIO ZAGO



DITADURA E EXÍLIO

CAPÍTULO 3

A Comissão da Verdade da Universidade de São Paulo pesquisou informações referentes às graves violações dos direitos humanos de alunos, funcionários e professores da USP ocorridas no período de 31 de março de 1964 a 15 de março de 1985. Em março de 2018, a Comissão entregou ao então reitor Vahan Agopyan a conclusão dos trabalhos. Dos 434 mortos e desaparecidos no Brasil no período, 47 tinham relação com a USP.

O material, com relatos e documentos que tentam esclarecer os fatos ocorridos na época, foi reunido em dez volumes. “Dada a gravidade dos fatos”, algumas unidades da universidade mereceram volumes específicos. A Faculdade de Medicina foi uma delas.

“A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo não passou incólume ao golpe civil-militar instaurado em 1º de abril de 1964. Pelo contrário. Se fosse possível uma escala de valores para mensurar as violências de que foram vítimas as instituições acadêmicas, pode-se concluir que a Faculdade de Medicina foi um dos alvos das mais graves perseguições verificadas nos meios universitários paulistas. Prisões, expulsões, Inquéritos Policiais Militares (IPMs), aposentadorias compulsórias e demissões sumárias abateram-se sobre estudantes, professores e funcionários, no período entre 1964 e 1985. Antônio Carlos Nogueira Cabral, Boanerges de Souza Massa e Gelson Reicher, alunos da FMUSP e vítimas fatais, representam o saldo mais trágico da repressão levada a efeito pelo regime militar no âmbito da comunidade ligada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo”, descreve a Comissão.

Um dos professores da FMUSP perseguidos pelo golpe militar foi Erney Plessmann de Camargo, resultando em seu exílio de 1964 a 1969 e em sua prisão em 1970, após ter retornado ao Brasil.

Membro da Comissão da Verdade da USP, o professor Erney escreveu em junho de 2015 um depoimento que “favorece a preservação de memórias, de vidas bem vividas por aqueles que lutaram por um Brasil mais justo e um mundo, um pouquinho, melhor”, destacou a professora Janice Theodoro da Silva, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e presidente da Comissão¹.

1 *Jornal da USP*, 17/03/2023
<https://jornal.usp.br/?p=618720>

“ No início da década de 1960 respirava-se, no Brasil, um clima de confiança no futuro que refletia as conquistas modernizantes e democráticas do recente governo de Juscelino Kubitschek. Nas ciências biológicas, vivia-se também um momento iluminado desencadeado pelas recentes descobertas da dupla-hélice e da estrutura e síntese celular das proteínas codificadas pelo DNA. Desvendava-se, com a microscopia eletrônica, a organização das células e suas organelas. Nasciam a biologia celular e molecular e a engenharia genética.

Trechos do depoimento para a Comissão da Verdade da USP.
<https://t.ly/L9f1>

“O euforizante cenário político nacional e científico mundial repercutia com vigor sobre um grupo de estudantes e docentes da Faculdade de Medicina da USP. À época, um punhado de estudantes se aglutinava em torno de alguns docentes de cadeiras básicas, igualmente motivados pelas descobertas das ciências biológicas e médicas, onde o conhecimento questionador gerado pela investigação científica contrastava com o doutrinário e consabido conhecimento do *establishment*. Hoje, não vejo nada de inusitado ou revolucionário nesse processo. Tratava-se apenas de entrar no ritmo imposto pelos novos métodos e descobertas da ciência contemporânea, mas talvez isso incomodasse quem não queria mudanças ou não conseguia acompanhar o novo ritmo.

“Prevalecia na FMUSP o *esprit de corps*. O epíteto de vermelho era justificado porque os docentes mais notórios do departamento eram de esquerda e conhecidos como tal, mas em 1964, do partido mesmo, eram só o Hildebrando e eu. Por outro lado, em nenhum momento, nosso departamento manifestou ou adotou qualquer posição política. Mais do que o envolvimento político, foi o envolvimento do departamento no combate às endemias brasileiras que lhe deu a fama de comunista, uma vez que o combate a essas endemias envolvia a denúncia da pobreza e das precárias condições sanitárias da população.

“Alunos e docentes organizavam reuniões frequentes que resultavam em uma movimentada agenda de atividades, seminários e palestras sobre os mais variados temas. Estas atividades nos estimulavam aos estudos porque, em geral, seus temas traziam sempre novidades. As reuniões foram, mais tarde, classificadas em uma carta anônima e no Inquérito Policial Militar instaurado como sendo reuniões subversivas, embora nunca tratássemos de política nessas ocasiões.

“Opiniões conflitantes e divergências coexistiam, como é próprio das universidades. Isto até o golpe. A partir de 1964, as discordâncias acadêmicas viraram subversão.

“Alguns docentes, liderados pelo secretário da FMUSP, se articularam contra o grupo renovador, que veio a ser chamado de bloco comunista, bloco que não existia e nunca existiu. Mais tarde ficou evidente que alguns docentes, inclusive do nosso grupo, nutriam rancores pessoais e usaram o golpe militar para investir contra seus desafetos.

“É verdade que no dia seguinte ao golpe, o Luiz Hildebrando, eu, o Thomas e o Pedro Saldanha reunimos mais da metade dos alunos da faculdade em uma sala e peroramos em defesa da legitimidade democrática e contra o golpe. Ficou nisso. A única consequência é que, três anos depois, o Luiz Hildebrando foi paraninfo da turma cuja maioria esteve presente a essa nossa reunião.

“Depois do golpe, o ambiente na faculdade mudou. Já não havia a euforia do conhecimento novo. Nos retraímos. Em junho, um jornalista da *Folha* nos informou que o Luiz, o Thomas, o Julio Pudles, eu e outros dez docentes estávamos em uma lista que havia sido enviada pela reitoria da USP à Comissão Geral de Investigações (CGI), então presidida pelo almirante [Paulo] Bosísio. Mais tarde fiquei sabendo que essa era a famosa lista da Comissão Theodoro, sobre a subversão na USP, encomendada pelo reitor Gama e Silva.

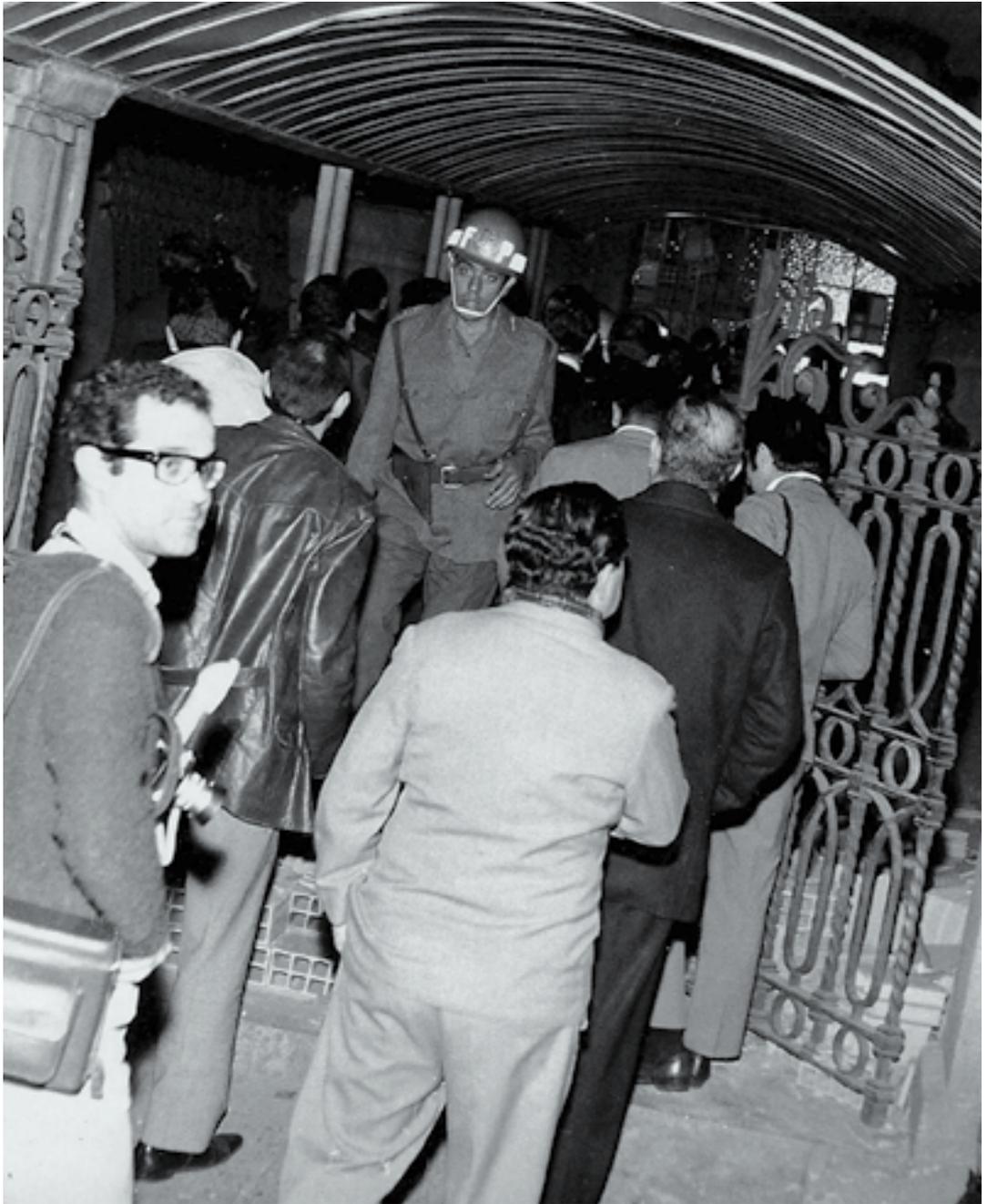
“Fiquei também sabendo que a CGI considerou supérfluas e infundadas as acusações e nos notificou disto. Não obstante, no segundo trimestre de 1964, não sei bem quando, instalou-se na FMUSP uma equipe do Exército, comandada pelo tenente coronel Ênio dos Santos Pinheiro, para conduzir um Inquérito Policial Militar sobre a subversão na faculdade. A equipe foi soberbamente recebida pelo secretário da faculdade e instalada em sala privilegiada do primeiro andar, à vista de todos e com benesses providas pela Secretaria.

Trechos do depoimento para a
Comissão da Verdade da USP.
<https://t.ly/L9f1>

“Começaram os interrogatórios, constrangedores, principalmente para aqueles que não tinham nada a ver com a política da faculdade ou do país e que eram questionados sobre as atividades subversivas de colegas e amigos. A faculdade perdeu o autorrespeito e foi entristecendo em um ambiente de velório.

“Prevalecia a desesperança onde antes havia muita vida e muita esperança no futuro. Acho que esse foi o grande mal do golpe: aprisionou o futuro, amedrontou as pessoas, tolheu-lhes a criatividade, anulou a diversidade acadêmica, privou a universidade do novo e da polêmica intelectual. A simples presença dos inquisidores já violentava o ambiente universitário.

“O rancor e a vergonha não saíram barato para nós. Em outubro de 1964 recebemos a notícia de que um decreto do governador Adhemar de Barros nos demitia. Foram demitidos 14 docentes, mas comunistas mesmo só uns quatro. A Parasitologia foi quem mais sofreu porque, mesmo não demitidos, os Nussenzweig, que estavam fora, não voltaram ao país, os Deane foram para a Venezuela, Luiz Rey foi para a OMS, eu fui para os Estados Unidos e o Hildebrando, logo depois de deixar a prisão no Raul Soares, voltou à França. Em resumo, a Parasitologia perdeu sete de seus dez docentes.



Invasão da Faculdade de Filosofia em outubro de 1968. Foto: Arquivo Brasil Nunca Mais.

“Os docentes de tempo integral demitidos não tinham outra fonte de renda. De repente, ficaram sem recursos para atender às necessidades mais básicas. Foi aí que começaram a me repassar recursos suficientes para pagar integralmente os salários de todos os demitidos que ainda permaneciam no Brasil. Não, o dinheiro não vinha de Moscou. Eu recebia, por intermédio de um discreto prócer da conservadora União Democrática Nacional, o dinheiro coletado entre docentes anônimos de nossa universidade que certamente não concordavam com o arbítrio e aviltamento da condição universitária. Depois de minha partida do país não sei como continuou a distribuição, porém os doadores permaneceram em sua anônima dignidade.

Trechos do depoimento para a
Comissão da Verdade da USP.
<https://t.ly/L9f1>

“Quando o Luiz Hildebrando e família tiveram que voltar às pressas para a França em 1969, ele não tinha dinheiro para as passagens. Nessa época, o professor Moura Gonçalves, católico conservador que, como diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, havia impedido o IPM de lá se instalar, me entregou todo um salário para pagar as passagens do Luiz. Pedi-me discricção, não por temor, mas por não querer aplausos.

“O terceiro episódio mais singelo e inédito foi protagonizado por modestos servidores da FMUSP que coletaram 400 dólares para minha partida para os Estados Unidos. Era bastante dinheiro à época, quando uma bolsa da Capes no exterior correspondia a 200 dólares. Ainda me lembro com emoção de todos esses servidores.

“Em 2009, a Congregação da Faculdade de Medicina, por mediação de seu diretor, professor Marcos Boulos, concedeu o título de professor emérito a todos os docentes que haviam sido demitidos em 1964. Na solenidade de posse, tive a oportunidade de dizer que não éramos nós quem estávamos sendo redimidos, era a faculdade que se redimia do espetáculo grotesco de 1964.”

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO

“O golpe na academia”,
Revista Pesquisa Fapesp, 2015.
[https://www.youtube.com/
watch?v=O751CIYSr_o](https://www.youtube.com/watch?v=O751CIYSr_o)

“ O que aconteceu na USP, particularmente na Faculdade de Medicina, de 1964 a 1968, e no Rio de Janeiro na Fiocruz, foi um corte no desenvolvimento natural de disciplinas e de conhecimentos que estavam em nascimento ao nível internacional e atrasou em 10 ou 20 anos a recomposição disso pelas novas gerações. Deixou um buraco no processo de desenvolvimento científico e tecnológico que tem efeito duradouro. Não se formam cientistas que possam ocupar posições de fronteira de conhecimento em áreas estratégicas de um dia para o outro.”

LUIZ HILDEBRANDO PEREIRA DA SILVA

“ Naquela época, a Faculdade de Medicina da USP era um ambiente horrível. Não vou chamar de direita, mas acho que seria esse o termo. Os professores eram todos muito formais, conservadores, e a gente tinha uma ideia de mudar o mundo, queria acabar com a pobreza, com o analfabetismo, achava que a medicina servia para isso, que a medicina tinha essa obrigação de entrar em contato com os lados mais pobres do Brasil. E a Faculdade de Medicina preparava o aluno para ter um consultório particular e para prestar serviços a quem pudesse pagar. A ideia era ganhar dinheiro, ter acesso às camadas mais ricas da população. Claro que todos queríamos melhorar de vida, mas eu queria ter esse trabalho no campo social, fazer medicina em saúde pública, que era o interesse que foi despertado por aquele grupo da parasitologia.

“Pensei, acho que o único caminho é entrar para o Partido Comunista, não vai ter outra solução, vendo aquele mundo de gente reacionária. Conversei com o Erney, que era do partido e disse que queria entrar. Ele respondeu que eu poderia fazer mais socialmente se não entrasse, pois o partido havia se tornado muito



Movimento estudantil na FMUSP em 1973 por ocasião do aniversário da morte de estudantes pela repressão policial. Foto: Rosely / Arquivo Público do Estado de São Paulo.

burocrático e eu ficaria preso a ideias e a trabalhos partidários. Eu também não tinha uma formação ideológica, mas o único caminho que via era aquele e ele me desestimulou totalmente. Aquilo foi decisivo.

“Depois, o Erney foi para os Estados Unidos e a gente se separou um pouco. O Luiz Hildebrando foi para a França. Eles foram mandados embora e ficamos inconformados, pois eram os professores que mais se dedicavam, que eram exemplos para nós. Eu me formei em 1967 e quando cheguei ao sexto ano da faculdade ainda estávamos em plena ditadura. Na hora de escolher o paraninfo da turma, lancei a candidatura do Luiz Hildebrando, que tinha acabado de voltar para o Brasil. Falei: ‘Vamos chamar o Hildebrando como paraninfo, vai ser uma bofetada na cara desses autoritários’. Eu era meio inflamado, bastante na verdade. Fui candidato a orador da turma e ganhei. Convidamos o Hildebrando e ele aceitou. Mas em 1967 a Faculdade de Medicina era tão reacionária que a direção considerou a formatura extraoficial. Não

podiam suspender a formatura, mas podiam suspender a cerimônia. Então falamos que tudo bem, se é extraoficial a direção da faculdade não vai, mas a gente faz uma cerimônia, não vamos de beca mas de roupa branca, roupa de trabalho, e fazemos a cerimônia assim. Eu fui o orador, o Luiz Hildebrando foi o professor paraninfo e alguns professores que foram homenageados participaram. E assim foi feita a formatura.”

DRAUZIO VARELLA

“ Em 1964, a admiração que tínhamos por aqueles professores era simplesmente fantástica. Com a cassação, perdemos todos, alunos e a própria Faculdade de Medicina. Perdemos a possibilidade de crescer com eles e eles foram crescer em outros ambientes, e realmente se tornaram vencedores. Os professores cassados encontraram espaços no exterior ou em outros ambientes no sentido de poder prosperar e contribuir para o conhecimento científico.

“Era a forma como lidavam com a ciência, por isso me considero um privilegiado por ter tido um contato com aquele grupo de parasitologistas da USP, que foram todos cassados em 1964. Aquele ambiente permitiu que despertassem ou aprofundassem nossas preocupações com questões sociais. Minha turma tinha um enorme reconhecimento do trabalho que eles faziam. Tanto que em 1967 o professor Hildebrando foi convidado para ser paraninfo de formatura da minha turma e o professor Erney foi um dos homenageados. Como consequência, pela primeira vez a formatura solene foi cancelada pela Congregação da Faculdade de Medicina. Não pudemos fazer uso das tradicionais becas e tampouco ser legitimados em sessão solene da Congregação.”

MOISÉS GOLDBAUM

“ Sofremos perseguição por conta da ditadura e isso nos aproximou. Erney teve de sair do Brasil para ficar um tempo nos Estados Unidos. Eu tive uma bolsa do CNPq cortada, fui para a Suíça trabalhar no meu doutorado com meus próprios recursos e a polícia suíça queria me mandar de volta porque eu não tinha visto. No fim, consegui uma bolsa da Organização Mundial da Saúde e fiquei dois anos por lá.”

CARLOS MOREL

“ Ele gostava do mundo, das coisas do mundo, conheci Erney há muito tempo e posso dizer isso. O começo da nossa vida profissional foi mais ou menos simultâneo, há 60 anos. Estivemos fora do Brasil, eu saí um ano antes do golpe de 1964 e fui para os Estados Unidos a convite de uma universidade americana e do NIH [National Institutes of Health] e ao mesmo tempo ele foi para Wisconsin. Eu saí em 1963, voltei em 1966.

“Conheci o Samuel Pessoa antes de conhecer o Erney. Foi em 1962 ou 1963, em um jantar na casa do filho dele, Gil Pessoa. Samuel Pessoa era de esquerda, um grande humanista. Falei a ele que trabalhava com um grupo de pesquisa americano na Hospedaria dos Imigrantes. ‘Esses americanos, sempre aqui trabalhando, querendo os nossos dados’, ele disse. E eu: ‘Os dados são nossos e são deles, são de quem quiser. Estão fazendo esse estudo, inclusive com a Fundação Rockefeller’. Aí ele falou: ‘Ah, a Fundação Rockefeller fez muito pelo Brasil’. Não tive grande vivência com o Samuel para poder dizer isso, mas acho que ele era um homem de esquerda que entendia o que o capitalismo trouxe de bom, como as fundações. Aliás, na época estava nascendo a Fapesp e o Luiz Hildebrando, que também conheci antes de conhecer o Erney, foi um dos catapultadores dessa empreitada. Pessoa era extremamente voltado

à parasitologia e aos problemas brasileiros envolvidos nisso. E tinha uma outra grande capacidade, que precisa ser dita e lembrada: montou um departamento que reunia a nata da nossa ciência no campo biológico. Lá estava o Luiz Hildebrando, Luís Rey, Victor e Ruth Nussenzweig, o casal Deane, Leônidas e Maria, e ‘last but not least’, o jovem Erney Camargo, que na época já havia contribuído significativamente para a parasitologia, com a criação de um meio de cultura do *T. Cruzi*. Erney era um virtuoso e no decorrer da vida demonstrou isso. Depois, eu, o Luiz e o Erney ficamos juntos na mesma faculdade durante um tempo. Com o segundo episódio do golpe, nos separamos. Mas isso não foi o nosso fim, foi o nosso começo.”

HENRIQUE KRIEGER

Em 1964, com o golpe, houve a instauração de um inquérito policial militar na FMUSP, com consentimento da direção da faculdade. Vários professores e pesquisadores foram cassados pelo Ato Institucional nº 1, entre eles Erney e outros do Departamento de Parasitologia.

Impedido de lecionar, Erney continuou estudando a bioquímica do *Trypanosoma cruzi*, que iniciou em 1962 e no qual desenvolveu um meio de cultura que permitiu a produção do protozoário em escala. O resultado da pesquisa foi publicado em 1964 em um artigo que até hoje é citado na literatura científica¹.

No mesmo ano de 1964, foi convidado por Walter S. Plaut, zoólogo e professor na Universidade de Wisconsin-Madison, para trabalhar em seu laboratório. Nos Estados Unidos, não continuou a pesquisa com *T. cruzi* porque o laboratório não

1 “Growth and differentiation in *Trypanosoma cruzi*; i. origin of metacyclic trypanosomes in liquid media”. EP Camargo - *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, 1964.



permitia estudos com agentes patogênicos.

“ Em 1964, meu pai foi demitido da FMUSP e estava muito inseguro com a situação no país. Casado, três filhos pequenos, quando recebeu o convite do professor Plaut aceitou e foi para Madison, perto do

Presídio Tiradentes com o Primeiro Batalhão de Polícia de Choque ao fundo. Foto: Folhapress / Memorial da Resistência.

Canadá. Foi primeiro sozinho, para trabalhar de novo como auxiliar de ensino, sendo que era professor na USP. Na Universidade de Wisconsin-Madison, trabalhou em uma área que não lhe era estranha mas que também não era o foco do interesse científico dele na época. Mas participou ativamente e aprendeu bastante, conheceu muita tecnologia nova.

“Na época, os voos internacionais partiam do Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Com medo que acontecesse alguma coisa com ele, que pudesse ser preso, um cunhado foi e ficou com ele até o avião decolar. Três meses depois fui com minha mãe e irmãos ao encontro dele em Madison, onde ficamos por cinco anos.

“De volta a São Paulo, em 1970 ele trabalhou no Laboratório Lavoisier, que não era a grande rede de hoje, ficava na avenida Angélica quase na esquina com a rua Goiás, em Higienópolis. Morávamos em um apartamento na outra esquina, com a rua Pará, e todo fim de dia eu e meus irmãos olhávamos pela janela esperando ele descer do laboratório. Ele sempre trazia figurinhas ou doces e nós três – minha irmã ainda não tinha nascido – ficávamos esperando ele chegar. Um dia, quando ele estava quase no apartamento, parou um camburão, uma Veraneio, e o levou.

“Ele foi preso e ficou no Presídio Tiradentes, que depois foi demolido. Não foi torturado e os guardas o toleravam por ser médico. Acabou atendendo muitos presos que passavam mal, vários com asma. Meu avô materno, Luís Campos Aranha, era da oligarquia do café e tinha muita influência política. O Laudo Natel era afilhado político do meu avô e foi padrinho de casamento dos meus pais. Então, meu avô pediu para o Laudo Natel, que tinha sido governador e depois seria novamente, intercedesse pelo meu pai. Não sei se ajudou mas ele foi solto uns 10 dias depois.”

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

“ Erney é um ícone, um exemplo. Discreto, sempre foi. Não era de passar a mão na cabeça, mas cobrava. Conheci o Erney por meio do meu marido, o professor [Carl Von] Peter Dietrich, porque eles eram muito amigos e estiveram juntos nos Estados Unidos. Peter saiu da Fiocruz por causa da perseguição da ditadura e eles se encontraram na Universidade de Wisconsin-Madison, que até hoje é uma universidade bastante interessante, eles têm inclusive um setor de literatura portuguesa muito grande.

“Eles ficaram em Madison por alguns anos, aí voltaram. O Peter veio primeiro para a Escola Paulista de Medicina e, no ano seguinte, foi a vez do Erney. Foi excelente, duas aquisições muito grandes para a então pequena escola, em 1970. Foi um grande impacto para a ciência da instituição e para o país, porque eles eram muito envolvidos com a transformação da sociedade.

“Erney, embora fosse da parasitologia, na Escola Paulista tinha uma ligação muito grande com todos os departamentos da área profissionalizante e da base, ele e o grande amigo Henrique Krieger, da genética. Os dois estavam sempre circulando pelos departamentos.”

HELENA NADER

“ Ele tinha orgulho de ter pertencido ao ‘Departamento Vermelho’ da USP, assim chamado devido às posições políticas e denúncias das difíceis condições de saúde da população que sofria com diversas doenças parasitárias. Ao contar de quando foi cassado, nunca se referia à USP com rancor. Ele sempre diminuía

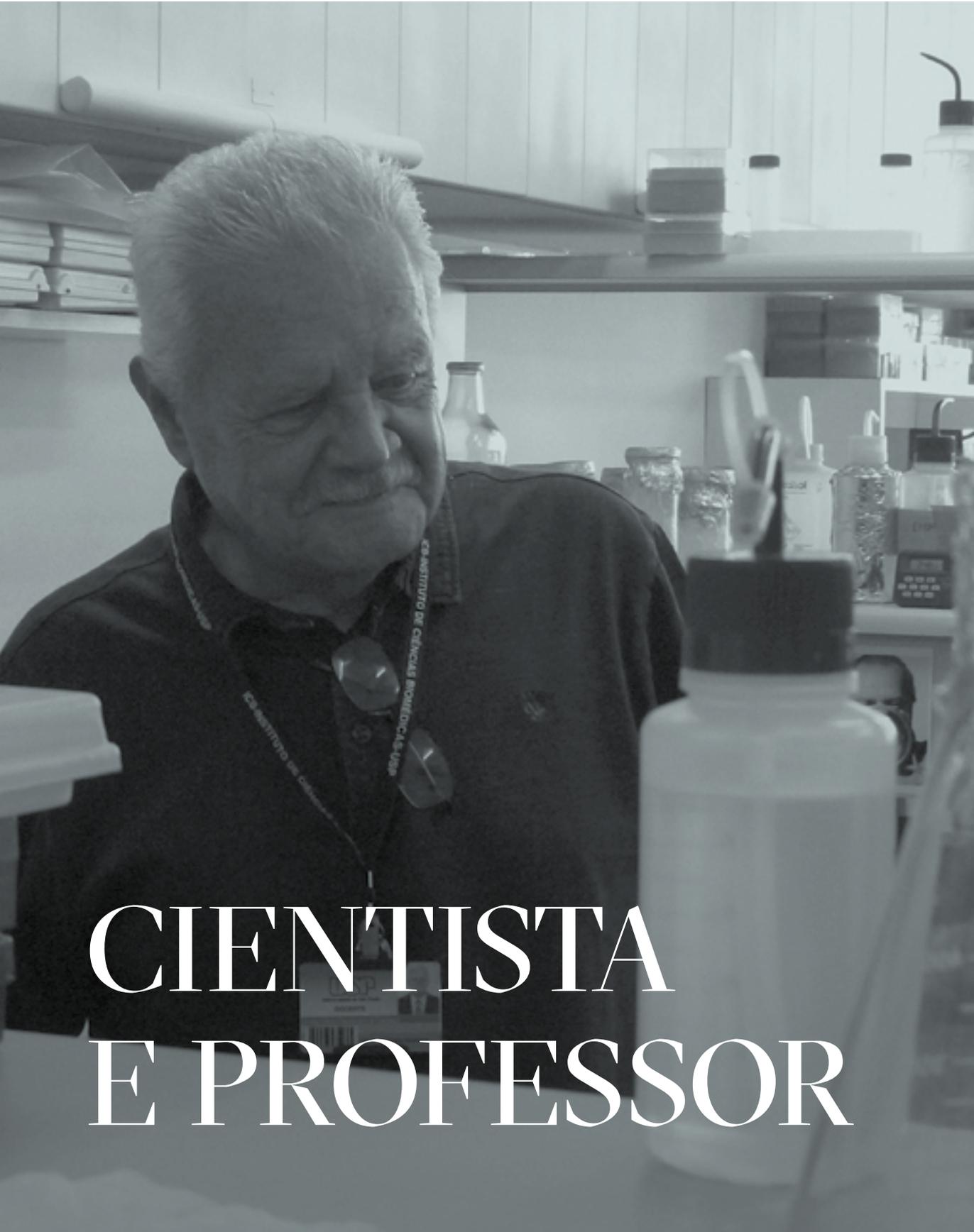
seu sofrimento, dizia que muitos cientistas cassados foram trabalhar em lugares ótimos, como ele que passou cinco anos nos Estados Unidos com sua mulher e três filhos pequenos. Sempre se lembrava que nem todos tiveram essa sorte. Ele se achava um privilegiado, embora tenha sido bastante prejudicado, pessoal e profissionalmente. Foi cassado, demitido duas vezes, viu amigos e professores humilhados e perseguidos, tempos de cartas anônimas, prisões, torturas e muita insegurança. Apesar de tudo, ele resumia aquele período simplesmente como ‘um longo tempo perdido’. Sempre dizia que era profundamente agradecido à USP por ser pago para fazer o que mais gostava na vida, no lugar onde sempre quis estar.”

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

“O golpe na academia”,
Revista Pesquisa Fapesp, 2015.
[https://www.youtube.com/
watch?v=O751CIYSr_o](https://www.youtube.com/watch?v=O751CIYSr_o)

“ O golpe foi uma ducha fria nas expectativas, esperanças e programação de todos nós. Foi uma perda de tempo para o país, uma besteira. Não dá para recuperar isso. Quebrou um momento muito positivo da história do país. Levou a um período de obscurantismo e provocou a reação, então teve a luta armada, a guerrilha, a clandestinidade, mas era tudo absolutamente desnecessário. Não era preciso.”

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO



CIENTISTA E PROFESSOR

CAPÍTULO 4

Pronunciamento do professor Erney na EPM, em 2011, como um dos fundadores da Pós-Graduação em Microbiologia e Imunologia, em comemoração aos 40 anos da criação do programa.

Erney trabalhou na Universidade de Wisconsin–Madison por cinco anos até retornar ao Brasil com a família em 1968. Convidado pelo reitor José Moura Gonçalves, ingressou na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde organizou as pesquisas que havia feito nos Estados Unidos e defendeu a tese de doutorado “Biossíntese de glicogênio em *Blastocladiella emersonii*”, cujo orientador foi o próprio Gonçalves.

Pouco tempo depois, com o AI-5 e o recrudescimento da repressão política, foi cassado e novamente demitido da USP. Trabalhou na Editora Abril, participando da produção de publicações em saúde e medicina, e no Laboratório Lavoisier.

Em 1970, José Leal Prado de Carvalho, responsável pela implantação do Curso de Ciências Biomédicas na Escola Paulista de Medicina, convidou Erney para ingressar na instituição. Foi o início de 15 anos de trabalho que constituíram a Pós-Graduação em Microbiologia, Imunologia e Parasitologia e ajudaram a transformar a instituição em referência na área.

“ Ele retornou ao Brasil para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde o reitor começou a chamar cientistas exilados de volta. Moramos na casa do professor Henrique Krieger, que tinha passado por lá e estava no Rio de Janeiro, e alugou a casa dele para o meu pai.”

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

“ Trabalhei na Editora Abril a convite do Pedro Paulo Popovic, que era uma espécie de mecenas, levou todos aqueles intelectuais de esquerda para lá, o Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, acho que o Gianotti foi, e assim nos defendemos por alguns anos.

“O golpe na academia”,
Revista Pesquisa Fapesp, 2015.
https://www.youtube.com/watch?v=O751CIYSr_o

“O José Leal Prado me convidou para criar um Curso de Ciências Biomédicas em Parasitologia e Microbiologia na Escola Paulista de Medicina. Aceitei com entusiasmo só que não podia, por causa do Ato 5 e tinha também o Ato 7, com ainda mais restrições. Fui falar com o diretor. Essa é uma história que eu gosto de contar por ser muito importante. O diretor era o professor Horácio Kneese de Mello, que eu não conhecia até então. Disse que gostaria muito de ir para a Escola Paulista de Medicina mas que não podia por causa dos atos institucionais. O professor Horácio disse: ‘Olha, eu sou diretor dessa escola, não sou policial. Não sou obrigado a saber dessas coisas e eu vou contratá-lo, como professor e como cientista. Se o setor militar resolver descontratá-lo, isso é problema deles’. E me contratou. Remontei o Departamento de Parasitologia, contratei gente nova e fiquei na escola por 15 anos. Tive o prazer de ver que o departamento se tornou um dos bons centros de pesquisa em parasitologia no país.”

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO



Encontro durante simpósio realizado na disciplina de parasitologia da EPM em homenagem aos 75 anos do professor Erney, em 2010. Foto cedida por Clara Mestriner.

“ Sou formada em biomedicina pela Escola Paulista de Medicina (EPM) e conheci o professor Erney em 1971, quando ele era responsável pela disciplina de microbiologia. Fiquei bastante impressionada com as aulas dele, era muito didático e sempre enfatizava a importância da pesquisa. No semestre, quando precisei escolher um orientador para o trabalho de conclusão de curso, depois de uns dois meses de aula com ele, perguntei se aceitaria me orientar. ‘Por que você quer fazer iniciação científica comigo?’, ele disse. Respondi que havia entrado em biomedicina para me especializar em fisiologia, mas que não tinha gostado do enfoque dessa disciplina quando passei pelo curso e que gostava muito das aulas dele. ‘E tem uma coisa que aprecio muito: o senhor gosta de nos desafiar’, disse. Ele me aceitou na hora.

“Depois de formada, comecei a pós-graduação. Ele foi um dos fundadores do Programa de Pós-Graduação em Microbiologia, Imunologia e Parasitologia da EPM. Comecei o mestrado em 1973 e ocupávamos o terceiro andar do edifício de ciências biomédicas aqui na EPM. Na época, a parasitologia tinha um enfoque diferente. Os docentes que estavam aqui faziam mais trabalho de campo, de epidemiologia, estudando principalmente malária. Iam muito ao Xingu, onde havia alta incidência de malária. E era até engraçado ver o corredor da disciplina – tinha muitos armários de vidro com flechas e outros utensílios indígenas.

“Quando assumiu a chefia do Departamento de Parasitologia, o professor Erney fez uma transformação. Ele havia trabalhado com o professor Samuel Pessoa em doença de Chagas, na USP, e queria implantar a pesquisa básica por aqui. Começou a fazer projetos, pressionou um pouco para que os docentes mudassem suas linhas de pesquisa. Estavam aqui na época duas estudantes do professor Erney, além de mim.

“Ele tinha um conhecimento incrível, uma visão da ciência muito grande. Sempre priorizou muito a pesquisa. Sempre incentivou alunos e também docentes a fazerem e se envolverem em pesquisas.

“Trabalhávamos não apenas com *Trypanosoma cruzi* mas também com outros tripanossomatídeos classificados na mesma família do *T. cruzi*. Ele começou uma linha de taxonomia, de identificação de novos tripanossomatídeos, que continuou quando voltou para a USP.

“O trabalho de pesquisa do professor Erney com *Trypanosoma cruzi* serviu de modelo na década de 1970 para vários estudos, não só para doença de Chagas, que é uma doença de muita importância ainda hoje, mas também para a bioquímica e para vários processos descritos em imunologia.

“Aqui na EPM ele teve um papel importantíssimo, junto com os professores Luiz Rachid Trabulsi, Luiz R. R. Gabilia Travassos e Nelson Mendes. Eles criaram o nosso Programa de Pós-Graduação que já tem quase 50 anos e sempre foi nota máxima na Capes.

“Ele ensinou algo que sempre transmito para os docentes novos: que temos que tratar os alunos com dignidade. Isso não significa fazer brincadeiras ou participar de churrascos com eles, pode até ser, mas o importante não é isso, mas sim tratar o aluno com dignidade. Ele era extremamente sério, mas raramente alterava a voz. Dizia que ‘grito é argumento de otário’. Era muito contido, até meio tímido, não era de dar bronca, mas era irônico, o que nos atingia muito mais.”

CLARA LÚCIA BARBIÉRI MESTRINER

“ Conheci o professor Erney em 1983, quando ele era o chefe da disciplina de parasitologia na Escola Paulista de Medicina. Eu tinha 22 anos, estava na graduação e fui fazer iniciação científica com uma ex-aluna dele, Nobuko Yoshida, que acabava de voltar de um pós-doutorado em Nova York, com Victor e Ruth Nussenzweig. Era um departamento efervescente, um dos melhores no Brasil. No ano em que comecei minha iniciação científica ele foi trabalhar no Instituto Pasteur, em Paris. Teve uma festinha de despedida e ele falou: ‘Quero te ver aqui quando eu voltar. Coragem!’. Foi a primeira vez e ouvi isso dele a vida inteira. Às vezes ele completava: ‘O que a vida quer da gente é coragem’. Frase de Guimarães Rosa, de quem ele tanto gostava. Coragem! Eu ouvi até nos últimos dias em que estive com ele no hospital.

“Ele revolucionou o Departamento de Parasitologia na Escola Paulista, que de um departamento muito fraco se transformou em um centro de excelência em ensino

e pesquisa, no país e internacionalmente. Foi o lugar que o acolheu quando ainda era proibido contratar professores cassados por atos institucionais nas universidades públicas. Ficou por lá 15 anos e quando saiu disse que deixava um grupo ‘pequeno, mas espetacular cientificamente’, que já não precisa mais dele. Sempre compartilhei com ele o orgulho de ter passado por lá.

“Foi um professor muito diferente e inesquecível, dava aulas fantásticas, cativantes e descontraídas, sempre atualizadas e questionadoras. Era sempre reconhecido por seus antigos alunos, gostava de ouvir que se lembravam de suas aulas e como havia influenciado tanta gente. Dava aulas e conferências como quem conta uma história. Tudo misturado: fotos de parasitas, mapas, árvores filogenéticas, gente sofrida do Brasil e de lugares bem piores, muitas referências históricas e de obras de arte. Uma de suas espécies, *Herpetomonas elegans*, ele comparou com as ninfas de *Les Oréades*, de Bouguereau. ‘Uma beleza’, ele dizia.

“Logo que entrei na Escola Paulista de Medicina aprendi que ele era o Professor. Não professor Erney ou doutor Erney, mas simplesmente Professor. Ele gostava. Sempre foi chamado assim por colegas, funcionários e estudantes. Foi meu professor, colaborador, incentivador em todas as etapas de minha carreira, um grande companheiro para todas as horas. Com ele aprendi tanto, sobre tantos assuntos, cada dia uma novidade. Compartilhamos parasitas, laboratório, projetos e orientação de estudantes, muitas viagens e histórias infundáveis. Foi um privilégio, uma honra e uma grande aventura conviver com ele por tantos anos. Nos últimos 16 anos, tivemos uma convivência praticamente diária, era divertido e incansável. Nada de rotina, sem hora para sair do laboratório.”

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

Ciência e Tecnologia



O prof. Camargo e três membros de sua equipe: Daniel Lopes, Clara Lucia Barbieri e Nobuko Yoshida.

Escola Paulista de Medicina produz anticorpos especiais

IREDE CARDOSO

"Em Ciência é sempre preciso incorporar e adotar novas técnicas para resolver novos ou velhos problemas sem solução com a tecnologia já disponível. Foi assim que chegamos à tecnologia dos híbridos, ou seja, à produção de anticorpos especiais, com a finalidade de conhecer melhor a doença de Chagas." A história dessa pesquisa é complexa, segundo o prof. Erney Plessmann Camargo, chefe do Departamento de Microbiologia e da disciplina de Parasitologia, na Escola Paulista de Medicina.

colegas de outras instituições. Ainda recentemente, estiveram em nosso laboratório professores dos Estados Unidos e da Universidade de Brasília, para, em conjunto, tentarmos estabelecer diretrizes internacionais para a classificação desses tripanosomatídeos, um campo ainda muito confuso. Contamos com a colaboração de docentes da Universidade Federal de Minas Gerais e ainda, da Universidade da Califórnia, e com eles desenvolvemos metodologia para definir tipos do tripanosoma cruzi."

Alguns dos colaboradores do departamento viajam para o Ex-



Reportagem com Erney e equipe sobre a produção do primeiro monoclonal no Brasil, publicada em 13/03/1982 na *Folha de S. Paulo*. Imagem cedida por Clara Mestriner.

“ Conheci o professor Erney na Escola Paulista de Medicina e desde o início ele me impressionou muito por ser um pesquisador, um professor e um médico que ia muito além do currículo que ensinava. Sempre demonstrou uma preocupação social muito grande e uma tentativa constante de oferecer ao estudante da graduação informações e estímulos necessários para que seguissem uma carreira de médico que fosse muito além da clínica privada. Mostrava sempre nas aulas e nas palestras exemplos muito importantes das doenças na sociedade brasileira. Também logo descobri que a atividade política dele era muito forte e eram tempos difíceis.”

RUBENS BELFORT MATTOS JUNIOR

“ Quando Erney estava na Escola Paulista de Medicina me convidou para dar um curso sobre biologia molecular de patógenos. Passei 15 dias em São Paulo, tenho ótimas recordações desse período em que convivi com ele e sua equipe.”

CARLOS MOREL

“ Sou do Rio de Janeiro e fui para São Paulo fazer pós-graduação na Escola Paulista de Medicina em 1970, mesma época em que o Erney foi contratado como professor titular da Parasitologia. Apesar de ele estar na Parasitologia e eu na Bioquímica, logo manifestamos muita afinidade política, de pensamento sobre a importância da ciência e de ideologia. Embora o ambiente fosse muito pesado, era 1970, foram muito importantes as conversas que davam uma força especial a cada um de nós que convivemos com ele.

“Erney ficou na EPM até 1985 e tivemos oportunidade de continuar nossa convivência, uma vez que, tendo terminado o meu doutorado, a Escola me contratou como professor de bioquímica e eu fiquei 10 anos na EPM. Depois disso, quando ele retornou à USP e reergueu o Departamento de Parasitologia, que havia sido estraçalhado pela ditadura, mantivemos o contato, embora menos frequente.”

JORGE GUIMARÃES

“Muito antes de conhecer pessoalmente o professor Erney, ouvi falar dele por várias pessoas. Um que sempre falou muito bem dele, um amigo em comum, é o Michel Rabinovitch, grande cientista, também formado na Faculdade de Medicina da USP e perseguido pela ditadura. No início dos anos 2000 tive muitas reuniões com o Michel, pois fizemos vários programas de iniciação científica, para discutir o futuro da ciência, a metodologia científica e também para discutirmos o propósito da ciência. Ciência para o quê e para quem, como ele dizia. E o Michel também tinha uma forte ligação científica com o Erney. Os dois, assim como o Luiz Hildebrando, foram muito importantes em pesquisas sobre doenças negligenciadas. No caso do Erney com malária e doença de Chagas e no caso do Michel com leishmaniose, com muitos estudos com a Leishmania, parasita muito comum nas regiões tropicais.”

SORAYA SOUBHI SMAILI



Erney retornou à USP em 1986 e reestruturou o Departamento de Parasitologia. Foto: ICB-USP.

Em 1982, Erney foi trabalhar como pesquisador associado no Instituto Pasteur. Em Paris, fez o pós-doutorado e aprendeu novas técnicas de biologia molecular. Foi indicado por Hildebrando, que havia sido chefe de divisão no Instituto e colaborou com cientistas como François Jacob, que ganhou o Prêmio Nobel de Medicina em 1965.

“Institutos: Ágeis Parceiros de C&T”, Erney Plessmann Camargo, *Ciência e Cultura* (out/dez 2002).

“ No fim do século 19, após a descoberta dos patógenos microscópicos, governos de todo o mundo necessitavam conhecer mais sobre os microrganismos causadores de doenças. Para contornarem a intocável autonomia das universidades, criaram institutos. Em consequência, no curto espaço de três anos, entre 1888 e 1891, nasceram os institutos das principais capitais da Europa: o Instituto Pasteur em Paris; o Instituto de Doenças Infecciosas em Berlim; e o Instituto Lister de Londres.”

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO

“ Meu pai foi para o Instituto Pasteur justamente para começar a ter contato com as metodologias de biologia molecular que estavam surgindo naquele momento e trazê-las para o Brasil. Se traçarmos um paralelo entre a história da biologia molecular no Brasil, vamos ver que ela está muito atrelada à parasitologia. Podemos dizer que a entrada forte da biologia molecular no Brasil foi por meio da parasitologia. E ele me

passou esse fascínio pela biologia molecular. Quando entrei na faculdade, me deu um livro do James Watson, *Molecular Biology of the Gene*, a primeira edição, e aí não teve mais volta. A minha área de formação e de atuação é a biologia molecular e isso foi aplicado em diferentes contextos, primeiro na própria parasitologia porque eu fiz minha iniciação científica e doutorado no Departamento de Parasitologia. Depois, sentindo que podia aplicar esse conhecimento em outras áreas, saí da USP e da parasitologia, passando para a genética humana e doenças humanas, no caso hoje o câncer. Mas a biologia molecular sempre foi algo de que ele gostava muito e me transmitiu.”

ANAMARIA ARANHA CAMARGO

“ Acompanhei quando ele esteve no Pasteur. Ele estava muito bem, perto do grande amigo Luiz Hildebrando, que era chefe do departamento. Era um ambiente muito produtivo e muito fraterno, o Michel Rabinovitch também estava lá. Passei uns dias com o Erney em Paris e achei ele muito bem adaptado. Acho que foi um momento de felicidade dele, apesar de estar fora do país.”

MARCELLO BARCINSKI

Em 1985, durante o processo de redemocratização do país, Erney foi convidado para retornar à USP. Teve que prestar concurso. Aprovado, tomou posse em 1986. Osvaldo Augusto Sant'Anna, do Instituto Butantan, que participou da cerimônia de posse, lembra: “Foi memorável e emocionante. Ali estava o representante de um departamento excepcional, que havia sido desmontado pela ditadura, voltando para assumir a cátedra de Samuel Pessoa”.¹

Retornando à USP, agora na Cidade Universitária no Butantã e não mais na Faculdade de Medicina em Pinheiros, recuperou o Departamento de Parasitologia, contratando docentes e equipando o laboratório. A produção científica passou em pouco tempo de 0,2 artigo por docente por ano para quatro artigos.

No retorno à USP, foi professor titular, chefe de departamento e vice-diretor do Instituto de Ciências Biomédicas. De 1988 a 1993, foi pró-reitor de Pesquisa.

1 “Ciência, atividade coletiva”, *Revista Pesquisa Fapesp*, abril de 2023.

“O golpe na academia”,
Revista Pesquisa Fapesp, 2015.
https://www.youtube.com/watch?v=O751CIYSr_o

“ Alguns professores da Parasitologia da Universidade de São Paulo foram me convidar para prestar um concurso na USP. O Departamento estava muito mal, mal mesmo, com produção baixíssima, desagregado. Era 1985, já tinha passado qualquer restrição, era o começo da redemocratização. Prestei concurso, assumi o departamento e comecei outra carreira, científica com algumas fugidas administrativas que tive de assumir. Primeiro como pró-reitor de Pesquisa na gestão do professor Goldemberg e depois duas reconduções na gestão do professor Lobo. Evidentemente, isso me tirou

um pouco o tempo no Departamento de Parasitologia, mas ao mesmo tempo ajudou por trazer alguma projeção e alguma atividade para o departamento que estava querendo reconstruir. Hoje, é talvez o departamento de parasitologia mais produtivo do país, já não depende mais de mim, mas acho que ajudei a dar o pontapé inicial em sua recuperação.”

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO

“ Com o golpe militar, o Departamento de Parasitologia da USP que o professor Erney tanto amava foi totalmente desmantelado. Em 1986, ele voltou a convite do professor Flávio Fava de Moraes, na época diretor do ICB. O Departamento havia sido mudado da Faculdade de Medicina para a Cidade Universitária e o ICB. Quando ele fez concurso para professor titular da USP, nós da Escola Paulista de Medicina ficamos tristes, mas fomos todos assistir, lembro bem que o auditório não comportava as cerca de 200 pessoas presentes e de vê-lo muito emocionado. Disse que voltava porque tinha uma missão a cumprir. Sempre corajoso, gostava de desafios. Era um departamento grande e complicado, muito fraco em níveis acadêmicos, com atividade de pesquisa quase inexistente, totalmente diferente de quando foi cassado.

“Depois que assumiu na USP, com apoio do reitor Goldemberg para a reconstrução do departamento, houve a contratação de novos docentes e a vinda, a convite do professor Erney, de professores titulares muito importantes, inclusive antigos perseguidos dos velhos tempos na Faculdade de Medicina. Foi uma mudança radical e um enorme privilégio conviver com professores como ele, Henrique Krieger, Marcello Barcinski, Julio Pudles, Jeffrey J. Shaw e, por menos tempo, com Luiz Hildebrando Pereira da Silva, que depois me acolheu



Erney, Marta Teixeira, pesquisadores e alunos do Departamento de Parasitologia. Foto: ICB-USP.

em seu laboratório no Instituto Pasteur, em Paris, e eu retribuí colaborando com ele em Rondônia. O ambiente era muito estimulante, com muitos seminários e discussões sobre os mais variados assuntos. O ‘Departamento do Erney’, como era conhecido, rapidamente passou a ser um centro de excelência nacional e internacional.

“Em 1986, quando ele voltou à USP, eu estava terminando meu mestrado e com tudo certo para fazer o doutorado na Escola Paulista de Medicina. Mas ele me convidou para ir para a USP e fui conhecer o Departamento de Parasitologia. Fiquei muito desanimada, disse que não ia para lá. Acabei decidindo fazer o doutorado com ele, mas na EPM, em um programa de

pós-graduação de excelência. Lá eu comecei, mas ele logo me convocou para ingressar na USP assim que voltasse do estágio no Pasteur. Na USP, era preciso realmente construir tudo do zero, ajudar nos projetos para conseguir verbas, fazer reformas de parte elétrica, hidráulica e bancada, com gente nova chegando e gente antiga complicando a vida. Lembro bem do professor Erney andando de um lado para outro nos corredores, pensativo, observando laboratórios vazios, lentamente sendo desocupados para acomodar os novos docentes. Foram anos de muito trabalho, mas ele sempre tão entusiasmado, tinha o dom de convencer as pessoas de que elas estavam fazendo o que queriam, ainda que no fundo elas fizessem exatamente o que ele queria. Aquele charme irresistível que ele dizia que era liderança. Ele sempre tinha muita pressa e cobrava de todos o tempo todo, desde os colaboradores de mais alto nível acadêmico, de gestão política, até os estudantes mais jovens. Ele entrava no laboratório e já dizia ‘novidades?’. Quanto mais jovem o estudante, mais paciência ele tinha para ouvir. Todos tinham muito orgulho de trabalhar com ele.”

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

“ Eu gostava muito de uma frase que ele sempre usava e eu uso até hoje, falava que ‘a gente não pode praticar a insolvência’. Ele detestava isso, quando a pessoa não se decide sobre algo. Em tudo na vida, mas principalmente na ciência. Especialmente os alunos, que às vezes têm um certo bloqueio de começar um experimento, continuá-lo ou concluí-lo. Ele ficava muito bravo com isso.”

CLARA LÚCIA BARBIÉRI MESTRINER



Nísia Trindade Lima e Erney em reunião na Fundação Conrado Wessel em 04/02/2023.
Foto: Heitor Shimizu.

<https://www.fcw.org.br/post/luto-na-confraria-in-memoriam-erney-plessmann-de-camargo>

“ Conheci Erney no início da década de 1990, mas nos aproximamos durante as comemorações do Centenário da Descoberta da Doença de Chagas em 2009, em grande parte por minhas atividades como pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz e editora científica da Editora Fiocruz, responsável pela edição do livro *Clássicos da Doença de Chagas*. Lembro de boas discussões acadêmicas e reuniões, com muitos brindes e agradáveis conversas. Em 2012, quando eu assumi a vice-presidência de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, durante a gestão de Paulo Gadelha, tomamos a decisão de constituir o conselho superior da Fiocruz e convidar, entre outros grandes expoentes da ciência e da saúde, Erney Camargo. Desde então, nosso amigo passou a ser assíduo nos debates sobre os rumos da centenária instituição.

“Um momento ímpar nesse percurso ocorreu durante a semana comemorativa dos 119 anos da Fiocruz, em 2019, quando iniciamos a celebração do 120º aniversário. Na sessão ‘A ciência do futuro e o futuro da ciência’, Erney nos presenteou com uma conferência na qual a qualidade da análise se somou à força da testemunha que, a partir da experiência, podia afirmar o valor da ciência e da democracia. Os anos de construção das principais agências de apoio à pesquisa, o otimismo dos anos de 1950 e 1960, logo confrontado com o arbítrio, a censura e o exílio durante a ditadura civil-militar. E, ao mesmo tempo, a convicção que superaríamos o duro período que vivemos no governo passado, com a dupla negação: da ciência e da democracia.”

NÍSIA TRINDADE LIMA

“Conhecia o Erney de reuniões e congressos, mas ficamos mais próximos depois que ele voltou à USP. Naquele período importante da redemocratização do país, ele me convidou para participar do esforço de reconstruir o Departamento de Parasitologia [do Instituto de Ciências Biomédicas da USP], que tinha sido dizimado durante o regime militar. Depois de me aposentar na UFRJ, fiz concurso para a USP e passei então a conviver com o Erney, com o professor Henrique Krieger e outros colegas, desde 1991. Acredito que a recriação do Departamento de Parasitologia é um legado importante que deixamos em uma área de pesquisa na qual o Brasil se destaca internacionalmente.

“O Erney tinha criado e organizado uma unidade avançada do ICB em Rondônia. As viagens para lá eram sempre muito produtivas, mas muito complicadas e cheias de acontecimentos inesperados. Lembro muito bem daquelas viagens de jipe, em estradas de péssima conservação, da qual voltávamos exauridos e com dores

musculares por todo o corpo, mas sempre com a certeza de estarmos produzindo e criando ciência de qualidade. Como relatado por uma colega do Departamento, o Erney tinha uma espécie de percepção extrassensorial das pessoas. E era uma absoluta verdade que me marcou muito profundamente. Ele sempre se preocupou muito com os outros.

“A capacidade do Erney de liderar pesquisas é impressionante. Ele sempre formou equipes muito fiéis a ele e sempre gostou muito de trabalhar em conjunto. Tinha também importantes contribuições individuais, solitárias, no sentido de que fazia reflexões, as colocava no papel e eram publicadas. No entanto, o maior número de publicações científicas sempre foi com as equipes que ele formava, orientava e dirigia. Ele fez coisas inacreditáveis ao mesmo tempo em que escrevia com sua equipe esses trabalhos científicos.

“Erney conseguiu ter uma grande produção científica mesmo com tantos cargos que ocupou. A capacidade de trabalho e a eficiência no uso do tempo eram impressionantes. Convivendo com ele, nós também aprendíamos a usar melhor o tempo. Lembro de uma vez em que um amigo comum estava com sintomas de problema cardíaco. Fomos juntos visitar o professor Adib Jatene para saber o quanto esse amigo precisaria realmente de uma cirurgia cardíaca. Chegando lá o Jatene disse: ‘Olha, eu só tenho 15 minutos. Vocês querem remarcar?’ E o Erney disse: ‘Não, em 15 minutos, conversando com efetividade, a gente resolve muita coisa’. De fato, conversamos 15 minutos e ficou decidido que o amigo seria internado e operado. Foram 15 minutos que de certa forma salvaram a vida de um colega nosso. É um exemplo de um uso eficiente do tempo. Não precisamos ficar em conversas desnecessárias, podemos ir direto ao ponto central do problema e tomar uma decisão.”

MARCELLO BARCINSKI



Dolichothele camargorum.
Foto: Rogério Bertani -
Tarantupedia/Jornal da USP.

“ Eu o conheci na Escola Paulista de Medicina, depois ele voltou para a USP e continuamos a amizade. As universidades por onde passou, não sei se têm a clareza do que devem a ele. Quando eu digo ‘devem’ é devem mesmo, porque está cada vez mais difícil encontrar quem se preocupe não em estar em uma placa, não em passar a mão na cabeça das pessoas, mas em criar algo novo. Erney fez isso. Tanto que todos os ex-alunos e ex-alunas têm saudade dele, muito forte. Imagino o que deve ser para a família.

“Ele publicou muito e ainda tem artigo no forno para publicação. Tem muita gente que diz ‘ah, não dá, ou faço isso ou aquilo’. O Erney não era ‘ou, ou’, era sempre ‘e’. Ele somava. É só olhar o envolvimento dele no país, em termos não só da ciência mas de preocupação social, da ciência impactando o social.”

HELENA NADER

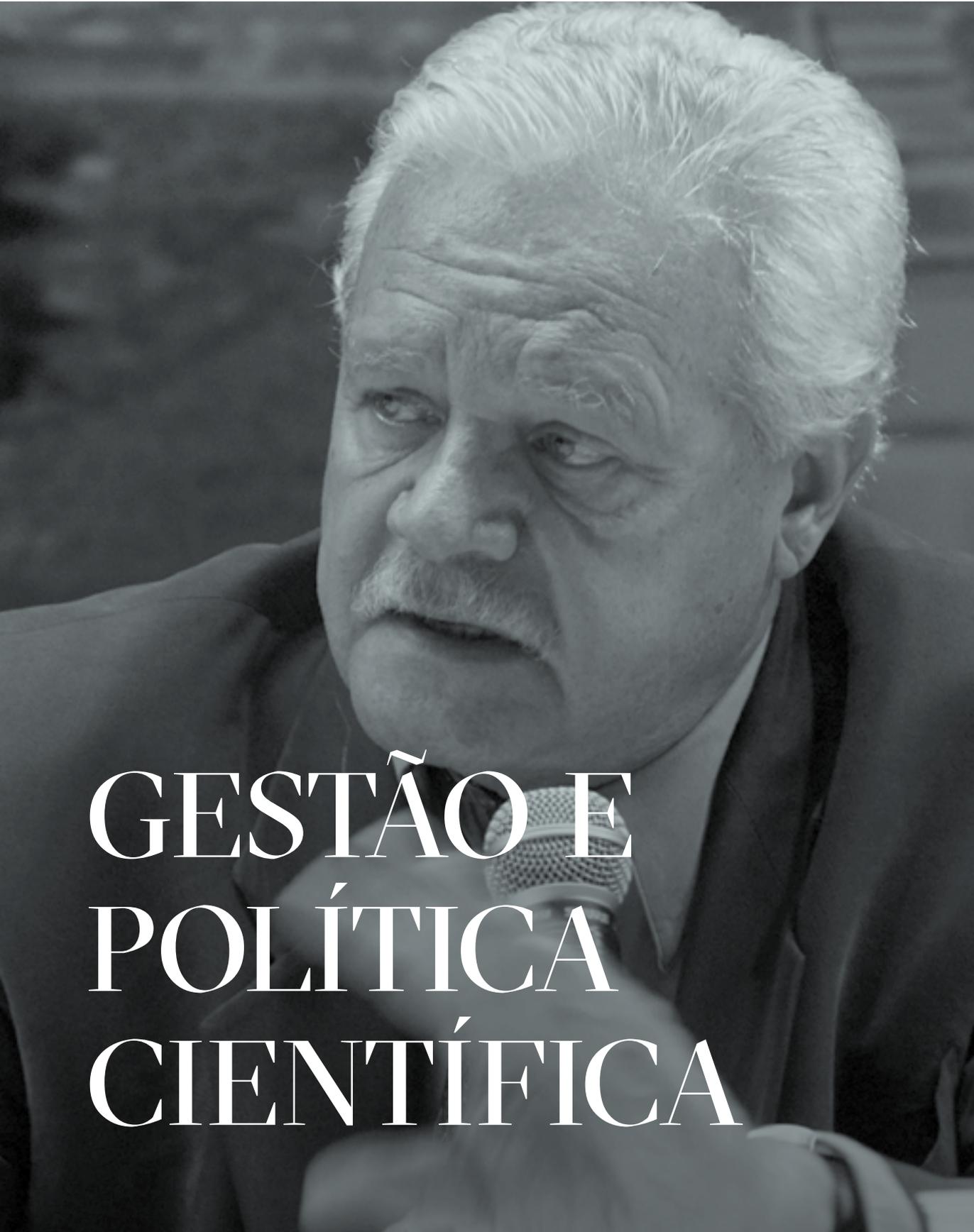
“ Erney se colocou a favor da formação de pessoal, mas não uma formação burocrática de pessoas na universidade e sim uma formação integral do real acadêmico. E está faltando isso neste país. Quer dizer, formar pessoas ou departamentos em que o valor intrínseco da academia esteja presente.”

HENRIQUE KRIEGER

Jornal da USP, 31/01/2018.
<https://jornal.usp.br/?p=144639>

“ Uma nova espécie de aranha-caranguejeira (tarântula) recebeu o nome de *Dolichothele camarogorum* em homenagem aos professores Erney Felício Plessmann de Camargo e Luís Marcelo Aranha Camargo, do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP. A nova espécie foi descoberta pelos pesquisadores Rogério Bertani e Pedro Ismael da Silva Júnior, do Instituto Butantan, e Irene Soliz Revollo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp).”

JORNAL DA USP

A black and white photograph of an elderly man with white hair and a mustache, wearing a dark suit jacket. He is looking slightly to the left and speaking into a microphone. The background is dark and out of focus.

GESTÃO E
POLÍTICA
CIENTÍFICA

CAPÍTULO 5

Em 1986, após o fim do período de ditadura militar no Brasil, Erney retornou à USP como professor titular, aprovado em concurso no Instituto de Ciências Biomédicas. No ICB, foi chefe do Departamento de Parasitologia e vice-diretor. Entre 1988 e 1993, foi pró-reitor de Pesquisa da USP, inicialmente na gestão do reitor José Goldemberg e depois com Roberto Leal Lobo e Silva Filho.

*Foto: Antoninho Perri
(SEC/Unicamp).*

“ O então novo estatuto da USP, aprovado em 1988, contemplava a criação de quatro pró-reitorias e o professor Erney foi escolhido pelo reitor José Goldemberg para ser o primeiro pró-reitor de Pesquisa da USP. No mesmo ano, o reitor havia me nomeado prefeito do campus da USP em São Carlos e meu contato na reitoria era com o vice-reitor Roberto Leal Lobo e Silva Filho, meu professor na graduação em São Carlos. Ele já conhecia o Erney, mas a partir daquele momento ficaram bastante próximos, tanto que em 1989 ele coordenou a campanha do Lobo para a reitoria da USP. Durante a campanha, o Erney costumava se reunir com pessoas dos vários *campi* para saber como as coisas estavam indo e foi então que nos aproximamos. Havia vários candidatos, mas os dois mais fortes eram o Lobo e o professor Décio de Zagottis, que naquele momento era o ministro da Ciência e Tecnologia. Então, não foi uma disputa simples mas a campanha do Lobo, coordenada pelo Erney, foi vitoriosa com uma expressiva votação do nosso candidato já no primeiro escrutínio.

“O Lobo tomou posse em janeiro de 1990 e tinha que montar a sua equipe. Ele queria que o Erney fosse o seu candidato a vice-reitor, mas o Erney não aceitou. Disse que afirmou na campanha que não foram feitas promessas de cargo e que se ele fosse o candidato a vice, apoiado pelo reitor, certamente fariam que já estava tudo combinado. Uma bobagem na minha opinião, mas foi assim. Então, o candidato foi o Ruy Laurenti, que foi eleito após disputar com o Walter Colli. Erney foi indicado para continuar como pró-reitor de Pesquisa.

“Fui convidado pelo reitor para ser o seu chefe de gabinete. Durante a gestão, meu contato com o Erney foi se estreitando porque conversávamos muito sobre as ideias que ele tinha. Uma delas foi a criação dos Núcleos de Apoio à Pesquisa (NAPs), regulamentada

no regimento e que existem até hoje, sem modificação. Sob a liderança do Erney, vários centros interdisciplinares foram surgindo, entre eles o Núcleo de Estudos da Violência e o Nupens.

“Outra ação importante ocorreu no âmbito do Programa BID, que foi um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento para o Estado de São Paulo destinado à USP e que passou a ser coordenado pelo Erney, após a eleição do Lobo. Além de manter os projetos que estavam em andamento, Erney implantou novidades, como o edital de apoio à recuperação de equipamentos para pesquisa, o programa de recursos humanos e o programa de letras e artes.

“Erney compreendia muito bem a importância da computação. Hoje todo mundo sabe disso, mas naquela época ainda era o começo da era dos computadores pessoais e ele dizia ‘precisamos colocar computadores em todas as faculdades da USP’. Ele então aproveitou uma sobra do Programa BID, de cerca de US\$ 2 milhões – o empréstimo total era de US\$ 60 milhões e o BID descontava a cada ano de execução US\$ 2 milhões como juros. Mas se o programa fosse encerrado no momento certo, sem atraso, não seria preciso pagar a última parcela de juros. Esse recurso foi usado para a compra de 2 mil computadores, o que se mostrou um *turning point* na pesquisa feita na USP. Departamentos de todas as áreas receberam computadores e cada faculdade recebeu uma sala pró-aluno, onde estagiários ajudavam os alunos que queriam usar os micros em seus estudos e pesquisas. Isso criou uma cultura nova na USP.

“Erney sempre pensou à frente, era o cara que dava um *upgrade* mesmo. Outra novidade que ele e o Lobo criaram foi o Curso de Ciências Moleculares, um curso bem diferente dos demais e que recebe alunos ingressantes de qualquer curso, seja medicina, engenharia,

biociências ou matemática. O aluno entra por meio de chamada e desenvolve uma grade curricular diferente de todas as demais.

“Ele também lançou o programa Jovens Talentos na USP. Para se inscrever a pessoa tinha que estar terminando o doutorado ou o pós-doutorado no exterior. Foi publicada uma chamada na *Nature* e recebidas 400 inscrições. O resultado foi a seleção de 40 pessoas que se tornaram professores da USP por escolha das unidades. Márcio de Castro Silva Filho, atual diretor científico da Fapesp, foi um deles. Julio Meneghini, que dirige o Centro de Pesquisa para Inovação em Gases de Efeito Estufa (RCGI), também foi selecionado no mesmo programa”.

JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO

“ Nos aproximamos na campanha do professor Lobo na USP e depois nos trabalhos da reitoria, quando Erney era pró-reitor de Pesquisa e eu pró-reitor da Pós-Graduação. Aprofundamos o contato e a amizade e mantivemos uma convivência muito boa, com reuniões nos gabinetes da reitoria discutindo questões importantes da universidade, preocupados em levar a USP para a frente. Essas discussões frequentemente duravam horas, sempre muito interessantes e simpáticas, como eram as conversas com Erney. Mas a temática era muito séria, com grandes questões como a burocracia na universidade.

“Burocracia era um grande tema, principalmente na pós-graduação, porque ela foi institucionalizada e precisava de estatutos e de seus regimentos. Cada unidade e cada curso fez o seu regimento, cada um queria implantar sua ideia e no fim tínhamos um grande emaranhado de normas e regras. Era uma amostra do

tradicionalismo da universidade, até um certo patrimonialismo catedrático, e aí caía em uma discussão de como fazer e o que não fazer. Certa vez, fomos à inauguração de um programa de pós-graduação, esperávamos uma fala importante e eis que o coordenador, com os alunos lá sentados, os futuros cientistas, passa a discorrer sobre normas, punições, o que não se podia fazer, qual era o tamanho da tese, como tinha que ser impressa, quem imprimia. O fulano esqueceu de contar as belezas da pesquisa, da pós-graduação e do conhecimento. Ficamos perplexos.

“Outra questão importante para o Erney eram os cursos interdisciplinares nas unidades. Por que não existiam? Não existiam porque o regimento não permitia, por exemplo, colocar secretaria de um local em outro ou por pequenos entraves burocráticos. Aquilo impediu a universidade de montar cursos envolvendo duas ou três unidades, por não saberem direito quem iria administrar. Enfim, essas conversas eram muito importantes e bastante avançadas para a época.

“Lembro também da falta de integração entre a graduação e a pós-graduação. A gente se perguntava por que um aluno de mestrado não pode fazer disciplinas de doutorado. Não é a diferença de conhecimento em dois níveis específicos. Um aluno de graduação deveria poder assistir aula na pós-graduação se ele acompanha e aprende. Por que não trazer gente do ensino médio? Essas discussões no fim deram força aos programas de iniciação científica e de pré-iniciação científica que o Erney implementou na USP e foram a semente de programas que continuaram e hoje são muito valorizados. Isso permite, por exemplo, que um aluno da graduação tenha contato com alunos de mestrado ou de doutorado em um laboratório. É outro ambiente, outro nível intelectual, ele começa a se motivar para a ciência e a gente consegue inocular nele essa vontade de fazer pesquisa. Essas discussões aconteciam naquela época



Erney e Franco Lajolo (ao lado à direita) participam de debate na FFLCH por ocasião da campanha à reitoria da USP, em 2013.
Foto cedida por Lajolo.

e geravam programas inovadores e essas conversas com o Erney eram sempre muito importantes, porque apesar de ser visionário ele tinha um pé na realidade e as coisas eram feitas. Muito daquilo que se pensava está acontecendo na universidade hoje, o que confirma o papel que o Erney representou.

“Acompanhei também naquela época da reitoria um programa de informatização da universidade. Era uma questão extremamente importante e a USP estava começando muito timidamente a ter alguns computadores. Os professores escreviam a mão, usavam maquininha de calcular, ainda não se tinha ideia do impacto que os computadores iam promover. E o Erney dizia: ‘É preciso fazer alguma coisa, mas não adianta ir devagar. Computação é importante’. Havia muita gente na universidade resistente à ideia do computador. Então, o Erney fez um programa de distribuição de aquisição de computadores para toda a universidade,

que foram disponibilizados para que cada docente da universidade tivesse um em sua mesa. Disseram que os computadores ficariam parados, que levaria um século para o pessoal começar a usar. O Erney dizia que na hora que cada um tivesse o seu computador, a coisa ia andar. De fato, foi o que aconteceu. Ele bancou esse programa e acho que se não fosse essa ousadia dele a velocidade da informatização da universidade não teria sido a mesma.”

FRANCO MARIA LAJOLO

“ Conheci o professor Erney quando ele foi o primeiro pró-reitor de Pesquisa da USP. Eu era professor em Ribeirão Preto e o primeiro contato foi quando ele estava interessado eventualmente que a USP assumisse a responsabilidade de um hospital em Serra do Navio, no Amapá, onde havia uma grande mineração de alumínio. Eles tinham uma sólida estrutura de atendimento à saúde, inclusive um hospital que atendia aos funcionários da empresa e também à população local. Era algo espetacular para aprender a medicina mais pé no chão, como você pode imaginar. Havia muita malária naquela região. Fomos em um grupo da USP examinar essa situação, para ver se a universidade poderia assumir a responsabilidade. Isso tinha sido arranjado pelo Erney. No fim decidimos que não, que a logística era muito complicada, muito distante, seria muito difícil levar estudantes e médicos. Mas, o episódio todo revela a preocupação permanente do primeiro pró-reitor de Pesquisa da USP com as questões sociais do país.”

MARCO ANTONIO ZAGO

“ Conheci o professor Erney há mais de 30 anos, quando eu era um professor que tinha conseguido finalmente entrar em tempo integral – naquela época era difícil conseguir tempo integral na USP. Ele era pró-reitor de Pesquisa da USP e eu fazia parte do Conselho de Pesquisa, como representante da Escola Politécnica. O que mais me impressionou foi conhecer um cientista consagrado que me tratava como um colega, apesar de ser um professor famoso e eu, um desconhecido. Ele sempre foi muito generoso. Outro detalhe que me causou profunda impressão é que ele mantinha uma convivência fraternal no Conselho de Pesquisa da USP, evitando conflitos, buscando sempre a conciliação. É óbvio que as unidades tinham pontos de vista e interesses diferentes, mas nunca tínhamos discussões, tínhamos debates, porque ele tentava sempre conciliar e chegar a um denominador comum.”

VAHAN AGOPYAN

“ Quando Erney era pró-reitor de Pesquisa da USP, eu era vice-reitor na Unicamp e tivemos vários encontros, especialmente porque estávamos discutindo o assunto da autonomia de gestão financeira das universidades. Foram discussões constantes nas três universidades e as reuniões com o Erney, sempre muito produtivas, continuaram depois que assumi a reitoria da Unicamp, em 1990.”

CARLOS VOGT

“ Eu me formei em 1985 na USP em Ribeirão Preto e depois vim para São Paulo, na Escola Paulista de Medicina. Quando cheguei já sabia quem era o professor Erney, mas não o conhecia pessoalmente e acompanhei

um pouco suas histórias ao longo da minha formação de mestrado e doutorado. No final do meu doutorado, conheci o meu marido Francisco Miraglia Neto, professor titular da USP, e foi ele quem me apresentou o lado político do Erney, de quem era amigo e companheiro de muitas lutas na universidade. Francisco foi presidente da Adusp [Associação de Docentes da Universidade de São Paulo] e um dos articuladores da autonomia das universidades, consagrada na Constituição do Estado de São Paulo de 1989. Quando o Erney foi candidato a reitor, o Chico o apoiou. Quando o Chico foi candidato a reitor, Erney o apoiou. Então, quando eu comecei a conhecer mais os movimentos internos e as políticas da USP, no início da década de 1990, foi quando eu também conheci mais a história do Erney e sempre que o encontrava ele perguntava ‘Como vai meu amigo?’. Interessante que no meu período de reitora da Unifesp recebi em vários momentos mensagens de estímulo e apoio do Erney, tanto pelo Michel Rabinovich quanto pelo Chico Miraglia.”

SORAYA SOUBHI SMAILI

“ Eu era diretor do CNPq quando ele era pró-reitor na USP e então nossas relações se estreitaram, inclusive pela intermediação de um grande amigo comum, que é o José Roberto Drugowich. Nós três fizemos uma parceria muito importante no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), que eu havia criado no CNPq em 1991. O apoio da USP foi importante para que outras universidades aderissem ao programa, que promovia uma grande mudança no modelo de apoio à iniciação científica por meio da concessão de cotas de bolsas para as universidades e outras instituições de pesquisa que mantinham programas de pós-graduação. As universidades, por meio de suas pró-reitorias, destinariam essas bolsas conforme

a política da instituição para estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. Graças ao Erney, a USP deu total apoio ao Pibic, que estimulou bastante a pesquisa e a pós-graduação no país, pois esses bolsistas seguiram para o mestrado melhor preparados a partir da iniciação científica.”

JORGE GUIMARÃES

“ Em 1990, na gestão reitoral do professor Lobo, conheci o professor Erney. Ele tinha um brilho próprio. Onde chegava, dominava a cena. Pelo conhecimento, pela postura. Lembro que as funcionárias o achavam parecido com o Omar Shariff. Mesmo não sendo muito loquaz, sempre havia profundidade e consistência em suas falas. Sabia o que dizer e em qual momento.

“Aprendi muito com o professor Erney. Há uma situação em que ele era coordenador do programa USP-BID e eu o questionei sobre a distribuição de notebooks para as unidades da USP. Naquela ocasião, aquele tipo de equipamento era uma grande novidade. A minha observação foi que a distribuição definida só previa um por unidade e eu sendo professor da Escola Politécnica, com cerca de 400 professores, comentei que um para a Poli seria muito pouco. E ele, em tom categórico, disse que o critério era um por unidade pelas circunstâncias. Essa característica da ética, da coerência e da justiça, sempre esteve presente. Em sua campanha para a reitoria, hospedou-se em minha casa na sua viagem a São Carlos, evitando qualquer despesa com recursos da USP, exemplo que deve ser seguido por todos.”

OSVALDO SHIGUERU NAKAO



Reunião do Programa de Biotecnologia no Instituto Butantan. Foto: Acervo Instituto Butantan / Centro de Memória.

“ Erney foi diretor do Instituto Butantan de 2002 a 2003. Em 2017, trabalhei um semestre com ele na Fundação Butantan e pude perceber o carinho que os pesquisadores e funcionários de lá ainda tinham com ele”.

JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO

“ Após os primeiros anos de imenso investimento e dedicação ao nosso departamento [no ICB], ele foi se envolvendo cada dia mais com política universitária, tornou-se o primeiro pró-reitor de Pesquisa da USP e daí se seguiram longos anos de administração

e gestão. ‘Não poderia recusar, mas gosto mesmo é de fazer ciência’, dizia, mas ele era movido a desafios de todos os tipos, sempre resolvendo problemas, criando e executando uma infinidade de coisas. Trabalhou incansavelmente até poucos dias antes de sua morte em vários manuscritos, um novo projeto, muitas espécies novas para descrever e planos de trabalho na Amazônia. Ele fez também reuniões e muitos planos com a equipe da FCW. Tudo isso sentindo muita dor, na cama em seu quarto de hospital.

“Em todo lugar por onde passou, seja como chefe de departamento, pró-reitor, presidente do CNPq ou diretor do Butantan, professor Erney sempre defendeu que era preciso dar liberdade aos cientistas e apoiar os jovens. Defendia muito as ciências básicas e estudos de campo, mas sempre apoiou também as ciências aplicadas. Acredito que todo bom cientista, da área que fosse, sabia que era valorizado e podia contar com ele.”

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

“ Ele sempre foi um cidadão politizado, no sentido de entender os problemas do país e a importância da boa política para ajudar a resolver. Em todas as organizações seguia essa mesma linha de raciocínio, nunca deixou de ser sincero, nunca deixou de ser objetivo. Sempre foi coerente com suas ideias, a ideologia dele sempre foi progressiva e nunca censurou ou excluiu. É uma das razões porque sempre terminava tendo bom relacionamento com pessoas de ideologias diferentes. Ele sempre respeitou muito a diversidade. Dizem que há a universidade e a unidiversidade e o Erney é um exemplo desta última.”

RUBENS BELFORT MATTOS JUNIOR

O professor Erney foi diretor do Instituto Butantan de 2002 a 2003. No primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entre 2003 e 2007, presidiu o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Durante a sua gestão, o CNPq criou a plataforma Carlos Chagas e fortaleceu a plataforma Lattes, importantes mecanismos de informação e integração de pesquisadores no Brasil.

Discurso de posse no CNPq,
22/03/2002.
<https://centrodememoria.cnpq.br/erney1.html>

“ Todos os programas em andamento como, por exemplo, o Pronex e Milênio, serão honrados e os auxílios já concedidos serão integralmente pagos. Consideramos essas medidas indispensáveis para a preservação da credibilidade do CNPq perante a comunidade científica.

“Um dos objetivos principais da atual gestão, ao lado da formação e qualificação do pessoal científico, é o de fazer com que jovens pesquisadores e laboratórios de todas as regiões do país participem do sistema de produtividade científica. Um instrumento essencial dessa política será a retomada vigorosa do chamado ‘fomento de balcão’, com o objetivo de facilitar o acesso de cientistas a auxílios financeiros, independentemente de sua área de atuação ou de sua especialidade.

“O CNPq e seu corpo técnico têm responsabilidades primárias na implementação e agilização da política para ciência e tecnologia deste Ministério e, com o apoio da comunidade científica, estaremos preparados para enfrentar esse desafio, com os pés no chão, mas com muita esperança.”

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO

“ O professor Erney foi convidado para ser presidente do CNPq no início de 2003. Logo depois nos encontramos em Ribeirão Preto. Contou que havia convidado para uma das duas diretorias o José Roberto Leite, da Física da USP, e perguntou se eu poderia ser o chefe de gabinete. Em seguida falamos sobre a outra diretoria e ele então se lembrou do Manoel Barral, na época diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Ligou imediatamente para ele que pediu um tempo, mas aceitou o convite. Estava formado o time.

“Nossa convivência no CNPq foi espetacular. Erney, Zé Roberto, Barral e eu vivemos intensamente aquele período. A gente conversava o dia todo e os assuntos eram sempre relacionados com o que se podia fazer para que o CNPq se modernizasse e voltasse a ter prestígio.

“Primeiro foi o compromisso com o pagamento dos projetos de pesquisa aprovados em gestões anteriores, por exemplo os do Pronex [Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência], que não recebiam há um bom tempo. Ele quis e conseguiu colocar tudo em dia. Depois, fazer o julgamento do Edital Universal, contratar os projetos aprovados e pagar a metade ainda em 2003.

“Entre as novidades que ele implantou no CNPq tivemos a criação do *grant* para os pesquisadores que eram bolsistas de produtividade em pesquisa, o pessoal mais experiente. Naquela época, o *grant* tinha um valor igual ao da bolsa, só que era para gastar com reagentes, viajar para congresso, enfim um valor que facilitava a vida dos pesquisadores e sem burocracia. Isso surgiu de muita conversa dele com o professor Wanderley de Souza, que era secretário-executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, outro que tem boas ideias e trabalha muito.



Drugowich, Barral-Netto e Erney em restaurante em Brasília. Foto cedida por Drugowich.

“Dentro do projeto do Erney de recuperar o prestígio do CNPq , que muitos reconhecem como um dos melhores períodos da instituição, ele fez também a revisão da maioria das normas. No primeiro ano na presidência havia vários problemas que ele queria resolver, mas, na hora de implementar, a resposta era de que não podia porque ‘estava fora da norma’. Foi então que ele chamou o pessoal administrativo e perguntou o que poderia ser feito para mudar as normas. Um funcionário muito dedicado, que há muito tempo estava lá, respondeu que ‘era o presidente quem faz as normas’. No fim do mesmo dia, quando teve tempo, ele sentou no computador e começou a reescrever as normas. Ele imprimia as páginas e dava para o Barral, para o Zé Roberto Leite, para mim e pedia que fizéssemos as críticas. E foi assim que as coisas passaram a funcionar com mais eficiência.”

JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO

“ Quando o Erney foi escolhido para ser presidente do CNPq, me ligou e convidou para a Diretoria de Ciências da Vida, que incluía não só Saúde mas também Agronomia e Biologia mais fundamental. Foram quatro anos de um contato muito próximo, trabalhando na mesma equipe. Quase toda a diretoria era de fora de Brasília, então o nosso trabalho era dia e noite, porque ninguém tinha muita pressa de voltar para o hotel, então continuava trabalhando. As famílias não mudaram, então a gente ficava meio isolado em Brasília e conversando sobre o CNPq mesmo fora do expediente. Foi um contato próximo, a diretoria se deu bem, era um clima amistoso, cooperativo e muito motivado pelo professor Erney, que tinha uma liderança leve e ao mesmo tempo afetiva. Ele não era de passar a mão na cabeça, mas os assuntos eram muito discutidos e deliberados, em um ambiente prazeroso de trabalhar.

“Foi um momento estimulante sob vários pontos de vista e um deles é a questão de estar ressurgindo o CNPq depois de uma época muito difícil de financiamento, quando o CNPq tinha uma dívida enorme para com a comunidade, estava meio desacreditado porque projetos eram analisados e concedidos mas os recursos não eram liberados. Foram muitas ideias, o professor Erney introduziu vários aspectos novos no fomento. Colocamos a taxa de bancada para despesas que eram de pouco montante, mas de fácil uso para o dia a dia, com recursos do CNPq. Isso mudou o panorama, dando mais flexibilidade administrativa. No exterior é comum, a burocracia não é tão pesada, aqui no Brasil era muito confuso, para fazer qualquer compra tinha um processo muito burocrático. A taxa de bancada facilitou muito, era uma prestação de contas de pequenas despesas muito mais ágil.

“Não só o CNPq tinha voltado a funcionar com modelo operacional de projetos, o Edital Universal, mas ao pagar os projetos aprovados voltou a credibilidade do

órgão. Com as inovações que foram introduzidas houve uma facilidade maior para fazer ciência no Brasil. Foi um momento muito bom de estar ali e aprendi muito com o professor Erney, sobre essa estrutura de pensar sempre em como beneficiar o público que depende da gente, pensar realmente no ponto final e em como facilitar a vida de quem está do outro lado do balcão, que era o nosso lado antes de chegar lá.

“O professor Erney já era reconhecido como pesquisador que tinha trabalhado desde cedo em aspectos bem avançados de parasitologia, um dos pioneiros no trabalho com biologia molecular em parasitas no Brasil. Eu, então jovem, participei dos congressos de Caxambu, dos quais ele era um dos líderes. Foi quando tive o primeiro contato com ele. As reuniões eram anuais e o professor Erney sempre foi uma pessoa muito aberta para conversar, para sugerir, foi sempre uma colaboração muito interessante. Muito inteligente, com muito bom humor, tratava de tudo de forma bem leve e isso foi bastante importante.

“Dizer que determinada questão foi encaminhada é algo bem brasileiro, mas isso não resolve o problema. Algo que ele costumava lembrar era que não bastava mandar fazer, era preciso acompanhar o processo até o fim e saber se foi executado, ‘senão esse negócio vai parar em algum lugar e aí gente não atendeu’. Responsabilidade direta e continuar a cobrança. Essa era uma preocupação dele.”

MANOEL BARRAL-NETTO

“ Erney passou por vários momentos de dificuldade e soube superá-los, desde o início da sua carreira na Faculdade de Medicina da USP. Quando assumiu a presidência do CNPq em 2003, com a eleição do Lula, tínhamos

saído de um governo, o segundo de Fernando Henrique Cardoso, que foi também um momento muito ruim para a ciência brasileira, apesar de ser democrático, diferentemente do Bolsonaro, que foi um período de horrores, mas do ponto de vista de falta de dinheiro para a ciência foi parecido. E foi muito importante o papel do Erney.

“Na gestão dele à frente do CNPq houve o resgate de recursos e de programas de cooperação com os estados. Na época eu estava no Ministério da Ciência Tecnologia, então a gente conviveu muito fortemente naqueles primeiros anos. Ele, com sua visão e experiência, criou uma série de programas novos, como as taxas de bancada do CNPq e programas em parcerias com os estados, que estavam todos com problema de dinheiro, com exceção de São Paulo, porque a Fapesp sempre foi muito presente. Mas nos outros estados a situação era muito crítica, então colocaram-se recursos do governo federal, repassando a todos os estados da União, em programas como o dos núcleos de excelência, por exemplo, para os recursos chegarem mais na ponta. Foram iniciativas criadas na gestão do Erney.”

WANDERLEY DE SOUZA

“ A recuperação da capacidade operativa da principal agência brasileira de fomento à ciência e à tecnologia tem início em 2003, no governo de Luís Inácio Lula da Silva. Roberto Amaral, ministro da Ciência e Tecnologia, indica para dirigir o órgão o médico parasitologista Erney Camargo. Os recursos destinados a bolsas têm um incremento de 9,5%, em 2003, e de 13,4%, em 2004. Em 2003, pela primeira vez em quase uma década, o valor das bolsas sofre reajuste (18%) e as dificuldades dos pesquisadores são atenuadas por meio de complementações como o restabelecimento da taxa de bancada e a criação do *grant*, forma de

“A Trajetória do CNPq”, *Revista Acervo*, v. 17 n. 2 (jul/dez - 2004)
<https://tinyurl.com/zv2dewwd>

subvenção consagrada nos Estados Unidos. O número de bolsas-ano, que, em 2002, era de 47.464, sobe para 49.803, em 2004. As oportunidades para os pesquisadores são ampliadas com o lançamento contínuo de numerosos editais, com recursos provenientes de fontes diversificadas.”

MANOEL DOMINGOS

“O desempenho da C&T no Brasil: Uma análise a partir dos dados do CNPq”. *Revista USP*, (73), 48-57. (2007)

“ Além de expandir modalidades existentes, em 2005 o CNPq criou a modalidade Bolsa de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT), uma antiga reivindicação da comunidade tecnológica, que estimula o pesquisador que desenvolve produtos e processos, gera patentes e participa de atividades inovadoras e de transferência de tecnologia, e que antes não encontrava espaço dentro dos critérios estritos de produtividade em pesquisa. Em 2006, o número de bolsas tecnológicas foi 87,6% superior ao montante concedido em 2002.”

MANOEL BARRAL-NETTO, JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO E ERNEY PLESSMANN CAMARGO

“ Em 2007, sucedi o Erney na presidência do CNPq. Ele sabia que eu, embora fosse um pesquisador experiente e interessado por políticas de ciência e tecnologia, nunca tinha feito gestão de um órgão de C&T e teria que enfrentar não somente questões conceituais, mas também a vida prática de uma entidade muito grande. Então o que ele fez? Ele me convidou a ir a Brasília antes de minha posse para acompanhá-lo durante reuniões e despachos, e recebendo os visitantes. Foi uma oportunidade valiosa de saber exatamente como



*Foto: Antoninho Perri
(SEC/Unicamp).*

funcionava o CNPq e achei a iniciativa admirável, nunca tinha visto outros dirigentes fazerem algo do tipo. Muitas vezes, quando um dirigente está sendo substituído, considera aquilo uma afronta pessoal e não recebe bem o sucessor. No caso do Erney, eu não só fui muito bem recebido como ele fez questão de mostrar o funcionamento da instituição. Como consequência, nos tornamos amigos, nos encontrávamos com frequência e conversávamos sobre o andamento do CNPq, porque ele sabia das coisas. Anos depois, quando fui reitor da USP, fiz a mesma coisa com os meus sucessores, com quem mantenho excelentes relações e nos encontramos para conversar sobre questões acadêmicas. Fiz questão de ajudar na transição, como o Erney fez comigo.”

MARCO ANTONIO ZAGO

“ Voltamos a nos encontrar com frequência quando fui para a Capes, como presidente, e ele passou uma temporada como presidente do CNPq. Foi uma convivência muito constante e muito firme naquele período em Brasília. Quando eu fiz 70 anos, meus ex-alunos resolveram fazer um vídeo sobre minha carreira e, no depoimento do Erney, ele diz que as relações Capes-CNPq nunca foram tão produtivas como no período coincidente dele no CNPq e eu na Capes.

“Em 2003, houve um período em que ele acumulou a presidência do CNPq com a presidência da CTNBio. Eu estava na Secretaria de Política Científica do Ministério da Ciência e Tecnologia, antes de assumir a Capes. Ele me disse: ‘Olha Jorge, está muito pesado eu continuar tocando o CNPq e a CTNBio. Vou sugerir ao [secretário executivo] Wanderley de Souza e ao [ministro] Roberto Amaral para você me substituir’. Eu respondi: ‘Bom Erney, eu posso fazer isso sim, pois meu cargo aqui é mais leve do que o seu’. E assim foi feito, eu o substituí no CTNBio no final de 2003, mas sempre ouvindo o Erney, como amigo, como conselheiro e como alguém capaz de dar diretrizes a questões complicadas que sempre enfrentamos na área política.

“Erney exerceu com muita competência a direção do CNPq, ainda mais porque o órgão vinha de situações não muito positivas. De modo que ali ele conquistou confiança na sua capacidade de gestor e foi maturando um conjunto de características que o fizeram ser convidado para lidar com situações muito delicadas em outras instituições, que passavam por problemas que ele conseguiu resolver com sua habilidade e maneira de operar, confiando em pessoas que sabia poderiam ajudá-lo.

“O Erney enfrentou e resolveu intrincados problemas na Fundação Zerbini, no Instituto Butantan e mais recentemente na Fundação Conrado Wessel. Eu o chamava de coringa, uma pessoa capaz e competente sempre disponível para resolver situações complicadas. Não sei se

teremos outras pessoas que possam encarar problemas desse tipo com tamanha eficiência. De qualquer forma, temos muitos jovens promissores e é possível que daí surjam novos Erneys. Nós esperamos que isso aconteça, porque o Brasil precisa de muitos Erneys.”

JORGE GUIMARÃES

“Depois que o Erney deixou a Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, nos encontramos algumas vezes, inclusive em momentos mais descontraídos, um dos quais me lembro bem foi um ótimo churrasco em um domingo no sítio em Atibaia da Marisa e do Franco Lajolo. A partir de 2003, quando Erney assumiu a presidência do CNPq e eu era presidente da Fapesp, nos reunimos por razões institucionais e uma delas, bastante importante, foi a retomada do Pronex, o Programa de Apoio a Núcleos de Excelência, onde o fluxo de recursos estava meio parado e o Erney fez um movimento importante que inclusive envolveu as FAPs, as fundações estaduais de amparo à pesquisa, e conseguimos retomar o fluxo dos financiamentos contratados que estavam suspensos.

“Em 2003, criamos a Agência Fapesp de notícias, algo que realmente impactou bastante as instituições de ciência e tecnologia no país e o Erney gostou muito da iniciativa. No mesmo ano, demos início na Fapesp ao complexo processo de informatizar os procedimentos fim, isto é, aqueles voltados para submissão, análise e parecer, tudo aquilo que dizia respeito ao coração da instituição. No projeto, contamos com o apoio do Silvio Meira, do Cesar, no Recife, que tinha feito um sistema para gestão do apoio à pesquisa no CNPq, e do Erney, uma referência que se mostrou fundamental para o sucesso do trabalho de substituir os processos em papel por uma plataforma online.

“Muitos consideram a gestão dele a melhor que o CNPq teve. Ele ficou de 2003 a 2007 e mudou o perfil e a funcionalidade do Lattes e da Plataforma Chagas, criou a taxa de bancada e o *grant* do pesquisador. Ele deu outra dimensão para o órgão e isso ele fez também no Butantan e na Fundação Zerbini, que estava em um estado realmente complicado, com uma dívida enorme, que ele conseguiu sanar e que as administrações seguintes deram sequência, transformando completamente um estado de coisas deplorável em uma situação totalmente equilibrada.”

CARLOS VOGT

“ Em 2005, quando recebi o convite para ser secretário de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde, tive nova oportunidade de encontrar o professor Erney, que estava no CNPq como presidente. Pude acompanhar como ele lidava com questões da política de ciência e tecnologia de uma forma republicana, absolutamente competente, inovadora, procurando desburocratizar as ações do CNPq e facilitar a vida do pesquisador. Foram muitas ações, desde algo que parecia tão simples, como tornar permanente o e-mail que dispúnhamos no CNPq. Mas, mais importante foi o contato que tivemos naquele momento, quando ele nos apoiou no Ministério da Saúde, pois fomentar pesquisa não é característica primeira do Ministério, cujo foco maior é a administração do Sistema Único de Saúde. Com a criação da Secretaria de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos, o Ministério da Saúde lançou também recursos no campo da política de ciência e tecnologia e, com isso, a possibilidade de apoiar aquilo que considerávamos prioritário em pesquisa para o SUS. Isso permitiu, por exemplo, trabalhar em conjunto com o CNPq no bem-sucedido fomento dirigido à pesquisa em saúde.”

MOISÉS GOLDBAUM

“ Quando foi presidente do CNPq, o professor Erney criou uma comissão para a desburocratização da pós-graduação e me convidou para fazer parte dela. Queria mudar o sistema de distribuição de bolsas e acabar com relatórios científicos enormes que pesquisadores e estudantes faziam e nunca recebiam retorno. Eram papéis sem fim e ele ficava indignado. Na política de distribuição de bolsas, fez com que os comitês concedessem 30% das bolsas de pós-graduação e de produtividade em pesquisa para os estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Ele e parte da comissão visitavam universidades nessas regiões para identificar os programas que mereciam apoio do CNPq. Acompanhou de perto alguns desses programas, para ver se valeu a pena o investimento feito na época. ‘Olha, esse programa era novo, não tinha nenhuma bolsa. Agora tem nota 5’, dizia, orgulhoso.”

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

“ Erney foi muito importante na política científica do Brasil. Quando ele era presidente do CNPq, eu era presidente da Fiocruz e pudemos fazer algumas iniciativas em parceria. Em uma delas, o CNPq e o Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit) do Ministério da Saúde financiaram projetos nacionais em doenças negligenciadas. Ou seja, conseguimos unir recursos do CNPq com os da Saúde, o que nunca tinha acontecido. Isso fortaleceu o Decit, que passou a ter muita importância na questão do fomento à ciência e tecnologia em tópicos prioritários para a saúde brasileira.”

CARLOS MOREL



*Foto: Antoninho Perri
(SEC/Unicamp).*

“ Depois que me aposentei, passei pela Capes, onde era diretor de avaliação, e o Erney me chamou para ser assessor dele no CNPq. Naquele momento, de cerca de um ano, pudemos conviver diariamente. Pedi a ele para que meu foco de trabalho fosse iniciação científica, eu acreditava bastante nesse programa. Depois me convidaram para o Ministério da Ciência e Tecnologia.”

ISAAC ROITMAN

“ Conhecia o professor Erney desde 1986, quando comecei no CNPq, na área de importação para pesquisa. Ele era diretor do Instituto Butantan, um dos pesquisadores que importava equipamentos e insumos e que eu atendia por telefone. Na maioria das vezes costumava ligar para falar de problemas como licenças de importação que tinham que ser liberadas com urgência ou sobre o desembaraço alfandegário, que demorava muito e os pesquisadores tinham urgência para utilizar equipamentos, reagentes e outros insumos para a pesquisa. Desde aquele momento tive curiosidade em conhecê-lo pessoalmente, pois sempre se mostrou uma pessoa muito gentil, simpática e atenciosa.

“Em 2003, quando o professor Erney assumiu a presidência do CNPq, eu estava vinculada à Assessoria de Cooperação Internacional e era responsável pela Coordenação de Cooperação Multilateral. Fiquei muito contente em saber que finalmente ia conhecê-lo pessoalmente. Naquele momento, a assessora-chefe estava de férias, então eu, como substituta, tive o primeiro contato com ele logo nos primeiros dias depois de sua posse. Fui à presidência para informá-lo sobre uma reunião de cúpula de ministros iberoamericanos para a qual ele foi convidado a participar, em Madri, acompanhando o ministro da Ciência e Tecnologia Roberto Amaral. Nesse mesmo dia, haveria uma reunião preparatória no Itamaraty e o

professor Erney então falou que era para eu participar. Como foi tudo em cima da hora, cheguei atrasada e entrei em uma sala enorme, com a presença de alguns embaixadores, ministros e conselheiros do MRE e na qual eu era a única mulher. A sorte era que eu cuidava do programa de cooperação com os países iberoamericanos que o CNPq participa desde a década de 1980 e esse era um dos principais temas da reunião. Voltando da reunião, disse ao professor Erney que faria um relatório sobre os temas da agenda para subsidiá-lo em Madri, mas ele respondeu que não precisava do relatório, pois eu iria acompanhá-lo à Espanha. Era quinta-feira e a viagem seria no domingo. Foi uma correria para organizar a viagem, tirar passaporte oficial para ele, emitir passagens, mas no final deu tudo certo. Foi uma reunião grande e que contou com mais de 20 países iberoamericanos. Pude ver o quanto o professor Erney tinha uma visão ampla sobre cooperação internacional em ciência, tecnologia e inovação.

“Desde aquele primeiro momento, a área internacional do CNPq cresceu muito. Ele tinha uma visão muito clara da importância das colaborações internacionais para o Brasil, mas também era muito prático e dizia ‘vamos cooperar com os países que vão dar retorno, não quero somente assinar acordos’. Ao mesmo tempo, ele começou a melhorar toda a gestão no CNPq, inclusive com a criação da Plataforma Integrada Carlos Chagas, o que facilitou também o apoio a projetos de cooperação internacional. Antes, tudo era muito manual e em papel e a modernização da TI permitiu dinamizar, dar mais oportunidade a diversos grupos de pesquisa e apoio a projetos de cooperação, além da transparência no processo de julgamento, avaliação e acompanhamento de projetos e bolsas. A partir disso, foi possível divulgar chamadas públicas para apoiar projetos, bem como fortalecer as relações com parceiros potenciais, como Alemanha, França, Portugal, Espanha, e diversos países latinoamericanos, como Argentina, Chile, Colômbia, Cuba e México. Foram criados, pelo MCTI, programas para ampliar a cooperação regional,

na América do Sul (ProSul) e com a África (ProÁfrica) e que foram todos coordenados e implementados na área internacional do CNPq.

“Para o CNPq, o contato com o Ministério das Relações Exteriores sempre foi muito importante e eu perguntei ao professor Erney se poderia falar com o Itamaraty para pedir apoio às nossas viagens. Ele desconfiou, pois achava o Itamaraty muito formal e burocrático. Conversei com o embaixador que chefiava a Divisão de Ciência e Tecnologia e disse que seria importante se ele visitasse o CNPq para conhecer o novo presidente. Ele topou e o professor Erney disse para marcar a reunião, que foi ótima, pois o embaixador era muito descontraído e eles se deram muito bem. Depois daquele dia, em toda viagem oficial ao exterior a primeira coisa que ele me perguntava era ‘já falou com o nosso amigo embaixador?’.

“O professor Erney sempre foi muito dinâmico, objetivo e rápido nas decisões. Tinha grande facilidade para lidar com situações que pudessem gerar conflito ou mal entendido, sempre com um tom conciliador. Era uma pessoa carismática e muito generosa. Sempre muito tranquilo, mesmo se estivesse chateado com algo ele não demonstrava. Ele tinha uma capacidade enorme de não deixar pequenos problemas se tornarem importantes. Ele ouvia muito e sempre levava em consideração a experiência e a opinião gestores e servidores do CNPq.”

MARIA LUCILENE ARAUJO BARROS

“ Sempre vi no professor Erney um grande cientista e um grande gestor. Um intelectual de primeira linha, muito ponderado, que sempre tinha uma palavra de clareza, de orientação e de estímulo. Conhecia muito a atividade de pesquisa e o Brasil. Sempre opinava de maneira precisa e consequente. A gestão dele no CNPq

foi muito marcante. Introduziu uma série de avanços que levaram à valorização do pesquisador. Ele sempre falava que é preciso estimular e incentivar o pesquisador, pois é quem faz a ciência.

“Ele criou vários programas, como o *grant* do pesquisador. Defendia a necessidade de um recurso adicional desburocratizado para realizar o trabalho de pesquisa. Lembro de várias reuniões do conselho deliberativo do CNPq quando os ânimos esquentavam, os temas ficavam polêmicos, mas ele com muito jeito, autoridade e competência sempre tornava as reuniões mais leves, mais efetivas e seus encaminhamentos eram sempre muito consequentes. Mesmo em momentos difíceis no CNPq ele lançou programas, criou benefícios e aumentou as bolsas durante sua gestão, muito por causa da visão pragmática e objetiva que tinha da ciência brasileira e do que precisava ser feito para melhorá-la.

“Na época em que eu estava no Ministério de Ciência e Tecnologia como secretário, na presidência do CNPq estava o professor Mário Neto Borges. O professor Erney já era diretor-presidente da Fundação Conrado Wessel e nós três conversamos bastante sobre os prêmios Conrado Wessel e Almirante Álvaro Alberto.

“O professor Erney defendia a importância de ter instituições de pesquisa e universidades fortes para que a ciência brasileira pudesse avançar. Ele percebia que nossas universidades, em muitos aspectos, estavam muito amarradas, muito burocráticas, e ele reclamava por mais autonomia, mais independência e mais liberdade.

“É muito bom lembrar dele por suas contribuições científicas, pela sua liderança, mas também pela influência que teve na maneira como nos relacionamos. Foi uma pessoa muito querida e uma referência muito importante para nós.”

ÁLVARO TOUBES PRATA

COMO VAI O CASADINHO?

Lançado durante a gestão do professor Erney na presidência do CNPq, o Casadinho é como ficou conhecido o programa que reunia grupos de pesquisa vinculados a programas de pós-graduação não consolidados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste com grupos de pesquisa de qualquer região do país associados a programas de pós-graduação consolidados. No primeiro edital, em 2004, foram destinados R\$ 30 milhões do Fundo Setorial de Infraestrutura e do Banco Mundial a 99 projetos de grupos de pesquisa em todas as grandes áreas do conhecimento.

“ O Casadinho foi um dos programas mais interessantes criados durante a gestão do Erney no CNPq. O pessoal do Ministério da Ciência e Tecnologia descobriu que havia uma sobra de um empréstimo do Banco Mundial que tinha prazo para ser utilizado e o Erney se reuniu com os secretários do MCT para decidirem o que fazer. Na reunião foi feita a proposta de se lançar um edital voltado apenas a pesquisadores do Norte e do Nordeste. Como o CNPq tinha lançado no ano anterior o Edital Universal, para o Brasil todo, com valor similar ao que diziam estar disponível para esse outro, o Erney achou que isso daria confusão. Lá mesmo na reunião ele me ligou, explicou a questão e disse: ‘Vai pensando aí Drugo. Quando eu sair daqui vamos comer uma pizza e conversar sobre isso’. No restaurante, eu disse que poderia ser algo voltado para Norte, Nordeste e Centro-Oeste mas que também tivesse a participação das



*Foto: Eduardo Cesar /
Revista Pesquisa Fapesp.*

outras regiões do país. Mais algum tempo de conversa e chegamos a um formato que nos agradou: um programa de apoio a cursos de pós-graduação menos consolidados das três regiões (nota 3, ou 4 ou 5 na avaliação da Capes), para que fizessem parceria com cursos consolidados de pós-graduação (nota 6 ou 7) de qualquer região do país. Quer dizer, a ideia era que cursos não consolidados pudessem melhorar seus desempenhos por meio de parcerias com cursos bem avaliados.

“Era só uma ideia, mas o Erney gostou, porque envolvia parcerias e era diferente do que estava sendo proposto até então. E aí falou para eu ligar no dia seguinte para o Wanderley de Souza, que era o secretário-executivo do

Ministério da Ciência e Tecnologia. Eu estranhei, pois mal conhecia o Wanderley, mas liguei e deu certo. Ele mandou duas pessoas do Ministério para combinar conosco.

“Começamos a discutir como montar o edital, como funcionaria, quanto iria para cada grupo, e enquanto a gente conversava o Erney passou pela sala e perguntou ‘como é que está indo o casadinho?’. Eu disse: ‘Que casadinho?’ ‘Ué, não é um grupo daqui que casa com um grupo de lá?’. E o apelido pegou. Daí em diante virou o Programa Casadinho, que foi um grande sucesso.

“Uma sorte do Casadinho foi a posse do Jorge Guimarães na presidência da Capes no início de 2004. Além de ser muito amigo do Erney, o Jorge tinha visto o Casadinho nascer quando foi secretário do Ministério da Ciência e Tecnologia e apoiou o programa. Quando foi para a Capes ele colocou na avaliação dos programas de pós-graduação um novo quesito que era Solidariedade e aquilo deu força para o Casadinho. Na avaliação seguinte, a maioria dos programas apoiados pelo Casadinho aumentou a nota.”

JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO

“ Erney sempre foi um grande gestor. Na Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, apoiou vários grupos de pesquisa da universidade. Na Escola Paulista de Medicina, criou o Departamento de Parasitologia, onde desenvolveu um trabalho belíssimo e formou muita gente. Depois retornou à USP e recuperou o Departamento de Parasitologia onde começou nos anos 1960.

“São poucos os que conseguem, como o Erney, ser bons gestores e continuar sendo bons pesquisadores. Outro exemplo é o Jorge Guimarães, bom pesquisador e bom gestor tanto no CNPq como na Capes ou na Embrapii.

Existem algumas pessoas assim, mas que conseguem fazer isso a um custo muito elevado, porque é preciso trabalhar de manhã, de tarde e de noite. Tem de estar com o pensamento voltado para pesquisa e voltado para gestão. É algo difícil de fazer, mas o Erney era um mestre nisso.

“Ele tinha ainda outra qualidade, que era ser um gestor do ponto de vista econômico, que pegava instituições em crise, com dificuldades financeiras, e as recuperava. Ele fez isso no Incor [Instituto do Coração], assumindo a Fundação Zerbini, no Butantan e na própria Fundação Conrado Wessel. Nessa última, não foi só importante na parte científica, dos prêmios, mas quando também a Fundação teve dificuldades do lado econômico, atuou no sentido de sanar essas dificuldades sempre com muito jeito, com muita competência e muita firmeza.”

WANDERLEY DE SOUZA

“ Erney transitou pela alta política de ciência e tecnologia e universitária do país. Foi o primeiro pró-reitor de pesquisa da USP, presidente do CNPq e presidente de fundações em São Paulo, das quais pelo menos duas ele tirou da beira do precipício.

“Ele chamava atenção pela simplicidade para conversar. Sempre com muita franqueza. Tinha a qualidade de ir direto ao assunto sem nenhum tipo de desvio, mesmo em temas mais delicados, para os quais muitos fariam uma prolongada introdução, um circunlóquio para chegar lá. Ele perguntava direto, era muito franco. Não escondia o que pensava sobre qualquer assunto. Outra característica, talvez ligada à primeira, porque reflete a mesma maneira de ser, é que ele buscava as soluções mais simples e eficientes. Ele fez uma grande mudança no CNPq e por todos os lugares por onde passou.



Retrato feito pelo
Instituto Butantan, onde
foi diretor. Foto: Acervo
Instituto Butantan /
Centro de Memória.

“Erney foi uma personalidade com ampla influência nesses últimos 20 anos nas políticas de ciência e tecnologia do país. Ele era muito ouvido. Não ficava somente escrevendo em jornais, ele conversava. As pessoas influentes o ouviam. No início de 2023, quando a ministra da Saúde Nísia Trindade Lima esteve em São Paulo, fez questão de ir à Fundação Conrado Wessel para conversar com ele. Ele tinha uma influência ampla, sobre mim, inegavelmente, e conversávamos com frequência. Ele foi, por exemplo, o autor de uma ideia muito importante: a de criar em São Paulo uma filial do Instituto Pasteur dentro da USP. Coube a mim e a meus sucessores na reitoria da USP, Vahan Agopyan e Carlos Gilberto Carlotti Junior, executarmos a iniciativa. Foram oito anos de negociação, planejamento e trabalhos que se concretizaram recentemente, e ele foi o pai da ideia.”

MARCO ANTONIO ZAGO

“ Em algumas instituições ele foi uma espécie de interventor. Quando tinha uma sujeira ou precisava limpar a casa e organizar, o chamavam. Primeiro, por causa do currículo limpo. Era uma pessoa idônea em quem todo mundo confiava, sempre foi assim. Depois, tinha um jeito de comando rigoroso e disciplinador, mas ao mesmo tempo com honestidade e humanidade. Ele sempre tratava bem as pessoas, não importa de qual posição ou extrato social.”

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

“ A trajetória do professor Erney deixa muitos exemplos e serve de inspiração para todos e todas nós. Ele sempre esteve à frente do seu tempo. Fez muito tanto pela ciência quanto pela política científica no Brasil.”

SORAYA SOUBHI SMAILI

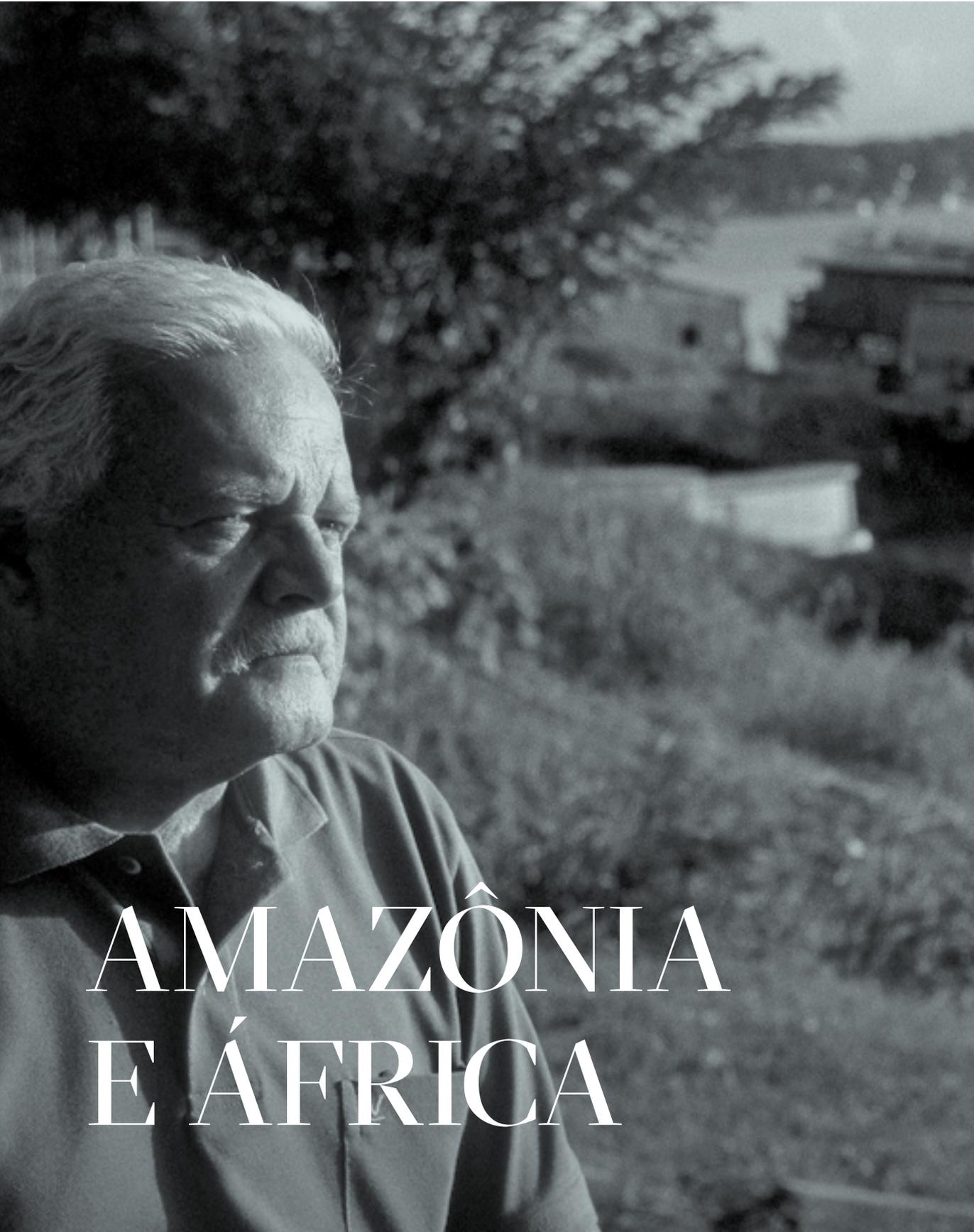
“ As pessoas às vezes se aventuram em cursos de MBA ou de gestão teórica e não dão a devida importância a características inatas e à experiência que se acumula com o tempo. Erney era médico, pesquisador parasitologista, especialista em moléstias infecciosas mas ao mesmo tempo tinha a capacidade de observar as situações, detectar os pontos a melhorar e organizar para atingir os objetivos. E fazia isso de uma maneira muito metódica. É um exemplo de quem sabia delegar mas ao mesmo tempo controlar, para verificar se as metas estão sendo alcançadas. Essa é a capacidade do administrador que faz falta para muitos e que sobrava no Erney. Ele tinha condições de planejar e executar uma pesquisa até a publicação e também de identificar em uma organização os pontos falhos, aquilo que podia ser melhorado e estabelecer a estratégia para atingir os objetivos. Sempre mostrou em todas as suas atividades a importância dos valores humanos. Era muito bom em organizar equipes, as pessoas não apenas o respeitavam, mas gostavam de trabalhar com ele.”

RUBENS BELFORT MATTOS JUNIOR

“ As contribuições do Erney vão muito além do Departamento de Parasitologia e também do Instituto de Ciências Biomédicas da USP. O Erney revolucionou o CNPq, foi um dos maiores, senão o maior presidente do CNPq dos últimos tempos. Criou novos programas, era aquela inquietude dele. Sempre muito amigável, ele discutia, conversava. Era leve. Criou o *grant*, onde vinha o projeto de pesquisa, bolsas, e fez uma grande revolução no CNPq. Na USP, criou um programa que era de repatriação das melhores cabeças que estavam fora dizendo: ‘Olha, a universidade vai te dar o espaço, o material inicial’. Isso depois foi montado na Fapesp como Jovem Pesquisador, só que muito antes o Erney criou o Programa Jovens Talentos na USP.

“Ele deixou marcas sem precisar usar muito recursos, mais pela força das ideias. Não tinha medo de ousar. O legado dele, além da família maravilhosa, os filhos e a filha, todos envolvidos em ciência direta ou indiretamente, por onde ele passou deixou uma marca. A marca dele na Escola Paulista de Medicina e na Unifesp está lá. Deixou uma marca muito forte no curso que tinha acabado de ser criado, de ciências biomédicas, que a USP criou nos mesmos moldes. Ele foi para a USP e podia ser aquele que simplesmente retornou. Que nada! Ele levou a USP para o Norte do país. Podia ter ficado lá publicando, o que também gostava de fazer. Perto dos 80 anos, não satisfeito de querer mudar o Brasil, foi mudar a África. Tinha certeza de que a gente tinha de ser mais parceiro e o Brasil é pouco parceiro dos países africanos de língua portuguesa. E ia fazer uma nova viagem para a África, mas aí aconteceu essa estupidez dele partir para outra.”

HELENA NADER



AMAZÔNIA E ÁFRICA

CAPÍTULO 6

O professor Erney era um pesquisador reconhecido desde que publicou, no início dos anos 1960, um trabalho sobre o protozoário causador da doença de Chagas, até hoje um dos mais citados na literatura científica na área. Na década de 1980, decidiu ir para a Amazônia para ajudar o país a enfrentar a explosão de outra doença infecciosa e parasitária, a malária. Na época, Rondônia estava vivendo uma explosão em casos da doença, resultado da busca de ouro por milhares de garimpeiros.

“Luiz Hildebrando era pesquisador chefe do Laboratório de Malária do Instituto Pasteur de Paris e eu havia recentemente migrado da Escola Paulista de Medicina para a chefia do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP. Luiz Hildebrando e eu, ambos discípulos de Samuel Pessoa e originários do assim chamado ‘Departamento Vermelho’ da Faculdade de Medicina da USP, entendemos que era parte de nossas obrigações sociais atuar de alguma forma a entender e minorar as consequências dessa nova epidemia malárica”, escreveu em artigo¹.

1 “Origens e infância do ICB5, em Rondônia”. *Jornal da USP*, 04/08/2017.

Conseguiram apoio de várias instituições – OMS, Opas, Finep, Fapesp e CNPq – e recrutaram jovens pesquisadores para ajudá-los nos projetos na Amazônia, como Luís Marcelo Aranha Camargo, então pesquisador da Superintendência de Controle de Endemias (Sucen-SP) e filho de Erney.

A atuação dos professores Erney e Luiz Hildebrando e de seus colegas resultou na publicação de dezenas de artigos científicos que aumentaram o conhecimento sobre as doenças infecciosas que assolavam a Amazônia. Resultou também na instalação do ICB5, base que a USP mantém desde 1997 na cidade de Monte Negro, em Rondônia, e que funciona como um núcleo avançado de pesquisa e realiza atendimento gratuito em saúde para a população da região.

“ A história de Rondônia foi marcada por sucessivas epidemias de malária envolvendo migrantes do Nordeste e do Caribe atraídos à Amazônia pelo comércio florescente da borracha e pela construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré no início do século 20. Outro episódio epidêmico começaria no fim do século, nos anos 1970, quando o governo militar ofereceu posse de terra a migrantes, desta vez do Sul do país. Sem nenhum preparo, vivência ou cultura malárica, gaúchos, capixabas e, principalmente, paranaenses povoaram Rondônia. A população do Estado cresceu de 100 mil habitantes para 1 milhão em 20 anos e o número de casos de malária subiu de 6 mil para 300 mil casos por ano. O atendimento à saúde era precário, uma vez que o estado não estava preparado para esse crescimento explosivo da população. Em muitos assentamentos, a situação tornou-se de absoluta calamidade.”²

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO

“ O ICB5 tem o DNA do maior parasitologista brasileiro, o professor Samuel Barnsley Pessoa, que dirigiu a Faculdade de Medicina da USP em meados do século passado e sempre se preocupou com as conotações socioeconômicas e ambientais das doenças. Na década de 1980, a malária era um grande problema para o Brasil e os professores Luiz Hildebrando Pereira da Silva e Erney Plessmann de Camargo, seguidores de Pessoa, queriam compreender melhor a epidemiologia e imunologia da endemia e implementaram um projeto de pesquisa com recursos da Organização Mundial da Saúde e apoio do governo de Rondônia. Em 1990, montamos uma base em Porto Velho para realizar o projeto. Nossa missão era colher amostras de sangue de pacientes com e sem malária, examiná-las e capturar os mosquitos transmissores para realizar análises laboratoriais em São Paulo.”³

² “Origens e infância do ICB5, em Rondônia”. *Jornal da USP*, 04/08/2017.

³ Entrevista para a revista *FCW Cultura Científica*. <https://fcw.org.br/culturacientifica2>



A iniciativa de Erney e colegas levou à instalação do ICB5, base que a USP mantém desde 1997 em Rondônia.

Foto: Marta Teixeira.

“O professor Marcos Boulos, da Faculdade de Medicina, da Infectologia, veio para Rondônia dar assessoria em um projeto chamado Polonoroeste, de incentivo às áreas mais pobres do país. Meu pai e o Hildebrando queriam estudar a malária na Amazônia e se aconselharam com o Boulos. Os dois vieram em 1985. Em vim logo depois, em 1987. Eles constituíram um grupo de pesquisa, que era uma parceria da USP com a Sucen [Superintendência de Controle de Endemias] e o Instituto Pasteur, com apoio da OMS. Eu era concursado na Sucen, tinha acabado a residência e estava fazendo mestrado. O Hildebrando, que foi meu orientador de doutorado, pediu que eu montasse a parte de informática, banco de dados, questionário clínico e depois fizesse a análise. Naquela época era dBase 4, era só programação, não tinha Word. Eu entendia um pouco, juntava o meu conhecimento médico com a informática. Meu pai e o Hildebrando se articularam durante um congresso em Caxambu e falaram que queriam que eu fosse para Rondônia.

“Naquela época, aqui era muito sertão, muito faroeste, era garimpo puro. Com o tempo minha esposa não aguentou e nos separamos. Fiquei sozinho, meio que o filho desgarrado, fora do radar dos pais. E minha mãe era aquela mãezona paulistana, religiosa, que gostava dos filhos sempre próximos. Acho que isso fez com que meu pai quisesse vir mais para a Amazônia e ficar comigo. Fizemos várias viagens juntos e foi uma espécie de reconciliação, porque eles não aceitaram muito a minha separação. Depois, com a aposentadoria do Hildebrando no Pasteur, meu pai pode vir e ficar mais tempo no departamento e em Rondônia. Aí o fluxo começou a ficar mais frequente.”

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

“ Eu também estive no ICB5, em Rondônia, onde tive um papel. Não posso mais ir porque minha saúde não ajuda, a viagem é longa e eu ficaria longe dos grandes centros, já não me sinto mais seguro. Mas ainda sou coordenador de um projeto na região, o INCT sobre Epidemiologia da Amazônia Ocidental, do qual o Erney foi membro do comitê gestor. Erney foi um dos grandes incentivadores do ICB5 e o Luís Marcelo foi o principal impulsionador, foi quem cruzou a linha do tempo para fazer algo que não existia e passou a existir. Estivemos os três muitas vezes lá juntos.

“Tem um tipo de canoa comum na região, com motor de popa, que eles chamam de voadeira. Em uma ocasião levei um susto quando Erney saiu em uma voadeira para ir a um afluente do rio Madeira fazer trabalho de campo. Foram 5 horas de voadeira, que é uma canoa sem encosto e um homem de mais de 70 anos fazendo aquilo! Quando ele voltou, a gente conversando, falou que estava com um pouco de dor nas costas. Eu disse:

‘Você está louco de ir naquela voadeira?’. E ele: ‘Mas eu acho que era um dever meu’.

“Em outras palavras, ele foi um tipo de Marechal Rondon também, explorador das condições de saúde da Amazônia, teve um trabalho muito importante de encontrar um tipo diferente de associação entre o ser humano e *Plasmodium vivax*, causador de um tipo de malária. Acharam indivíduos que eram portadores assintomáticos, algo que não se conhecia ainda. Então um mosquito, que é transmissor de malária e que picasse uma dessas pessoas, se infectaria e poderia daí em diante infectar outras pessoas. É uma descoberta importante no caso da epidemia de malária que ocorria naquela época na região. E isso é um testemunho de como ele era, aventureiro no bom sentido da palavra, da grande aventura, não o Indiana Jones mas o sujeito à procura de alguma coisa, à procura de desafios. Aliás, uma vez até conversamos sobre isso, que a grande aventura do século 21 é intelectual, não é mais correr, é na cabeça que está a grande aventura das coisas desconhecidas.”

HENRIQUE KRIEGER

“ Desde que voltou para a USP, em 1986, o professor Erney se envolveu em projetos na região amazônica. Inicialmente estudou malária e depois expandiu para tripanossomatídeos, inclusive doença de Chagas oral, adquirida com a ingestão de açaí, um problema emergente na região. Nos trabalhos de campo não reclamava do calor, dos mosquitos ou dos banhos frios. Ia frequentemente para Rondônia e foi muitas vezes ao Pará. Incrível como uma pessoa enjoada para comer como ele se deliciava comendo tacacá, tucupi e jambu. Em nossa última viagem ao Pará, ficamos em Cametá e vimos de perto a vida sofrida de uma população ribeirinha muito



Hildebrando e Erney
em frente ao Centro de
Pesquisa em Medicina
Tropical, em Porto Velho.
*Foto: Eduardo Cesar /
Revista Pesquisa Fapesp.*

pobre, que depende economicamente do extrativismo de açaí e que, quando adquire doença de Chagas ao se alimentar com açaí, sofre muito para ter acesso a um serviço de saúde. Uma tristeza.

“Ele era muito ocupado, com um cargo de gestão atrás do outro, mas queria participar dos trabalhos de campo. Às vezes ele tinha apenas uns três dias, no máximo uma semana, e eu dizia que era impossível, que só iria atrapalhar, imagina ter que buscar e levar ele ao aeroporto mais próximo, que muitas vezes era bem longe. Eu ficava irritada, mas não tinha jeito. Todos ficavam preocupados porque eram viagens muito cansativas, mas ele ia assim mesmo”.

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

“ Erney mostrou há décadas que o Sudeste do Brasil tinha que aprender a conhecer a Amazônia, mergulhar e se entrosar nela. Infelizmente, vendo a tragédia que o garimpo ilegal tem promovido na terra indígena Yanomami, lembro que isso foi anunciado desde a década de 1980 pelo Erney e outros pesquisadores que fizeram trabalhos na região.

“Tive oportunidade de seguir o Erney também em um projeto em Rondônia. E no meio da Amazônia, da mesma forma como na universidade, ele era sempre a mesma pessoa. Agregando, agradável, transformava as reuniões em ambientes sociais onde as pessoas acabavam se mostrando, se entrosando e os objetivos ficavam mais fáceis de serem alcançados através de uma harmonia de grupo.

“Mais recentemente o Erney me impressionava muito porque, apesar da idade, continuava a se aventurar também pela África para acompanhar trabalhos de pesquisa.

“Não é apenas olhar para a Amazônia, é viver a Amazônia. Não é apenas olhar para a sociedade e dizer ‘nossa, quanta pobreza’, mas sim entender, viver a situação para poder ajudar a resolver os problemas. Ele não olhava a Amazônia, ele viveu a Amazônia. Ele não olhou a África, ele viveu a África e é isso que transmitia. Eu e muitos outros terminamos mais envolvidos com a Amazônia graças ao exemplo dele e à transmissão dessa visão que ele conseguia compartilhar.”

RUBENS BELFORT MATTOS JUNIOR

“ Sem a colaboração do Leo Fortunato, eletricista, encanador e *fac totum*, não teríamos construído nossas instalações em Monte Negro. Leo, funcionário do ICB em São Paulo, e Silvana Eugênio, técnica de laboratório, nos acompanharam a Rondônia e lá ficaram até hoje.”

ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO

“ICB-USP na Amazônia – 30 anos de ciência nas fronteiras do Brasil”. ICB-USP, 2001.

“ Estava no ICB em São Paulo quando o professor Erney me chamou para ajudar a montar o laboratório em Rondônia. Fazer a parte elétrica, ligar destilador, aquelas coisas de laboratório. Tivemos que instalar um gerador porque na época a energia da cidade era muito fraca, era uma época bem ruim e a parte elétrica caía a toda hora. Depois, voltei para São Paulo, mas como não tinha eletricista para manter o laboratório, ele me convidou para mudar de vez e fui com a família para Rondônia. Trabalhei com ele, com o professor Henrique Krieger e com o professor Luís Marcelo. Fui a primeira vez em 1985 e fiquei até me aposentar, em 2015. Sou muito agradecido ao doutor Erney, uma pessoa que estará para sempre em meu coração.”

LEORMANDO FORTUNATO DORNELAS

“ Em 2001, quando viemos para Rondônia, eu tinha sete anos. Conheci o professor Erney naquela época, uma pessoa atenciosa, carinhosa e extremamente inteligente. Foi, certamente, vendo o professor Erney, o professor Henrique Krieger e o professor Luís Marcelo, trabalhando, fazendo pesquisas, o que me motivou a seguir essa carreira. Fiz biologia, depois o mestrado e agora estou no doutorado, com o Luís Marcelo como orientador. Isso tudo é influência deles, sempre quis me espelhar no que eles fazem, contribuindo para a saúde pública na região amazônica. Atualmente, trabalho com doenças tropicais negligenciadas com ênfase em ectoparasitos de morcegos e seus agentes patogênicos potencialmente prejudiciais aos seres humanos.”

LEORMANDO FORTUNATO DORNELAS JÚNIOR

ÁFRICA

O Programa de Cooperação Temática em Matéria de Ciência e Tecnologia (ProÁfrica), do CNPq, foi criado em 2004 a partir de uma proposta brasileira apresentada na 2ª Reunião Ministerial de Ciência e Tecnologia dos Países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, realizada em 5 de dezembro de 2003 no Rio de Janeiro.

Segundo o CNPq, o objetivo do programa era “contribuir para a elevação da capacidade científica tecnológica dos países africanos, por meio do financiamento da mobilidade de cientistas e pesquisadores com atuação em projetos nas áreas selecionadas por sua relevância estratégica e interesse prioritário para a cooperação científico-tecnológica”¹.

¹ <https://tinyurl.com/3d5c5nbw>

O ProÁfrica apoiou a mobilidade de pesquisadores brasileiros e africanos. De 2005 a 2010 foram lançados cinco editais, com o financiamento de 190 projetos. Desde então não houve mais editais.

“ Em um momento mais recente ele começou a se dedicar a entender a biodiversidade de uma classe específica de parasitas que são os tripanossomatídeos e entender um pouco também da parte de diversidade de evolução desses protozoários. As expedições para a África foram muito com esse intuito, além da preocupação de promover a ciência nesses países. Quando foi presidente do CNPq, ele fez vários acordos com países africanos para promover intercâmbio científico, colaboração, projetos de pesquisa. Ele tinha muito a preocupação de promover a pesquisa em países em desenvolvimento, não só no nosso.”

ANAMARIA ARANHA CAMARGO

“ Quando o professor Erney era presidente do CNPq, ajudou a lançar o ProÁfrica, um programa de cooperação entre Brasil e países africanos, junto com um amigo de longa data, o professor Wanderley de Souza, que na época era secretário-executivo do MCTI e havia ido com o presidente Lula para Moçambique. Em um jantar com eles em Brasília, me convenceram, sem nenhuma dificuldade, a participar do programa. No início, o programa incluía apenas países de língua portuguesa. Começamos por Moçambique, que vivia uma situação mais tranquila após uma longa guerra civil. Não pudemos ir a Angola, era muito perigoso, mas, acho que por total falta de conhecimento, nos autorizaram a fazer trabalhos de campo na Guiné Bissau. A primeira viagem que fizemos a Moçambique foi para conhecer e fazer um projeto com pesquisadores da Universidade Eduardo Mondlane. No primeiro trabalho de campo no país, professor Erney não foi porque não podia se afastar tanto tempo do CNPq e nossa viagem duraria um mês. Quando voltamos, eu e três estudantes, tínhamos tantas coisas para contar, trouxemos muitas amostras, tudo era original, ele queria saber todos os detalhes e lamentava ter perdido essa aventura.

“Quando saiu da presidência do CNPq e voltou para o Departamento de Parasitologia, a primeira coisa que me disse foi: ‘Na próxima viagem para Moçambique eu vou e vamos naquele lugar em que você esteve na última vez’. Era um acampamento usado por caçadores profissionais e que hospedava cientistas fora da temporada de caça. Ficava a dois dias de carro de Maputo, na beira do rio Zambeze e ao lado de uma vila com um cemitério onde foi enterrada Mary Livingstone. Ela foi a mulher de David Livingstone, médico, missionário e explorador que fez grandes descobertas andando durante muitos



Lindolpho de Carvalho Dias (ex-presidente do CNPq e presidente dos Comitês Gestores dos Programas ProSul e ProÁfrica), Jorge Guimarães (presidente da Capes à época), Erney Camargo (presidente do CNPq) e Venâncio Massingue (1960-2017), ministro de C&T de Moçambique. *Foto: CNPq.*

anos pela África, onde morreu, mas está sepultado na Abadia de Westminster. Professor Erney conhecia bem a história de Livingstone e obrigou todos a lerem um livro sobre a vida dele.

“Na sua primeira viagem a Moçambique, chegamos ao acampamento à noite, todos muito cansados da viagem. No dia seguinte bem cedo, um rapaz que tomava conta do local me chamou. Estava nervoso e pediu que eu fosse falar com o professor Erney, na época com um pouco mais de 70 anos. Veio me chamar porque havia uma neblina muito densa e o professor caminhava em direção ao rio. O rapaz tinha medo de que ele não enxergasse e caísse naquele rio imenso e cheio de crocodilos. Foi assim em todas as viagens, ele sempre se esquecia de ficar longe dos rios. Com ele no campo todo mundo acordava bem



Erney foi diversas vezes para o continente africano como parte do programa PróÁfrica. Foto: ICB-USP.

cedo, mesmo os que passavam a noite capturando morcegos. Começava e acabava o dia distribuindo tarefas.

“Na África, nosso principal projeto envolvia os tripanossomas africanos, que são um problema muito importante, não apenas por infectarem o homem, mas por dificultarem terrivelmente a criação de bois, cabras, ovelhas, cavalos e porcos, contribuindo de forma muito importante para a pobreza e a fome no continente. Mas nosso objetivo era muito maior, estávamos interessados em comparar os tripanossomatídeos da América do Sul e da África, entender a origem, diversificação e dispersão desses parasitas. Ele dizia coisas do tipo ‘uma delícia de trabalho, uma peça de cada vez de um grande quebra-cabeças, um desafio intelectual constante’.

“Fomos oito vezes a Moçambique. Desenvolvemos trabalhos muito importantes sobre os tripanossomas de lá. Cada vez íamos mais longe, da divisa com a África do Sul à divisa com a Tanzânia, ao norte. Conheçamos pessoas inesquecíveis, culturas muito diferentes, trabalhamos em lugares maravilhosos como os parques nacionais da Gorongosa e do Niassa, vimos de bem perto a imensa pobreza, convivemos com a população local. Em Moçambique, ficou amigo dos políticos, anti-gos combatentes da Frelimo [Frente de Libertação de Moçambique] e da embaixadora brasileira, era tratado como uma autoridade, dava entrevista para jornal e televisão. Como o ProÁfrica era um programa entre governos, a gente tinha que se apresentar para embaixadores e ministros. Ele gostava de Nelson Mandela, Samora Machel, Amílcar Cabral e outros revolucionários africanos. Contava sobre as guerras pela independência das colônias e das terríveis e bem recentes guerras civis cujas marcas eram ainda bem presentes nas ruas e na população.

“Visitamos duas vezes a Guiné Bissau, um país tenebroso de pobre, com muita corrupção e violência. Em 2009, uma semana antes de nosso embarque, houve uma revolta e o presidente do país foi assassinado. Tivemos que adiar a viagem e negociar com o embaixador, porque se acontecesse alguma coisa quem tiraria a gente de lá? Mas o embaixador, um tipo Indiana Jones, já tinha estado em lugares piores e achava ali um lugar tranquilo. Então fomos. Na primeira vez ficamos poucos dias, mas na segunda foram mais de 20 dias trabalhando no Parque Nacional das Lagoas de Cufada.

“A comida era a única complicação. Ele não reclamava, mas também não comia. Saíamos do Brasil carregando, além de muito material de laboratório, salames, queijos, latinhas de atum, azeitonas e doces. Eu sempre conseguia uns tomates e ovos para complementar. Ele comia isso todos os dias. Os voos para Guiné Bissau eram

muito complicados. Na segunda viagem, para economizar, compramos um voo com conexão em Cabo Verde. Ele não se importou com a longa conexão, pois a embaixadora do Brasil era amiga dele e ele adorava a música de Cesária Évora e, especialmente, o rebolado típico de Cabo Verde.

“A relação do professor Erney com as crianças, em todos os países onde fizemos trabalhos de campo, era muito especial. Ele vivia cercado por crianças, distribuía nossa comida, lápis, canetas, cadernos e dinheiro. Elas formavam o que ele chamava de seu exército de coletadores de insetos.

“Fomos duas vezes à Etiópia, em uma colaboração com a Universidade de Hawassa. Trabalhamos no Parque Nacional Nechisar, no centro do país, estávamos dentro do Grande Vale do Rift. ‘O berço da civilização’, ele dizia e era até irritante ouvi-lo falar tanto do assunto, tinha estudado tudo sobre evolução humana, só falava de *Australopithecus*, passamos horas olhando a Lucy e outros fósseis no Museu Nacional da Etiópia, em Adis Abeba. Professor Erney ficou perturbado com as igrejas escavadas nas rochas de Lalibela e com o reino de Aksum. ‘Afinal, existiu a rainha de Sabá?’, perguntava.

“Fomos levados com um grupo de pesquisadores estrangeiros para visitar outras universidades, que na Etiópia são muitas e monumentais. A viagem terminou no sul, onde se concentram as tribos do Vale do Omo. Ele não acreditava que tudo aquilo era real, parecia um filme. Disse muitas vezes que a Etiópia foi o lugar mais interessante que conheceu, um país sem fome e sem guerras. Nos últimos anos, isso mudou e ele me perguntava ‘Como pode um país tão religioso, que tem um presidente prêmio Nobel da Paz, estar em uma guerra tribal?’. Não tinha uma conversa ou seminário em que ele não contasse alguma história de lá, tudo superinteressante e original, como os parasitas que trouxemos.



Erney e colegas foram até o sul da Etiópia, onde se concentram as tribos do Vale do Omo. Foto cedida por Marta Teixeira.

“Curiosamente, as análises filogenéticas dos tripanossomas que trouxemos da Etiópia sugerem que ali foi a região de origem e dispersão de *Trypanosoma vivax*, uma espécie patogênica para bovinos que foi introduzida nas Américas pelos colonizadores. Estudamos esse tripanossoma no Brasil e em outros países da América do Sul há muitos anos.

“Nossa última viagem à África foi para Uganda, em uma cooperação com a Universidade de Makerere. Trabalhamos no Parque Nacional Rainha Elizabeth com uma maravilha de vida selvagem. Visitamos outros parques, vimos muitos chimpanzés e nos oferecerem uma visita à montanha dos gorilas no Parque Nacional Bwindi. Ele não foi, já não podia subir montanhas nebulosas e com muita lama. Mas nem ficou muito chateado, pois o que queria mesmo era ver bonobos. Ele sabia muito sobre evolução dos primatas, sabia que os bonobos têm comportamentos bem peculiares, alguns muito similares aos dos humanos. Estivemos perto da divisa com o Congo, onde vivem os bonobos. Em Uganda não tinha bonobo, mas ele perguntava mesmo assim, ‘não tem mesmo nenhum?’.

“Quando o professor Erney voltou de Brasília, saindo do CNPq, passou a dedicar a maior parte de seu tempo a entender a história evolutiva dos parasitas de uma família (Trypanosomatidae) muito grande de protozoários. Essa família compreende patógenos importantes como *Trypanosoma cruzi*, que causa a doença de Chagas (tema de seu primeiro projeto como docente da FMUSP), e *Trypanosoma brucei*, que causa a doença do sono na África, e centenas de outras espécies. Ao longo de sua carreira, sempre buscou conhecer e classificar esses parasitas. Era um naturalista, dizia que a taxonomia é das ciências mais antigas, desde Aristóteles. Sempre foi muito atualizado, foi pioneiro em estudos bioquímicos e moleculares e na taxonomia baseada em análises filogenéticas de Trypanosomatidae no Brasil. Foi assim que eu o conheci, um cientista interessado por tudo, querendo conhecer a diversidade, entender porque a maioria das espécies não era patogênica e como surgiram as espécies que causam doenças no homem, outros animais e até mesmo em plantas. Adorava dar nomes a novas espécies e me deixou uma lista bem

grande de espécies para descrever. Dei o nome dele para uma espécie, *Trypanosoma erneyi*, encontrada em um morcego africano.”

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

“ Por meio do ProÁfrica, tive a oportunidade de acompanhar o professor Erney em várias viagens para o continente, em especial a Moçambique e Angola. Ele apoiou a criação e o fortalecimento do sistema de ciência e tecnologia de Moçambique. A primeira pessoa a assumir o ministério na história do país foi um jovem que havia feito sua formação na Holanda e teve muito apoio do professor Erney. Ele organizou e participou de uma grande missão àquele país, que também teve a participação dos presidentes da Academia Brasileira de Ciências à época, da Capes, do presidente dos comitês gestores do ProSul e do ProÁfrica e de pesquisadores das mais diversas áreas. Foram feitas visitas a diversas instituições e identificadas necessidades do país na área de ciência, tecnologia e inovação, de modo a apoiar projetos de pesquisa reunindo brasileiros e moçambicanos.”

MARIA LUCILENE ARAUJO BARROS



ENCUENTROS E AMIGOS

CAPÍTULO 7

No início da década de 1970, o governo federal instituiu o Programa Integrado de Doenças Endêmicas (PIDE), definindo o estudo de tais doenças como prioridade para o desenvolvimento científico brasileiro. Apesar disso, “contavam-se nos dedos da mão os grupos que procuravam desenvolver uma parasitologia moderna com abordagens moleculares que fugissem um pouco do simples diagnóstico microscópico dos parasitas”, disse Walter Colli em *Quarenta anos de uma aventura que deu certo* (SBPz, 2013).¹

1 *Quarenta anos de uma aventura que deu certo*, Walter Colli, SBPz, 2013. <https://rb.gy/f7qux>

O professor Zigman Brener, do Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz, resolveu reunir cientistas para discutir como avançar a área de parasitologia no país. O primeiro encontro ocorreu em 1974, no Rio de Janeiro. Entre os pouco mais de 20 participantes do workshop: Nutrição, Crescimento e Variações de Cepas do *Trypanosoma cruzi* estavam Firmino Torres de Castro (UFRJ), José Ferreira Fernandes (USP), A.O.M. Stoppani (Universidade de Buenos Aires), R.E. Howells (School of Tropical Medicine, Liverpool), Nobuko Yoshida (UFMG), Maria Júlia Manso Alves (USP) e Erney Plessmann Camargo (Escola Paulista de Medicina).

Nos 24 anos seguintes o encontro foi realizado no Hotel Glória de Caxambu, com o nome oficial de Reunião Anual sobre Pesquisa Básica em Doença de Chagas – a exceção foi o evento de 1979, realizado no Rio de Janeiro em virtude da comemoração dos 70 anos da descoberta por Carlos Chagas.

Com o tempo, os congressos de Caxambu ganharam projeção internacional e passaram a ser frequentados pelos principais pesquisadores no mundo na área. Nos anos 2000, fundiram-se com as reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Protozoologia.

Henrique Krieger, Nísia Trindade Lima e Erney Camargo na sede da FCW, em São Paulo.
Foto: Heitor Shimizu.



Erney, Walter Colli, Firmino de Castro e Carlos Morel no Congresso de Caxambu em 1975. Foto cedida por Carlos Morel.

“ Eu fui professor na Universidade de Brasília com atuação em doenças negligenciadas, em particular doença de Chagas. Comecei na UnB em 1968, mas passei dois anos e meio na Suíça fazendo a minha tese de doutorado e, na volta, buscava áreas de pesquisa em que me dedicaria. O Erney visitou o grupo do Isaac Roitman, em 1972 ou 1973, e foi então que o conheci. O Isaac também tinha ido para Brasília mais ou menos nessa mesma época, e trabalhava com diversos microrganismos, incluindo o *Trypanosoma cruzi*.

“Minha amizade com o Erney se aprofundou quando começamos a participar dos congressos de Caxambu sobre pesquisa básica em doença de Chagas, onde

ele era um dos parasitologistas eminentes. Eu estava então em dúvida sobre qual tema de pesquisa abordar na minha volta da Suíça, onde trabalhei no Departamento de Biologia Molecular do Instituto Suíço de Pesquisas sobre Câncer. De regresso ao Brasil, procurava em que outro tema trabalhar, pois não queria continuar no estudo do câncer, a competição era muito grande, não me interessava, queria algo mais local. Erney, Isaac e Zigman Brener foram muito importantes nessa definição, por me mostrarem como seria importante aplicar as ferramentas da biologia molecular que aprendera na Suíça no estudo de patógenos no Brasil.

“Logo depois passei a usar o que aprendera na Suíça na caracterização do *Trypanosoma cruzi*, formando uma parceria com Erney e Isaac. Começamos a colaborar intensamente e publicamos um artigo em 1977 na *FEBS Letter* e outro em 1980 nos *Proceedings of the National Academy of Sciences*, o que nos uniu bastante. Parte dos experimentos destes artigos foram feitos na UnB, parte na Universidade da Califórnia, no laboratório de Larry Simpson, e parte na Fiocruz, para onde eu tinha migrado em 1978. Esse artigo do *PNAS* ainda hoje é um de nossos trabalhos mais citados.

“Cada congresso de Caxambu era organizado por alguém escolhido pelos organizadores dos anos anteriores. No segundo congresso já eram dois organizadores e assim foi durante 20 anos. Erney foi um dos organizadores em 1977 e propôs que eu organizasse o congresso de Caxambu de 1978. Justo eu, um novato, coordenando um evento tão importante sobre *Trypanosoma cruzi*. O congresso foi muito bem-sucedido, consegui trazer vários cientistas do exterior e a ótima repercussão do evento legitimou a minha entrada no campo da parasitologia molecular. Mais uma que devo ao Erney.

“Erney, por toda a trajetória dele, foi um expoente em chamar atenção para as doenças das populações negligenciadas. Ele sempre insistia em não tratar a pesquisa como algo desvinculado da realidade do país. Para ele, a pesquisa tinha que estar muito envolvida com a resolução dos problemas de saúde pública do Brasil.”

CARLOS MOREL

“ O professor Erney já era reconhecido, um pesquisador que tinha trabalhado desde cedo em aspectos bem avançados de parasitologia, um dos pioneiros no trabalho com biologia molecular em parasitas no Brasil. Eu, então jovem, participei dos congressos de Caxambu, da qual ele era um dos líderes. Foi quando tive o primeiro contato com ele. As reuniões eram anuais e o professor Erney sempre foi uma pessoa muito aberta para conversar, para sugerir, foi sempre uma colaboração muito interessante. Muito inteligente, com muito bom humor, tratava de tudo de forma bem leve e isso foi bastante importante.”

MANOEL BARRAL-NETTO

“ Meu pai Aluizio Rosa Prata foi professor na Universidade Federal da Bahia, na Universidade de Brasília e na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, então ele e o professor Erney nunca se envolveram com a mesma instituição. Mas estiveram juntos na *Revista Brasileira de Medicina Tropical* e na Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. Os dois eram especialistas em doença de Chagas e malária e também se encontravam em congressos no Brasil e no exterior, organizaram eventos juntos, tinham muita proximidade.”

ÁLVARO TOUBES PRATA



Erney e ex-alunos de Pós-Graduação em Microbiologia e Imunologia no Congresso de Caxambu em 1994. Foto cedida por Clara Mestriner.

“ Outra colaboração muito importante do professor Erney na década de 1970 foi a sua participação como um dos criadores do congresso de Caxambu, que inicialmente era pequeno porque a parasitologia no Brasil era modesta. Mas o congresso cresceu e adquiriu nível internacional, com estrangeiros que gostavam de vir para cá porque realmente se discutia muita ciência, a ciência brasileira na época era muito efervescente, muito boa. No início, o congresso era só sobre doença de Chagas, depois começaram a incorporar outros trabalhos sobre Leishmania, parasita também importante como agente de parasitoses humanas. Com o tempo, o

congresso se uniu à Sociedade Brasileira de Protozoologia, então outros protozoários também passaram a ser abordados no evento de três dias que é realizado até hoje, sempre em Caxambu.”

CLARA LÚCIA BARBIÉRI MESTRINER

““ No congresso de Caxambu, como tínhamos muitos estudantes, de graduação e pós-graduação, para tornar menos formal o ambiente decidimos criar um prêmio, em vez de ter solenidade de abertura, cantar hino ou fazer discurso. Era o Prêmio Roitman, concedido para quem mais bebesse durante o congresso. Tinha categoria masculina, feminina e internacional. Chegou até mesmo a ser noticiada em uma revista inglesa, a *Parasitology Today*. Eu fazia o entretenimento, era uma espécie de Silvío Santos.

“Antes da última conferência em cada congresso, realizávamos a cerimônia de entrega do Prêmio Roitman, que era uma garrafa de bebida alcoólica. Quando foi uma cachaça chamada Pau do Padre, eu me vesti de Padre Cícero. Quando demos um vinho do centenário do Van Gogh, fiz uma conferência sobre o Van Gogh vestido de Van Gogh. Era uma palhaçada. Teve um cientista de Cambridge, casado com uma brasileira, que ganhou, e não parava de falar para a mulher: ‘I won! I won!’”

ISAAC ROITMAN

Há alguns anos, Erney teve a ideia de reunir amigos cientistas da área de saúde no que chamou de Confraria. “Para conversar, estar junto com amigos. Estamos ficando velhos, será bom ter um grupo para tomar um uísque, falar da vida”, disse¹.

1 e 2 <https://www.fcw.org.br/post/luto-na-confraria-in-memori-am-erney-plessmann-de-camargo>

O grupo se reunia em Brasília, Rio de Janeiro ou São Paulo, “em algum restaurante acolhedor”, conta Carlos Morel. “Marcello [Barciski], como secretário perpétuo, ajudava Erney na organização do calendário, aproveitando as viagens de trabalho dos confrades.”

Com a pandemia de covid-19, as reuniões passaram a ser por zoom. Em uma delas, Erney colocou em votação a proposta de admitir uma confreira. “Após calorosos debates, a Confraria aprovou Nísia [Trindade Lima] como sua primeira e única confreira”, disse Morel².

“ A Confraria foi quase que uma emergência espontânea. Ficou claro que existia um grupo de amigos que interagiam menos do que gostaria. Nos encontrávamos anualmente nas reuniões de Caxambu sobre doença de Chagas e percebemos que era importante a gente interagir mais de perto, ter reuniões mais frequentes. Certamente quem teve um papel importante na criação da Confraria foi o Isaac Roitman. Com a morte do Erney, a Confraria ficou bastante abalada. Falta um membro, está meio desestruturada, e ninguém está com muita coragem de reconstruí-la nesse instante em que a marca da ausência do Erney está muito forte. Mas nós vamos em um dado momento reconstruí-la. Ele não ia querer que acabasse.”

MARCELLO BARCINSKI



“ Erney tinha várias faixas de amizade. Eu estava na faixa da pirâmide lá em cima, muito forte, assim como outros colegas de pesquisa, então começamos há uns oito anos a Confraria. Nós dois, mais o Carlos Morel, Wanderley de Souza, Marcello Barcinski, Henrique Krieger e o Luiz Rodolfo Travassos, que faleceu em 2020, e depois convidamos a Nísia Trindade. A gente marcava encontros em São Paulo ou no Rio, em restaurantes. Essa Confraria é um simbolismo, de querer prolongar a nossa amizade, o nosso convívio. Eu fiquei muito abalado com a perda do Erney porque ele não tinha nenhum problema grave, nenhuma doença terminal. Fiquei de ressaca emocional por muitos dias. Mas a memória fica e, na minha faixa de idade, a gente sabe que está na fila.

Fim de almoço da Confraria em 16 de julho de 2016, no Restaurante do Francês. Da esquerda para a direita: Carlos Morel, Erney, Marcello Barcinski, Luiz Travassos, Isaac Roitman e Henrique Krieger. “Wanderley de Souza, membro ativo, naquele dia não podia estar em São Paulo”, disse Morel, que cedeu a foto.

“Acho que foi em 2000 quando decidimos fazer uma viagem juntos. Erney, Zigman Brener, Henrique Krieger, eu e nossas esposas. Nos encontramos em Paris e viajamos por Israel e pela Turquia. Depois cada um seguiu para um lugar diferente e nos encontramos novamente em Praga, em um bar que o Erney conhecia. Outro encontro ocorreu algum tempo depois, quando o Zigman, talvez a maior autoridade em doença de Chagas desde Carlos Chagas, começou a manifestar Alzheimer. Eu, o Erney e o Krieger nos encontramos no aeroporto em Belo Horizonte e fomos almoçar na casa do Zigman que felizmente nos reconheceu. Mais que colegas, éramos como irmãos.

“Tivemos muitos momentos alegres, emoldurados por um bom uísque. Erney sempre foi um humanista, com pensamentos e atitudes para o coletivo. Foi um sãopaulino fanático, mas sempre mantivemos uma convivência virtuosa apesar de eu ser torcedor do Santos. Nos últimos anos, através da Confraria, idealizada por Erney, tivemos muitos encontros presenciais e virtuais. Ter convivido com Erney foi um privilégio. Estará para sempre na minha memória.”³

³ <https://www.fcw.org.br/post/luto-na-confraria-in-memoria-erney-plessmann-de-carmargo>

ISAAC ROITMAN

“ Estávamos visitando o Domo da Rocha, em Jerusalém. Mesquita famosa, uma das mais importantes do islamismo e, chegando lá, queríamos entrar. Do nosso grupo todos entraram mas quando chegou a minha vez um bedel me impediu porque eu estava de bermuda. Aí ele trouxe uma saia de chita coloridíssima, que cobriu as minhas pernas. Visitamos a mesquita e, na saída o Erney puxa a câmera e me fotografa trajando aquela ‘fantasia’, logo eu, que sempre me vestia sobria e antiquadamente. Nos anos seguintes eu sempre dizia que estava esperando uma chantagem dele, que nunca veio,

obviamente. Mas o documento, a fotografia, ele tinha. Eu sempre brinquei: ‘Você ainda tem aquela foto?’. E ele: ‘Tenho. E sei quando vou usar!’”

HENRIQUE KRIEGER

“Que alegria ter me encontrado com ele e participado da reunião do conselho da Fundação Conrado Wessel, no dia 4 de fevereiro [de 2023]. Não poderia suspeitar que seria nosso último encontro. Antes disso foram muitas trocas de mensagens, encontros virtuais da Confraria e promessas de uma esperada reunião presencial em algum restaurante no Rio ou em São Paulo, ou mesmo na casa de um de nós. Saudades desse futuro que não chegou, mas uma saudade terna e apaziguadora de quem reconhece o gosto pela vida do amigo que partiu e sua forma plena de ser e estar neste planeta. Este momento de despedidas sempre nos traz surpresas, entre elas a de saber ter partido de Erney a sugestão para que eu ingressasse na Confraria de cientistas e amigos que tanto admiro.”⁴

“Como dizia Guimarães Rosa, as pessoas não morrem, ficam encantadas. E é com esse encantamento que guardarei as lembranças do cientista, gestor de ciência e tecnologia, intelectual brilhante e querido amigo.”⁵

NÍSIA TRINDADE LIMA

“A Confraria foi uma iniciativa também dele. ‘Vamos nos encontrar! Já que a gente não pode estar sempre se encontrando nos congressos, que ocorrem com uma frequência muito baixa, vamos nos encontrar com uma frequência maior, só para bater papo!’. Era só para bater papo, sem programação. Uma hora era

^{4 e 5} <https://www.fcw.org.br/post/luto-na-confraria-in-memoriam-erney-pless-mann-de-camargo>



Carlos Vogt e Erney
Camargo em evento do
Prêmio FCW em 2015,
na Sala São Paulo.
Foto: FCW.

no Rio, outra em São Paulo. Sempre com muita comida e bebida. Era absolutamente surpreendente a capacidade dele de beber e permanecer sóbrio. Eu tomo a primeira dose, quando chega a segunda já começa a me dar sonolência. O Erney era capaz de tomar meia garrafa e parece que não fazia efeito. A gente se encontrou recentemente mais no restaurante que tem no aeroporto Santos Dumont. Durante a pandemia fazíamos encontros virtuais, cada um com seu copo. A última iniciativa importante foi acrescentar a Nísia Trindade, antes de ser ministra da Saúde. Perdemos alguns dos membros da Confraria e estamos com dificuldade de retomar os encontros.”

WANDERLEY DE SOUZA

“ Morre Erney Camargo. A Confraria perde o grão-mestre e grande sacerdote. O mundo perde um grande brasileiro, o Brasil um grande cientista e eu um bom e velho amigo.⁶

⁶ <https://www.fcw.org.br/post/luto-na-confraria-in-memoria-erney-plessmann-de-camargo>

“A Confraria é o apelido que dávamos a um grupo de pessoas que se reuniam ocasionalmente. Nesse grupo estavam o Erney, Isaac Roitman, Zigman Brener, [Luiz Rodolpho Raja Gabaglia] Travassos e eu. Erney na realidade era não só um dos membros, mas o incentivador dessas reuniões, geralmente um almoço em algum restaurante bom. Então o Zigman morreu e ampliamos a Confraria com Carlos Morel, Marcello Barcinski e Wanderley de Souza. Algum tempo depois o Travassos morreu. Em seguida entrou a nossa ministra da Saúde, doutora Nísia [Trindade Lima], que é formidável, uma pessoa excelente, espero que ela consiga superar todas as dificuldades do ministério.

“Erney como pessoa era um sujeito muito aberto, gostava de discutir as coisas. Gostava muito de ciência, claro. Era interessado em tudo da vida, um homem que tinha visões políticas muito claras a respeito da situação do Brasil e de como pensar em solucionar os grandes problemas do país. Era um amigo dos amigos.

“Nunca perseguiu ninguém, que eu saiba. Aliás, é um assunto que sempre colocávamos em dia: que não tínhamos esse vício de perseguir pessoas. Apesar de a gente ter sofrido algumas coisas na vida, nunca perseguimos ninguém, nunca buscamos revanche.

“Vou usar uma metáfora circense para descrever o Erney. Ele era o artista, o trapezista principal da trupe, sem dúvida. Mas também podia ser o diretor artístico, que não aparecia. E tinha a competência para outros papéis. E essa versatilidade, essa capacidade de trabalho, esse talento, transparecia em quase tudo que ele fez. O espírito inovador, de busca, aquela inquietude dele.”

“ Em setembro de 2022 estive em São Paulo para ver meus pais e, por coincidência, eles fizeram uma reunião da Confraria. Eu nunca tinha participado mas tinha ouvido falar bastante. Na reunião, acabei conhecendo a ministra Nísia Trindade e vimos que tínhamos vários temas em comum, como a questão da saúde na Amazônia, saúde indígena e dificuldades ribeirinhas.”

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

“ A dinâmica da Confraria ele fazia com todo mundo. Quando tínhamos algum problema para discutir era comum ele dizer ‘passa no meu gabinete, vamos tomar um uísque e a gente conversa’. E resolvíamos o problema facilmente! Ele era uma pessoa muito agregadora e com ele o ambiente era sempre descontraído.”

VAHAN AGOPYAN

“ Durante o tempo que convivi com o professor Erney tive muitas oportunidades de vê-lo encontrar amigos e outros com quem não teve muita convivência mas que trabalharam juntos ou escreveram artigos em colaboração. Sempre me chamou a atenção que quando essas pessoas o encontravam demonstravam uma admiração e um carinho impressionantes. Acho que um dos motivos para isso é que o Erney não dava mancada. Não fazia nada que pudesse ser visto como armação, como algo montado para benefício próprio. Ele sempre foi muito correto e a palavra dele valia muito.”

JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO



Drugowich e Erney no concerto comemorativo dos 60 anos da Fapesp na Sala São Paulo, em maio de 2022. Foto: Fapesp.

“ Fica não apenas a saudade, mas a falta que ele faz. Fica também o exemplo de alguém capaz de juntar indivíduos em torno de um ideal e fazer todos caminharem juntos e se sentindo bem. A gente sempre brinca em reuniões mais longas, ‘puxa se o Erney estivesse aqui já estava todo mundo com um copo na mão’. Ele transformava as coisas em uma atividade feliz, quase que festiva, onde as pessoas conversavam como amigos. Não eram aquelas reuniões com todos sentados em uma mesa, muito formal, mas encontros que terminavam em bate-papo no qual por meio de conversas íamos resolvendo os problemas.”

RUBENS BELFORT MATTOS JUNIOR

“ Fui reitor e pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina e quando me envolvi com gestão universitária e comecei a participar das agências de fomento, era comum encontrar o professor Erney em eventos. Era sempre muito agradável pelas lembranças que tínhamos em comum, pois costumava frequentar a casa dos meus pais, de quem era amigo. Mas também era uma oportunidade de me aconselhar, pois ele se preocupava com a minha carreira e sempre tinha uma palavra ou uma frase que me estimulava.

“Às vezes me encontrava com o professor Erney no fim do dia em Brasília para tomar uísque e nessas horas a conversa rolava solta. Eu gostava muito das tiradas dele, das coisas que ele falava.”

ÁLVARO TOUBES PRATA

“ Erney Camargo era uma pessoa de extrema sensibilidade, um afeto muito à flor da pele. Sempre preocupado com os colegas. Uma pessoa com quem se podia contar, como amigo, como companheiro. Era muito eficiente, produtivo e apaixonado pelo que fazia e fazia tudo com muita competência. Era fácil depositar inteira confiança e se alinhar com ele, seus projetos e iniciativas.”

MARCELLO BARCINSKI

“ Pensando no trabalho, persistência, resistência e disposição do professor Erney, sou otimista em relação aos desafios para a ciência brasileira. Não por ser um sonhador, mas porque aprendemos em todo desafio que enfrentamos. A universidade, em geral, conseguiu enfrentar muito bem o problema da pandemia de

covid-19. As universidades em todo o mundo tiveram papel primordial em minimizar esse desastre que vivemos e a ciência acabou sendo mais respeitada pela sociedade. A sociedade percebeu e compreendeu que as instituições de ensino e pesquisa são importantes não apenas para formação de quadros profissionais bem preparados, mas para resolver imprevistos, que são parte da solução dos problemas.

“No começo deste século havia, no mundo todo, não só no Brasil, uma certa descrença. Achava-se que havia um investimento muito pesado em ciência, tecnologia e inovação e os resultados não pareciam ser adequados. Isso fez com que as universidades se preocupassem com a sua chamada terceira missão, que é relacionamento com a sociedade. A pandemia permitiu que a sociedade entendesse o que são essas instituições de ciência. Cabe agora a nós manter e aprofundar esse bom relacionamento com a sociedade e explicar melhor a nossa função. Estou pessoalmente muito envolvido em tentar cada vez mais colocar os resultados do conhecimento que a gente desenvolve na sociedade que nos patrocina.

“Professor Erney faz falta porque, nesse momento em que estamos conseguindo superar uma crise, ainda temos os resquícios de uma certa polarização, de um certo radicalismo de posições. Uma pessoa agregadora como ele é imprescindível para acelerar uma união necessária. Ele faz muita falta para a sociedade brasileira e para a academia.”

VAHAN AGOPYAN

“ Lembro da beleza que era conversar com o Erney. Eram conversas sempre leves, muitas vezes tornadas alegres por um vinho. Acho que o mundo de hoje precisa entender que do jeito que as coisas estão, com

essa agressividade, a socialização é algo extremamente importante. O Erney compreendia isso e sabia ter essa empatia. Sabia que as coisas não se fazem só com as regras, mas com conversas. Às vezes eu me queixava com ele, contava um problema e ele batia nos meus ombros, sempre simpático, e dizia ‘Coragem!’.”

FRANCO MARIA LAJOLO

“ Convivi muito tempo com o Erney, era um grande amigo. Muitas pessoas de que ele gostava se tornavam boas amigas. Ele sempre procurava saber como as coisas estavam, quais eram as dificuldades, o que cada um estava precisando. Ele era erudito, passou por muitas experiências em diferentes lugares e situações e sabia como efetivamente desenvolver uma carreira que fosse importante para o amigo ou amiga, mas também para o país e para a ciência brasileira, que era uma grande preocupação dele. De preferência voltada para questões de importância para a área médica brasileira, doenças infecciosas e parasitárias, que sempre foi o foco da carreira dele.

“O Erney não tinha muita paciência para ouvir discurso. Nos eventos, quando chegava na hora dos discursos, era comum ele me chamar de canto e convidar para sair ‘porque isso não vai acabar hoje’. Se estivessem falando coisas interessantes, tudo bem. Mas quando a solenidade tinha muito blá blá blá, aí ele preferiria ir para um canto e ficar de fora. A cerimônia de entrega do Prêmio FCW em 2022 ele fez de uma maneira muito interessante, porque chamou o Renato Teixeira, que cantava algumas músicas, descia para tomar uma bebida com a gente na mesa, voltava ao palco para cantar outras músicas. Aquela para ele era a solenidade perfeita, porque não precisava sair para beber.”

WANDERLEY DE SOUZA

“ Erney é muito especial por ter integrado à sua capacidade de trabalho – e de fazer ciência e resolver problemas – características únicas. Sua faceta polivalente era baseada em um caráter muito firme. Companheiro de primeira hora para todas as nossas demandas, fossem elas de caráter político, científico ou pessoal. Era o companheiro permanente de muitos que, como eu, acompanharam sua vida e se tornaram amigos. Ele tinha uma consistência muito grande no que ele se comprometia a fazer e fazia sempre com muita eficiência. Não conheço um segmento de atividade em que se envolveu no qual não tenha tido grande sucesso. Esse conjunto fez do Erney uma pessoa muito, muito especial.

“Além de encontrar soluções e resolver problemas, às vezes bastante complicados, outra característica do Erney pela qual eu sempre tive admiração foi a fidelidade dele ao tema de pesquisa. Era uma questão de princípio que ele herdou da sua orientação desde o começo da carreira com Samuel Pessoa no curso de medicina na Universidade de São Paulo. Manteve essa consistência até o fim, essa fidelidade ao estudo dos tripanossomatídeos e à área das doenças tropicais no Brasil. Todos nós temos dívidas com uma pessoa tão especial como Erney Camargo.

“Há muitas raízes na nossa convivência pessoal e na admiração que eu mantive pelo Erney. Depois do período em que convivemos na Escola Paulista de Medicina, na USP e em Brasília, continuamos a vida e aí de vez em quando marcávamos um encontro, às vezes no Rio mas com mais frequência quando eu ia a São Paulo. Foram almoços em que discutimos questões persistentes no país, sobretudo na área política e na política científica.

“Pouco antes da pandemia, fui de Porto Alegre para São Paulo e nos encontramos no consultório do Rubens Belfort, nosso oftalmologista, o Rubinho como nós o chamamos. Depois da consulta, descemos para tomar

um trago, nosso famoso uísque de todas as oportunidades, e foi a última vez que tive contato pessoal com ele. Veio a covid e nesse período ele fez a cirurgia na coluna. Acompanhei de longe. A primeira cirurgia funcionou muito bem, mas precisou de uma segunda e aí, infelizmente, as coisas complicaram. Erney deixa muitos exemplos na família, na vida política e na ciência e muita saudade entre os amigos.”

JORGE GUIMARÃES

“ Não sei se teremos Erneys suficientes para a luta que será reconstruir a educação e a ciência brasileiras depois do período horrroso do Bolsonaro. Do fundo do coração, gostaria de dizer que sim, mas está difícil. Não pela capacidade, mas pela vontade, pela determinação. Não sei o que está acontecendo, mas depois daquele governo e depois da pandemia, o *drive* das pessoas diminuiu muito. Os jovens estão vendo muito alternativas fora do país. Coisa que a geração do Erney e as seguintes não viam dessa forma, a gente queria construir. A tragédia que foi o governo Bolsonaro com a educação e com a ciência, foi um impacto muito forte que afetou muito, inclusive as grandes universidades. Estamos vivenciando isso e a reconstrução está mais lenta do que gostaríamos.

“Ele gostava muito de mim, o que é interessante porque ele era muito amigo do Peter, que morreu em 2005. Não é que a gente era de sair, a gente se encontrava. Mas ele sempre, por meio da Anamaria ou diretamente comigo, mandava mensagens para saber se eu realmente estava bem. Tinha um carinho, um cuidado.

“A pessoa do Erney é uma amálgama de muitas características. Era um inquieto, um indivíduo que nunca estava satisfeito. Estava sempre buscando fazer mais, era um

brasileiro realmente dedicado ao país. Sempre achou que aqui era o lugar. Oportunidade é o que não faltou para ele continuar fora, mas o sonho era voltar para o Brasil, e voltou. Ele era a vanguarda e um jovem, sempre entusiasmado com o país. Era difícil você vê-lo dizer ‘não deu certo’. Ele sempre achava que ia dar certo. Batalhador. E eu vejo o quanto que o Brasil deve a ele, acho que o Brasil não sabe tudo o que deve a Erney Camargo.”

HELENA NADER

“ Como eu, ele tinha horror do Bolsonaro e daquele tempo. Mas sempre teve consciência de que aquilo acabaria, que não levaria muito tempo para terminar e que não teríamos ditadura outra vez. Isso ele sabia com toda clareza, ele tinha essa visão. E nesse ponto eu era até mais pessimista do que ele, achava que a gente estava correndo um risco grande, mas ele dizia que não, estava sempre muito seguro de que isso acabaria.”

DRAUZIO VARELLA

“ O professor Erney respeitava muito o ser humano. Quando era pró-reitor de Pesquisa da USP, era comum ter reuniões no fim do dia para discutir novas ideias e fazer balanços da gestão. Em uma daquelas tardes, ele muito atencioso me chamou e me dispensou da reunião porque soube que eu tinha um problema familiar. Mostrou-me o valor da amizade comparecendo ao casamento da minha filha Máira e me presenteando com cestas de Natal. Ao comparecer ao casamento da sua filha Anamaria e à comemoração de seu 70º aniversário, observei a harmonia e a finesse do casal Marisis e Erney. Pude auxiliá-lo na construção de uma edificação em seu sítio em São Carlos, quando também percebi

que, embora sofisticado em seus gostos, de maneira simples ele aceitava as soluções propostas de acabamento em função do que era possível.”

OSVALDO SHIGUERU NAKAO

“Aprendi muito com o professor Erney, mas além da admiração eu sou muito grata a ele. Há alguns anos, fui diagnosticada com prolapso da válvula mitral, que provavelmente desenvolvi como consequência de amigdalites, excesso de antibióticos e febre reumática. Com defeito em uma das válvulas, provocando refluxo sanguíneo importante, fui orientada pelo meu cardiologista a fazer a cirurgia de correção, em 2021. Em Brasília, procurei vários cirurgiões e todos faziam essa cirurgia só com abertura do tórax, o que me deixou apavorada. Depois que pesquisei e descobri que em São Paulo se fazia uma cirurgia minimamente invasiva para o problema, decidi ligar para o professor Erney, que rapidamente me colocou em contato com um cardiologista amigo no Incor. O resultado é que acabei fazendo a cirurgia com o professor Fábio Jatene, com uma pequena abertura lateral e tive uma recuperação excelente e atualmente não tenho nenhuma queixa ou seqüela.

“Conversei com o professor Erney no fim de janeiro de 2023, para falar sobre a posse do novo presidente do CNPq, o professor Ricardo Galvão, e ele disse que estava muito feliz com a notícia, por ser um excelente nome e também um grande amigo. Quando recebi a notícia da morte do professor Erney, no dia 3 de março, foi uma terrível surpresa, pois ele havia me dito que estava bem. Perdemos um grande pesquisador, um ser humano excepcional, sensível aos problemas das pessoas mais humildes e que deixou um grande legado para a ciência brasileira.”

MARIA LUCILENE ARAUJO BARROS

“ Erney é um personagem que a gente queria ver em toda a espécie humana. Era gentil, alegre, solidário. Um exemplo para quem conviveu com ele e para quem teve o privilégio de conviver mais por serem discípulos. Apesar de ter um preparo acadêmico muito acima da média, conseguia dialogar com todas as faixas de pessoas, das que não tinham educação formal a cientistas. Lembro de uma solenidade na Universidade de Brasília, quando o reitor Cristovam Buarque discursava e ao lado dele estava o Darcy Ribeiro. Cristovam disse ‘meu sonho é ser igual ao Darcy Ribeiro’. O Erney inspira isso também, queremos ser iguais ao Erney Camargo.

“Mas hoje existem muito poucos Erneys e seria bom se tivéssemos mais, porque acabamos de viver um retrocesso muito grande. Com todo o esforço da comunidade acadêmica desde a implementação da pós-graduação no Brasil, temos agora egressos de doutorado sem emprego e sem oportunidade. As universidades e centros de pesquisa não estão contratando, os pós-graduandos sobrevivem alguns anos com bolsas mas estamos exportando esses talentos. Precisamos de ações emergenciais para não perder esse capital humano. Temos uma massa crítica, de boa qualidade, mas insuficiente para avançar no processo civilizatório.

“A admiração pelo Erney é coletiva. Em julho [de 2023], na abertura da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Curitiba, ele recebeu uma homenagem póstuma. Os aplausos nessa homenagem viajaram no cosmo registrando o apreço e a admiração ao grande homem e cientista Erney Camargo.”

ISAAC ROITMAN

“ Durante toda a sua carreira, nunca deixou de se dedicar à antiga paixão que era história natural. Ele sempre dizia que fez medicina porque naquele tempo era o melhor lugar para aprender história natural. No segundo ano da faculdade, foi atraído por professores brilhantes e pelo ambiente acadêmico e político muito estimulante do Departamento de Parasitologia da FMUSP. Tornou-se um parasitologista porque ‘não estava longe da história natural e era necessário: a população precisava de cientistas com preocupação social’. Conviveu com grandes cientistas que o influenciaram muito, mas nunca escondeu que Samuel Pessoa e Leônidas Deane foram seus preferidos. Guardava cartas, escrevia sobre a vida deles e falava dos dois com imensa admiração e gratidão.

“Ele pesquisou doenças parasitárias desde o tempo de estudante, quando existiam muito mais doenças endêmicas e negligenciadas. No nosso departamento na USP, se envolveu em estudos de malária, visitava populações ribeirinhas e criou condições e estrutura física (ICB5, em Rondônia) para quem quer pesquisar na Amazônia. Nos últimos anos, sempre que era entrevistado ou homenageado, falavam de tudo o que ele havia feito e não perguntavam o que andava pesquisando no momento, mas ele encontrava um jeito de contar. Detestava ser colocado no passado, foi um cientista superativo a vida toda.”

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA



CIÊNCIA EM FAMÍLIA

CAPÍTULO 8

Erney e Marisis, professora titular de literatura americana na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tradutora, tiveram quatro filhos e 12 netos. Todos os filhos se tornaram cientistas, docentes e gestores.

Luís Marcelo nasceu em 1961, Luís Fernando no ano seguinte e Luís Eduardo em 1964. Anamaria veio mais tarde, em 1971. Os três filhos acompanharam os pais nos Estados Unidos, durante os cinco primeiros anos da ditadura militar. Quando Anamaria nasceu a família havia retornado do exílio, mas a ditadura continuava.

“ Lembro de uma conversa que tive com meu pai depois que voltamos dos Estados Unidos. Eu tinha 16 anos e estava em dúvida sobre o que prestar no vestibular. Sempre gostei muito de natureza e de animais, tanto que hoje uma das minhas linhas de trabalho é entomologia médica, estudo insetos de importância médica. Na época, ele assinava uma revista da Editora Abril chamada *Os bichos* que era bem bonita, trazia a cada mês a história de um animal, seus hábitos, alimentação, onde viviam, muitas curiosidades e eu devorava aquelas páginas. Então, disse que estava pensando em fazer veterinária. Ele respondeu: ‘Por que você não faz medicina? Porque se fizer medicina você faz veterinária e biologia. Se fizer biologia, não faz medicina nem veterinária. E se fizer veterinária, não faz medicina. Então a sua chance de errar é menor.’ Foi o que acabei fazendo.”

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

“ As influências são óbvias. Se você olhar do ponto de vista profissional, eu também sou médico, ainda que tenha seguido uma carreira diferente. Quando me formei, achei a vida clínica mais atrativa do que a pesquisa, apesar de ter feito clínica em doenças infecciosas, que era no que ele trabalhava. Embora eu tenha optado por fazer uma carreira mais clínica, nunca deixei de pesquisar, nunca deixei de fazer pesquisa na minha área de conhecimento. Não fui trabalhar exatamente com doenças tropicais, mas com infecção em pacientes imunocomprometidos. Mas é clara a relação que existe, o legado dele, a posição muito forte na vida e em tudo o que ele fez.”

LUÍS FERNANDO ARANHA CAMARGO

“ A influência dele sempre foi muito grande, principalmente para despertar a curiosidade por tudo: um bicho, uma planta, uma semente. Acho que herdamos a curiosidade de sempre perguntar e depois pesquisar. Meus avós maternos tinham um sítio em Porto Feliz, no interior de São Paulo, onde virávamos a noite observando estrelas e anotando seus nomes. Na adolescência, eu ia muito no laboratório na Escola Paulista de Medicina, principalmente nas férias. Ele deixava que eu fizesse alguns experimentos simples ou cuidasse dos ratinhos no biotério e aquilo me fascinava. Eu ficava o dia inteiro, almoçava com os pesquisadores, conhecia os colegas dele. Foi muito importante para minha formação.”

LUÍS EDUARDO ARANHA CAMARGO

“ A influência dele em relação à carreira que segui foi muito forte. Obviamente que tiveram outras pessoas e professores que colaboraram com isso, mas a maior influência sem dúvida alguma foi dele. Nas férias, eu frequentava o laboratório do meu pai na Escola Paulista de Medicina e era um momento muito especial. Passava a semana toda lá com ele, colegas e alunos e aquele ambiente de laboratório me fascinava. Fui exposta muito cedo àquilo, desde os 10 anos, e sempre gostei muito. No laboratório tinha uma coleção de insetos e uma série de coisas que para uma criança são incríveis. Quando fui prestar o vestibular, conversamos bastante. Acho que havia um desejo dele de que eu fizesse medicina, mas eu já tinha muito claro que não queria ser médica. Gostava da área da saúde, sempre gostei, mas queria fazer pesquisa e achei que a forma mais rápida de tornar aquilo realidade seria fazer biologia. Então decidi e ele me apoiou.”

ANAMARIA ARANHA CAMARGO



Luís Marcelo e Erney na passagem de ano no sítio em São Carlos, janeiro de 2023. Foto: Família Aranha Camargo.

“ Como sou o filho mais velho, durante um bom tempo na minha infância ajudei minha mãe a receber os amigos deles na casa onde morávamos, no Pacaembu, que tinha um quarto de hóspedes. Naquela época não tinha essa de dormir em hotel, os pesquisadores ficavam um na casa do outro. Eu ajudava a fazer as caipirinhas, levava as cervejas, as bebidas. Eram reuniões com muita gente importante, como os Deane, Henrique Krieger, Zigman Brenner, e eu ficava ali no meio, pois além de gostar da prosa, quando eu perguntava alguma coisa eles respondiam. Naquelas noites eu podia dormir mais tarde, depois da meia noite, quando o costume em casa era recolher as crianças às 8 ou 9 horas.”

LUÍS MARCELO

“ Em 1964, quando fomos aos Estados Unidos, eu tinha apenas seis meses. Meu pai foi primeiro e alguns meses depois seguimos com minha mãe – eu e meus dois irmãos, que tinham três e dois anos. Naquela época viajar para o exterior não era fácil. Tenho muitas boas recordações de lá, tanto que voltei depois para fazer o doutorado na mesma Universidade de Wisconsin–Madison. Segui os passos dele mas foi também um golpe de sorte. Quando terminei o mestrado um professor de lá veio ao Brasil dar uma palestra em genética e patologia vegetal. Conversamos e depois deu certo de eu ir. Foi uma experiência fundamental, de ter um pouco de vivência internacional. Meus pais foram nos visitar várias vezes, eu era casado com a Rosana, mãe da Gabriela e da Helena.

“Em Madison, atrás das casas não havia cercas, era um grande gramado em comum e os moradores se revezavam para cortar a grama. Lembro que quando meu pai cortava era uma delícia porque ele fazia caminhos na grama que viravam pistas de corrida e a gente ficava correndo que nem doido. Quando ele acabava de cortar a grama, acabavam as pistas.

“Uma vez fomos acampar no Parque Nacional de Yellowstone e quase morremos de frio. Ele não tinha muita habilidade para coisas do tipo montar uma barraca, minha mãe também não, mas no final deu certo e foi bem divertido”.

LUÍS EDUARDO

“ Por força do exílio, morando nos Estados Unidos longe dos avós, parentes e amigos, ficamos muito próximos, uma família muito nuclear. Quando retornamos, ainda passamos um ano em Ribeirão Preto. Quer dizer, durante uns seis anos nossa família fomos só nós cinco – minha irmã ainda não tinha nascido. Então, naqueles anos

de nossa infância, meu pai e minha mãe foram figuras muito presentes em nossas vidas. Meus pais eram muito atentos, preocupados com a gente, eram muito dedicados.

“Não conversávamos muito sobre política, era ainda a época da ditadura que não deixava muito espaço para falar sobre o assunto. Não sabia da história política dele. Um dia, falei da minha militância, que tinha entrado no Partido Comunista Brasileiro, e foi uma surpresa, uma coincidência muito grande descobrir que ele tinha sido do mesmo partido. Mas talvez não tenha sido coincidência.”

LUÍS FERNANDO

“ Costumo dizer que foi bom para mim, mas para os meus pais foi um período de muita tensão. Estou lendo o livro *O controle ideológico na USP (1964-1978)* – mudaram o título, tiraram *O livro negro*, que estava na primeira edição – e penso que naquela época eles não deixaram transparecer as preocupações. Só me dei conta anos depois, quando ele prestou concurso para voltar à USP. Entrei na universidade e comecei a participar do movimento estudantil, mas ainda tinha um resto da ditadura, estamos falando de 1982, ainda havia agentes infiltrados nas universidades. Foi então que comecei a perceber a dimensão daquele período e passamos a conversar sobre o assunto.

“Não entrei no Partido. Eu acompanhava meu irmão Fernando e dizia que não ia entrar porque um dia ia querer estudar fora e – olha o medo – aí o consulado vai ver que eu sou membro do PCB e não vai me dar o visto. Mas eu ia à UNE, às eleições, era muito interessante. Na Esalq, ajudei a retomar a discussão política no campus, entre os estudantes.”

LUÍS EDUARDO

“ Em 1982, quando ele foi para a França no Instituto Pasteur, levou minha mãe e minha irmã, que tinha 11 anos. Moraram um ano e meio em um apartamento bem simples na periferia de Paris. Fiquei em São Paulo como o chefe da família. Nas férias de julho eu e o Eduardo, que fazia engenharia florestal em Piracicaba, fomos encontrá-los em Paris. O Fernando, que estava na Escola Paulista de Medicina, não foi por causa de uma greve. Passamos um mês viajando de carro pela França, Suíça, Alemanha, Áustria e Itália. Meu pai era muito engraçado e, na Rota do Vinho, quis parar em um monte de chateau para provar. Estava muito alegre, de novo com a família reunida e comprou uma caixa em cada lugar que paramos. Depois, quando voltamos para Paris, começaram a chegar caixas que não acabava mais. Ele perguntou: ‘Fui eu que comprei tudo?’. Eu disse que sim e perguntei o que íamos fazer. E ele respondeu: ‘Vamos beber!’. Foi um tempo muito bom.”

LUÍS MARCELO

“ Nos Estados Unidos, lembro de viajarmos para o Grand Canyon e o Canadá, mas no Brasil viajamos muito pouco juntos. A situação financeira não era tão tranquila, afinal dois professores universitários com três e depois quatro filhos. Ele viajou mais sozinho, a trabalho ou para coletar material de pesquisa. Depois viajou bastante com a minha mãe, conheceram vários lugares. Mas com a família foi mais na época em que passamos nos Estados Unidos.

“Meu avô materno tinha um sítio em Porto Feliz que era o foco de união da família e meu pai se inspirou nisso. Comprou um sítio em São Carlos onde construiu uma casa com quartos para todos os filhos e a gente se reunia lá. Mas São Carlos é um pouco longe para mim. O Eduardo mora em Piracicaba, mais próximo, e sempre

foi mais, tanto que hoje é ele quem cuida do sítio. Lá tem muita coisa do meu pai que estamos preservando, como quadros, livros e fotografias.”

LUÍS FERNANDO

“Acho que é natural, como ocorre na carreira de várias pessoas, que a partir de um certo momento a parte de gestão fica maior do que a de pesquisa. Hoje, eu tenho cargos de gestão mas procuro manter a preocupação do meu pai de não deixar de fazer ciência, ainda que em um tempo mais restrito, mas de manter essa atividade. Ele gostava e tinha qualidades de um bom gestor, sabia que era algo importante, mas nunca deixou de ser também um pesquisador e conseguia conciliar os dois lados muito bem.

“Gestão pode se tornar uma espécie de buraco negro onde muitos acabam engolidos, mas ele sempre teve a disciplina de manter a atividade de pesquisador, sempre se manteve ativo publicando artigos. No hospital, em sua última semana, uma grande preocupação dele era ter que entregar uma revisão em agosto [de 2023] e ele estava atrasado, era uma revisão grande.”

ANAMARIA

“O sítio em São Carlos passou a ser o ponto de encontro da família, nos fins de ano ou em feriados. Nos últimos anos, era mais frequente nos reunirmos em São Carlos do que em São Paulo. No sítio tinham os bichos, as plantas, tomávamos caipirinha, conversávamos sobre ciência e atualidades, ele sempre gostou muito de geopolítica. Foi uma relação boa e que persistiu a vida toda, graças a Deus nunca tivemos conflito. Foi sempre um grande amigo.



Erney, Marisis e os filhos
em 2022. Foto: Família
Aranha Camargo.

“Falei que nunca tivemos conflito? A exceção foi o costume de ele trazer sementes das viagens, o que não se deve fazer pois tem sempre o risco de introduzir patógenos. Eu falava que não podia, mas quando eu ia ver, a semente já estava plantada. As árvores que ele plantou estão lá, todas grandes e bonitas. Não teve doença, então o sítio serviu como uma quarentena, acompanhado por um patologista vegetal, no caso eu. Ele plantou espécies com nomes bem estranhos que ele adorava falar. Lá no sítio está cheio de livros de identificação de plantas. Ele teria sido bom também na área agrícola e no sítio ficou um pequeno jardim botânico que ele plantou.”

LUÍS EDUARDO

“ Ele tinha um jeito de lidar com situações difíceis que era levar para o lado do humor. Mesmo em momentos trágicos ele conseguia ver o ridículo da situação, como foi durante o governo Bolsonaro.”

LUÍS FERNANDO

“ Meu pai sempre estimulou muito a leitura, algo que eu passei para minhas filhas quando elas eram pequenas. Ele falava que a gente podia dormir mais tarde com uma condição: se fosse para ler um livro. Podia ser também revista em quadrinhos, o importante era ler. Esse é um estímulo que ficou, o gosto pela leitura e pela leitura diversa, não só de ciência. Influência também do lado de minha mãe, que é da área de literatura.”

LUÍS EDUARDO

“ Ele era muito justo, era uma característica dele, e muito tranquilo. Gostava de conversar e era muito acessível. Acho que essas são características importantes de um líder. Quando se está fazendo a gestão de uma equipe grande, esse é o perfil que vejo ser mais bem sucedido. Ele não tinha dificuldade em interagir com pessoas das mais diferentes esferas, desde a vida cotidiana até a vida intelectual e acadêmica.

“Ele liderava por inspiração. Sempre foi assim, não só no âmbito profissional como no familiar. Ele tinha uma posição importante, muito forte na família, e inspirava não só os filhos, mas os sobrinhos, todos os que viviam ali com ele. Uma liderança inspiradora.”

ANAMARIA

A black and white photograph of a brick building. The building has two tall, narrow windows with dark grilles. A sign with the word "WESSEL" in large, white, sans-serif capital letters is mounted on the brick wall between the two windows. In the foreground, there is a dark doorway and a window with a white frame. A car is partially visible at the bottom left. Power lines are visible across the sky.

WESSEL

FUNDAÇÃO
CONRADO
WESSEL

“ Em 2002, Erney e eu fomos convidados pelo [José Moscolliato] Caricati, que foi por 30 anos diretor financeiro da Fundação Conrado Wessel, para ajudar a realizar a primeira edição do Prêmio FCW. Eu era presidente da Fapesp, o Erney do CNPq, e participamos, juntamente com outros dirigentes de entidades, dessa iniciativa de apoio à ciência, à medicina, à literatura, à cultura e à fotografia, conforme estava previsto no testamento de Ubaldo Conrado Wessel. O Prêmio foi um grande sucesso e, em seguida, o Erney foi convidado para ser o coordenador científico da Fundação e eu o coordenador cultural.

“Convivemos e trabalhamos ao longo dos anos e das edições do Prêmio FCW que foram realizadas até 2016, quando então houve algumas mudanças de rumo na gestão da Fundação e eu acabei saindo. O Erney continuou e, por ter continuado, desenvolveu condições para assumir a Fundação quando as circunstâncias permitiram, em outro momento de grande mudança. Primeiramente, ele trabalhou para que o Drugo [José Roberto Drugowich de Felício] se tornasse presidente do conselho curador. Depois, assumiu como diretor-presidente e de fato retomou e reimprimiu na Fundação aquilo que era a razão dela ter sido criada e os seus objetivos.

“Pouco tempo após o Erney assumir o comando da Fundação Conrado Wessel, ele me convidou para integrar o conselho curador e eu aceitei. Depois, pediu que eu o ajudasse na administração. Então, saí do conselho e passei a ser assessor da presidência e, posteriormente, diretor administrativo, além de coordenador cultural. Foi um momento em que pudemos conviver intensamente em propósitos comuns, um dos quais foi a volta do Prêmio FCW, que sugeri em um almoço com o Erney, disse que seria simbólico de retomada da Fundação depois de anos difíceis. Ele concordou e trabalhamos para que em 2022 os Prêmios de Ciência e de Fotografia voltassem a ser concedidos.”

CARLOS VOGT

“ Erney foi diretor científico da Fundação Conrado Wessel desde 2007, sendo responsável pelos prêmios FCW de ciência e de medicina. A partir de 2016, a Fundação passou por maus momentos em virtude de problemas administrativos e o prêmio deixou de ser concedido. No início de 2020, com a saída de algumas pessoas da direção da Fundação, ele me indicou para ser membro do conselho curador. Alguns meses depois houve eleição e fui eleito para presidir o conselho. No ano seguinte, convidamos o professor Erney para ser presidente. Inicialmente ele recusou, mas depois acabou aceitando porque sabia da situação delicada da Fundação. Como em outras instituições por onde estive, era preciso limpar e organizar a casa e ele era a pessoa certa para fazer isso. Foi um momento complicado pois a Fundação Conrado Wessel vivia uma situação ruim não só administrativamente como financeiramente. Foi graças ao trabalho liderado pelo Erney que, em 2022, foi possível retomar os prêmios FCW de ciência e de fotografia, entregues em outubro. Nesse intervalo, foi possível renovar o conselho curador, que passou a contar com cientistas e acadêmicos reconhecidos, com currículos impecáveis e também pessoas excelentes, como os professores Carlos Vogt, Franco Lajolo, Rubens Belfort Jr., Soraya Smaili e Vahan Agopyan. Com isso, pudemos retomar a missão da Fundação, que é apoiar a arte, a cultura e a ciência brasileira, conforme desejo de Ubaldo Conrado Augusto Wessel. Como diz a torcida do São Paulo, time de coração do Erney, ‘o campeão voltou.’”

JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO

“ Em 2022, recebi com muita alegria o convite do professor Erney para fazer parte do conselho curador da Fundação Conrado Wessel. Foi uma grande honra. Tivemos algumas reuniões antes da minha posse e apenas uma reunião depois, infelizmente, mas pude compartilhar a visão de futuro que ele nos apresentou a partir da FCW. Ele via à frente do seu tempo, fez isso a vida toda, em tantos lugares diferentes, seja como pesquisador na Amazônia ou como presidente do CNPq. Foi realmente uma grande missão esse último período dele junto à FCW, por que ele resgatou a Fundação, que passava por um mau momento. Trouxe de volta o Prêmio FCW, que significa muito para nós cientistas e para a comunidade acadêmica. Fiz parte do júri do prêmio em 2022, o que foi fantástico, ainda mais depois da pandemia e depois de todas as dificuldades da Fundação. E ele estava lá firme, representando aquilo que sempre representou, que a ciência brasileira tem não só grandes talentos mas grandes feitos e esses feitos são legados que alimentam o nosso futuro. Principalmente nesses últimos anos, porque os cientistas aguentaram firme, em uma demonstração de resistência, de resiliência, de dedicação e de amor pelo nosso país. Durante a pandemia ficaram sem recursos, sendo atacados como ocorreu no período da ditadura. Erney personifica isso por ter sido um símbolo de resistência, ele aguentou firme em períodos muito difíceis. Esteve sempre muito seguro e muito firme nos seus propósitos como cientista e também como um cientista engajado, envolvido com a política, pois não existe espaço vazio na política e ele sempre demonstrou isso muito bem, que a política precisa também da ciência. Nos seus últimos meses, trouxe um desfecho positivo para Fundação, apontando caminhos para o futuro. Deixou exemplos e tarefas importantes a serem feitas.

“Em uma das últimas reuniões com o professor Erney, falamos sobre como melhorar a comunicação científica. É comum dizer que os cientistas precisam falar mais com a sociedade, mas alguém pergunta o que a sociedade

pensa? Falar o quê e para quem? Esse foi o motivo pelo qual, quando saí da reitoria da Unifesp, decidimos criar o SouCiência, Centro de Estudos Sociedade, Universidade e Ciência. Erney foi entusiasta desta iniciativa e demonstrou claramente o seu apoio, o que mostra que estamos no caminho certo, mas também aumenta a nossa responsabilidade. Precisamos pensar sempre em como seguir e fazer o que o Erney pensaria, no seu exemplo de cientista e na sua condução para a vida.”

SORAYA SOUBHI SMAILI

“ Erney é um exemplo de quem fez a vida ser uma grande aventura, não no sentido do aventureiro irresponsável, mas daquele que vive e tem os prazeres e as paixões que a aventura consequente propicia. Ele foi assim até o final, não tinha barreira para sonhar coisas melhores. A Fundação Conrado Wessel é um exemplo disso. Algumas semanas antes de falecer, ele programava conosco as atividades futuras e deixou lá também um grupo muito forte e uma estratégia delineada para os próximos anos.

“Erney sempre acreditou no poder das pessoas se juntarem. Um de seus últimos projetos na Fundação Conrado Wessel foi a reforma da nova sede no Pacaembu, para criar um espaço em que se possa conversar sobre questões nacionais, de saúde e da cultura. Uma forma de agregar pessoas e instituições com uma finalidade comum. Acho que esse é mais um sonho dele que agora a Fundação, com o diretor-presidente Carlos Vogt, está realizando. De instituir um ambiente necessário para desenvolver, além da identidade de projetos e da identidade social, laços afetivos que facilitem o trabalho em conjunto. Acho que esse é talvez o núcleo da maneira que o Erney trabalhava.”

RUBENS BELFORT MATTOS JUNIOR

“Fiquei muito feliz por ele ter me convidado para participar do conselho da Fundação Conrado Wessel. Foi uma oportunidade e uma felicidade de poder conviver com ele, ainda que infelizmente por poucos meses. Poder reencontrá-lo e ver o mesmo jovem Erney ali, preocupado com a missão da Fundação, reorganizando a Fundação, preparando os planos para o seu desenvolvimento.”

FRANCO MARIA LAJOLO

“Uma das questões que Erney e eu conversamos bastante foi dar novamente visibilidade à Fundação Conrado Wessel. Tudo aquilo que havia sido feito erroneamente no sentido de esconder a Fundação nós queríamos fazer o contrário: mostrar a Fundação. Nesse sentido, decidimos retomar o trabalho de comunicação e divulgação. Em 2022, fizemos um novo site, bem atraente e moderno, com dados institucionais, informações sobre todos os prêmios entregues desde 2002 e notícias de interesse da Fundação.

“Em seguida, decidimos fazer uma revista digital para reunir importantes nomes da ciência e da cultura brasileiras em debates sobre temas fundamentais para o desenvolvimento do país. Em janeiro de 2023, lançamos a revista *FCW Cultura Científica*, com o tema ‘Chatbots e inteligência artificial’, e o Erney ficou encantado com o resultado. Ele sempre foi muito ligado às questões culturais e costumávamos conversar bastante sobre as grandes transformações do mundo operadas pelas tecnociências.

“A segunda edição de *FCW Cultura Científica* abordou um tema caríssimo a ele, que foi ‘Saúde na Amazônia’, e tivemos a felicidade de receber na Fundação a visita da ministra Nísia Trindade Lima, que acabou sendo entrevistada e participou da revista.”

CARLOS VOGT

DEPOIMENTOS

CAPÍTULO 10

Agradecemos aos cientistas, amigos e filhos do professor Erney, que gentilmente se dispuseram a ser entrevistados para a produção deste livro.

ALVARO TOUBES PRATA

Professor do Departamento de Engenharia Mecânica e ex-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi secretário executivo e secretário de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação. Foi vice-presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior.

ANAMARIA ARANHA CAMARGO

Coordenadora e pesquisadora do Centro de Oncologia Molecular e gerente de pesquisa do Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa. Integra as coordenações adjunta e de área da Fapesp. Bacharel em ciências biológicas e doutora em ciências pela USP. Participou do projeto de sequenciamento do genoma da bactéria *Xylella fastidiosa* e do Projeto Genoma do Câncer Humano.

CARLOS MOREL

Diretor do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde da Fiocruz, foi presidente da Fiocruz (1992 a 1997), professor da Faculdade de Medicina e do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília. Coordenou Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia em Saúde, foi diretor do Programa Especial de Pesquisa em Doenças Tropicais da OMS e membro do conselho deliberativo do CNPq.

CARLOS VOGT

Diretor-presidente da Fundação Conrado Wessel, professor emérito da Unicamp e pesquisador emérito do CNPq. Foi reitor da Unicamp de 1990 a 1994, presidente da Fapesp de 2002 a 2007, secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo de 2007 a 2010 e presidente da Fundação Univesp de 2012 a 2016. É coordenador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp.

CLARA LÚCIA BARBIÉRI MESTRINER

É professora associada do Departamento de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia da Escola Paulista de Medicina. Tem experiência em pesquisa na área de parasitologia, com ênfase em protozoologia parasitária humana. Possui graduação em biomedicina, mestrado e doutorado pela Escola Paulista de Medicina.

DRAUZIO VARELLA

Médico cancerologista formado pela FMUSP, dirigiu o Serviço de Imunologia do Hospital do Câncer e o Serviço de Câncer no Hospital do Ipiranga. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil, especialmente do sarcoma de Kaposi, e um dos fundadores do Curso Objetivo. Realizou um trabalho de pesquisa sobre a prevalência do vírus HIV na população carcerária da Casa de Detenção do Carandiru.

FRANCO MARIA LAJOLO

Professor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, onde foi diretor, pesquisador principal do Centro de Pesquisa em Alimentos e membro do conselho curador da FCW. Foi vice-reitor da USP e membro da Comissão de Assessoramento Técnico Científico da Anvisa. Graduado em farmácia bioquímica pela USP, fez doutorado em ciência dos alimentos pela USP e pós-doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology.

HELENA NADER

Professora titular da Unifesp e emérita da Escola Paulista de Medicina, foi pró-reitora de Graduação e de Pós-Graduação e Pesquisa da Unifesp. É presidente da Academia Brasileira de Ciências, foi presidente e é presidente de honra da SBPC. Formada em ciências biomédicas pela Unifesp e em biologia pela USP, completou o doutorado em ciências biológicas pela Unifesp e o pós-doutorado na University of Southern California.

HENRIQUE KRIEGER

Professor titular do Instituto de Ciências Biomédicas da USP e coordenador do INCT sobre Epidemiologia da Amazônia Ocidental. Exerceu cargos diretivos na Universidade de Brasília, Universidade Federal de São Carlos e no Instituto Oswaldo Cruz. Foi professor visitante na Washington University, no Instituto Pasteur e na Oxford University, presidente da Associação Latino-Americana de Genética e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Genética.

ISAAC ROITMAN

Foi professor da UFRJ e da UnB e diretor do Centro de Biociências e Biotecnologia da UENF. Foi diretor de avaliação da Capes e assessor da presidência do CNPq, presidindo a Comissão Nacional de Avaliação da Iniciação Científica. Foi diretor do Departamento de Políticas e Programas Temáticos do MCTI. Doutor em microbiologia pela UFRJ com pós-doutorados nas universidades Hebrew, Kent, Pace e Sussex.

JORGE GUIMARÃES

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da UFRGS e do Mestrado Profissional em Pesquisa Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Foi presidente da Embrapii, da Capes e da CTN-Bio. Graduado em medicina veterinária pela UFRRJ e doutor em ciências biológicas pela Escola Paulista de Medicina, com pós-doutorado no National Institutes of Health.

JOSÉ ROBERTO DRUGOWICH DE FELÍCIO

Presidente do conselho curador da FCW e assessor da presidência da Fapesp, é professor titular no Departamento de Física da USP em Ribeirão Preto. Foi chefe de gabinete da reitoria e coordenador geral da administração da USP. Foi diretor de programas horizontais e instrumentais do CNPq e membro dos comitês gestores dos Fundos Setoriais da Amazônia, do Petróleo, Energia e Informática.

LEORMANDO FORTUNATO DORNELAS JÚNIOR

Estagiário responsável pelo Laboratório de Doenças Tropicais Negligenciadas no ICB-5/USP. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Biologia da Interação Patógeno Hospedeiro no Instituto Leônidas e Maria Deane (Fiocruz Amazônia).

LUÍS EDUARDO ARANHA CAMARGO

Professor titular na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP, onde dirige o Centro de Tecnologia da Informação e preside a Comissão de Assuntos Docentes. Fez graduação em engenharia florestal e mestrado em agronomia (fitopatologia) pela USP, com doutorado em genética e melhoramento vegetal pela Universidade de Wisconsin.

LUÍS FERNANDO ARANHA CAMARGO

Professor da Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein e professor adjunto da Unifesp, onde chefia o Grupo de Infecção em Transplantes. Atua principalmente com infecções em transplante de órgãos sólidos e de células-tronco hematopoiéticas. É doutor em doenças infecciosas e parasitárias pela USP.

LUÍS MARCELO ARANHA CAMARGO

Professor no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP e coordenador do ICB5, em Monte Negro (RO). É professor colaborador do Instituto Leônidas e Maria Deane (Fiocruz Amazônia) e da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP. Possui graduação em medicina pelo Centro Universitário Faculdade de Medicina do ABC, com mestrado em microbiologia e imunologia pela Unifesp e doutorado em ciências pela USP.

MANOEL BARRAL NETTO

É pesquisador do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia) e professor aposentado da UFBA. Foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e também diretor da Faculdade de Medicina da UFBA. Foi diretor de programas temáticos e setoriais e diretor de Cooperação Institucional do CNPq e membro do Comitê Gestor do Fundo Setorial de Saúde e do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia.

MARCELLO ANDRÉ BARCINSKI

Professor emérito da UFRJ, é professor titular aposentado da UFRJ e da USP. No Ministério da Saúde, criou no Instituto Nacional de Câncer a Divisão de Medicina Experimental e a pós-graduação em oncologia. Possui graduação em medicina pela UERJ, doutorado em ciências biológicas (biofísica) pela UFRJ e pós-doutorado pelo National Institutes Of Health.

MARCO ANTONIO ZAGO

É presidente da Fapesp. Foi reitor (2014-2017) e pró-reitor de Pesquisa (2010-2014) da USP, presidente do CNPq (2007-2010), período em que foi criado o Programa dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, e secretário de Estado da Saúde de São Paulo (2018). Graduou-se pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde obteve títulos de mestre e de doutor, tendo realizado o pós-doutorado na Universidade de Oxford.

MARIA LUCILENE ARAUJO BARROS

Coordenadora de Fomento a Programas Internacionais da Coordenação Geral de Cooperação Internacional do CNPq. Formou-se em ciências econômicas com especialização em inteligência competitiva pela UFRJ e diplôme d'études approfondies scientifique pela Université Aix-Marseille III.

MARTA MARIA GERALDES TEIXEIRA

Professora titular do Departamento de Parasitologia no ICB. Foi membro do comitê de assessoramento do CNPq. Fez doutorado e mestrado em microbiologia e imunologia na Escola Paulista de Medicina. Desenvolve pesquisas e orienta pós-graduandos na área de protozoologia humana e veterinária.

MOISÉS GOLDBAUM

Docente da FMUSP desde 1970, é professor sênior no Departamento de Medicina Preventiva. Foi secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde, consultor nacional da OPAS/OMS e superintendente de Desenvolvimento Social do CNPq. Foi superintendente da Superintendência de Controle de Endemias e coordenador dos Institutos de Pesquisa da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo.

OSVALDO SHIGUERU NAKAO

Professor na Escola Politécnica da USP e gerente administrativo na Fapesp. Foi prefeito do campus USP da capital, superintendente do espaço físico e chefe de gabinete da reitoria da USP. Foi membro do conselho curador da Fundação de Apoio à USP, do conselho fiscal da Associação Brasileira de Educação em Engenharia e do conselho fiscal da Fundação Vanzolini.

RUBENS BELFORT MATTOS JUNIOR

Professor no Departamento de Oftalmologia da Unifesp e presidente do Instituto da Visão (Ipepo). Foi presidente da Academia Nacional de Medicina, da Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina, da Associação Panamericana de Oftalmologia e do World Ophthalmology Congress. É membro do conselho curador da FCW.

SORAYA SOUBHI SMAILI

É professora titular do Departamento de Farmacologia da Escola Paulista de Medicina e membro do conselho curador da Fundação Conrado Wessel. Foi reitora da Unifesp no período 2013-2021. É coordenadora adjunta do Centro de Saúde Global da Unifesp e coordenadora do Centro de Estudos Sociedade Universidade e Ciência (SoU_Ciência).

VAHAN AGOPYAN

Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo e professor titular da Escola Politécnica da USP. Foi reitor, vice-reitor e pró-reitor de pós-graduação da USP, diretor da Escola Politécnica e coordenador de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo. Foi diretor presidente do IPT, presidente do conselho superior do Ipen e membro do conselho superior da Fapesp.

WANDERLEY DE SOUZA

Professor titular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (UFRJ), onde foi diretor e vice-diretor. Foi presidente e diretor da Finep, diretor do Inmetro, secretário-executivo do MCTI e secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro. Foi o primeiro reitor da UENF e da Universidade Estadual da Zona Oeste. É graduado em medicina pela UFRJ, com mestrado e doutorado pela mesma instituição.

Prêmio
FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL
FCW

PRÊMIO FCW

Ubaldo Conrado Augusto Wessel (1891-1993) explicitou em testamento o desejo de criar uma fundação voltada à filantropia e ao apoio às atividades culturais, artísticas e científicas no Brasil. Em 1994, a Fundação Conrado Wessel foi instituída. Além de apoiar instituições beneficentes, a Fundação criou, em 2002, o Prêmio FCW, reconhecendo profissionais renomados nas diferentes áreas do conhecimento, com qualidades de talento inovador, liderança, abrangência social, trabalho, integridade e ética. De 2015 a 2021, devido a dificuldades administrativas e financeiras, o Prêmio não foi concedido.

Após ter assumido a diretoria da presidência, o professor Erney conseguiu recuperar a Fundação, que voltou a realizar o Prêmio FCW em 2022. O Prêmio de Ciência foi concedido a Carlos Joly, professor emérito da Unicamp e principal mentor do programa Biota-Fapesp, em cerimônia realizada no dia 20 de outubro, em São Paulo. Erney destacou a importância do trabalho pioneiro de pesquisa de Joly para o avanço da ciência da biodiversidade. A escolha de Joly foi feita por um grupo de jurados que reuniu os cientistas Helena Nader (presidente do júri), Glaucius Oliva, Luiz Davidovich, Marcello Barcinski, Marcelo Knobel, Marco Antonio Zago, Marta Teixeira e Soraya Smaili, além do almirante Paulo Cesar Demby Correa.

O Prêmio FCW de Fotografia também voltou a ser realizado, tendo novamente como objeto a profissão e atividade empresarial de Ubaldo Conrado Wessel. Paula Pedrosa foi a vencedora, com Lalo de Almeida e Raphael Alves ficando em segundo e terceiros lugares. A escolha foi feita a partir da indicação do júri de seleção e do voto dos participantes na cerimônia de premiação.





↖ Em 2022, depois de seis anos, os Prêmios FCW de Ciência e de Fotografia voltaram a ser realizados

↑ Erney e Carlos Vogt na cerimônia de entrega dos prêmios, realizada em outubro de 2022 em São Paulo

→ Erney no discurso do Prêmio FCW de Ciência, em que destacou a importância do trabalho de Carlos Joly





↑ José Roberto Drugowich de Felício entrega o troféu do Prêmio FCW de Ciência a Carlos Joly

↗ Erney cumprimenta Joly, professor emérito da Unicamp e mentor do programa Biota-Fapesp

→ Rubens Belfort Jr., Drugowich, Erney, Marcello Barcinski (outro membro da Confraria) e sua esposa Maria Teresa Machado



Paula
Pedrosa



Lalo de
Almeida





↖ Franco Lajolo e Carlos Vogt entregam o Prêmio FCW de Fotografia à Paula Pedrosa

← Em segundo lugar ficou o fotógrafo Lalo de Almeida, que recebeu o prêmio de Vahan Agopyan

↑ Professor Erney e convidados da cerimônia que marcou o retorno do Prêmio FCW em 2022



↑ A cerimônia teve show de Renato Teixeira, que cantou alguns de seus sucessos como “Romaria”, “Tocando em Frente” e “Frete”

↗ Sob os aplausos dos convidados, o cantor e compositor é cumprimentado pelo professor Erney

→ Wanderley de Souza e Glaucius Oliva durante o show de Renato Teixeira

*Fotos: Fundação
Conrado Wessel*



FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL

CONSELHO CURADOR

PRESIDENTE

José Roberto Drugowich de Felício

CONSELHEIROS

Vahan Agopyan, Soraya Soubhi Smaili,
Rubens Belfort Jr., Franco Maria Lajolo

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETOR-PRESIDENTE E COORDENADOR CULTURAL

Carlos Vogt

DIRETORA FINANCEIRA

Rosemeire Festraets

GERENTE FINANCEIRA

Márcia Lopes de Souza

COORDENADORA ADMINISTRATIVA E SECRETÁRIA

Ivete Silva

CORAGEM! ERNEY PLESSMANN DE CAMARGO E O DESAFIO DE FAZER CIÊNCIA NO BRASIL

COORDENAÇÃO

Carlos Vogt

EDIÇÃO

Heitor Shimizu

ENTREVISTAS

Marina Gomes, Ricardo Muniz e Heitor Shimizu

PROJETO GRÁFICO

Laura Daviña e Natalia Zapella

REVISÃO

Daisy Silva de Lara

© Fundação Conrado Wessel, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coragem! : Erney Plessmann de Camargo
e o desafio de fazer ciência no Brasil. -- 1. ed.
-- São Paulo : Ed. dos Autores, 2023.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-80681-6

1. Biologia - História - Brasil 2. Camargo,
Erney Plessmann de, 1935-2023 3. Ciências
biológicas 4. Histórias de vidas 5. Médicos -
Brasil - Biografia 6. Narrativas pessoais.

23-172592

CDD-610.92
NLM-WZ-100

Índice para catálogo sistemático:

1. Médicos : Biografia e obra 610.92

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Composto nas fontes GT Sectra e GT America e
impresso em papel alta alvura 120g/m³ com tiragem
de 500 exemplares, em setembro de 2023.

DEPOIMENTOS

Alvaro Toubes Prata	Luís Eduardo Aranha Camargo
Anamaria Aranha Camargo	Luís Fernando Aranha Camargo
Carlos Morel	Luís Marcelo Aranha Camargo
Carlos Vogt	Manoel Barral Netto
Clara Lúcia Barbiéri Mestriner	Marcello André Barcinski
Drauzio Varella	Marco Antonio Zago
Franco Maria Lajolo	Maria Lucilene Araujo Barros
Helena Nader	Marta Maria Geraldês Teixeira
Henrique Krieger	Moisés Goldbaum
Isaac Roitman	Oswaldo Shigueru Nakao
Jorge Guimarães	Rubens Belfort Mattos Junior
José Roberto Drugowich de Felício	Soraya Soubhi Smaili
Leormando Dornelas	Vahan Agopyan
Leormando Dornelas Júnior	Wanderley de Souza